



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GABRIEL IRINEI COVALCHUK

PROTEÇÃO ESPIRITUAL E TERRITORIAL: A MANUTENÇÃO DO PODER  
REAL DE LUÍS, O PIEDOSO ATRAVÉS DO EXEMPLO DE CLAUDIO DE  
TURIM, BISPO DE FRONTEIRA (814-827)

CURITIBA, 2021

Gabriel I. Covalchuk

PROTEÇÃO ESPIRITUAL E TERRITORIAL: A MANUTENÇÃO DO PODER  
REAL DE LUÍS, O PIEDOSO ATRAVÉS DO EXEMPLO DE CLAUDIO DE  
TURIM, BISPO DE FRONTEIRA (814-827)

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para à obtenção do grau de Mestre em História  
do Programa de Pós-Graduação em História do  
Setor de Ciências Humanas da Universidade  
Federal do Paraná

Orientador: Dr. Renan Frighetto

CURITIBA, 2021

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –  
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Covalchuk, Gabriel Irinei

Proteção espiritual e territorial : a manutenção do poder real de Luís, o Piedoso através do exemplo de Cláudio de Turim, Bispo de Fronteira (814-827). / Gabriel Irinei Covalchuk. – Curitiba, 2021.

Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas da  
Universidade Federal do Paraná.

Orientador : Prof. Dr. Renan Frighetto

1. Carolíngios. 2. Europa – Idade Média – 814-827. 3. Luís I, Rei dos Francos, d. C 778-840. 4. Cláudio, Bispo de Turim, d. C. 817-839. I. Frighetto, Renan. II. Título.

CDD – 940.1



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO HISTÓRIA -  
40001016009P0

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **GABRIEL IRINEI COVALCHUK** intitulada: **PROTEÇÃO ESPIRITUAL E TERRITORIAL: A MANUTENÇÃO DO PODER REAL DE LUÍS, O PIEDOSO ATRAVÉS DO EXEMPLO DE CLAUDIO DE TURIM, BISPO DE FRONTEIRA (814-827)**., sob orientação do Prof. Dr. RENAN FRIGHETTO, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 29 de Julho de 2021.

Assinatura Eletrônica  
29/07/2021 16:00:51.0  
RENAN FRIGHETTO  
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica  
29/07/2021 16:02:45.0  
THIAGO DAVID STADLER  
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica 2  
9/07/2021 16:07:04.0  
EVERTON GREIN  
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ - CAMPUS DE UNIÃO DA VITÓRIA)

---

Rua General Carneiro, 460, Ed.D.Pedro I, 7º andar, sala 716 - Campus Reitoria - CURITIBA - Paraná - Brasil  
CEP 80060-150 - Tel: (41) 3360-5086 - E-mail: [cpghis@ufpr.br](mailto:cpghis@ufpr.br)  
Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

---

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 103578  
Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp>  
e insira o código 103578

**Dedico a você**

## AGRADECIMENTOS

Essa dissertação carrega o impacto de um ensino médio deficitário, ameaças de cortes de bolsas, pandemia (covid19), mas, sem qualquer chance de dúvida, esses impactos foram duramente, quase, neutralizados pelas pessoas que elencarei aqui. Apesar do agradecimento não carecer de rigorosidade metodológica, sua escrita também possui sua carga, diferente da acadêmica, emocional.

Não poderia iniciar agradecendo outra pessoa senão minha mãe que, durante uma vida, dedicou-se para que eu pudesse estudar; largou seus estudos para que eu tivesse uma boa educação e hoje eu sou mestre. De fato, *amor ad infinitum*.

A meu irmão, que, durante 23 anos, acompanha minhas conversas aleatórias, seja sentado na área de casa, seja via celular, compartilhando a incerteza do futuro e a pressão da vida.

Meu pai, que nos últimos anos, não mediu esforços para que eu conseguisse concluir o mestrado.

A quem eu tenho orgulho e fico honrado de podê-lo chamar de orientador, Professor Renan Frighetto. Sei que as palavras dão conta das coisas, o que me falta é vocabulário para expressar tamanha admiração e respeito, um professor, um pai, um amigo, sempre preocupado não apenas com o trabalho acadêmico, mas com o bem estar dos seus orientandos, um exemplo, um verdadeiro orientador. Se essa dissertação chega ao seu término, é mais pelo seu apoio e incentivo do que qualquer outra força.

Professora Fátima, professora Marcella e professor Dennison que ministraram as disciplinas para obtenção dos créditos necessários para conclusão do mestrado. As devidas críticas e ensinamentos serviram como base desse texto e serão para a vida.

À minha banca de qualificação. Professor Everton Grein que me acompanha desde o meu primeiro ano da graduação, ainda na Universidade Estadual do Paraná. O espelho e toda inspiração inicial, que permanecem até hoje, partiram da sua pessoa. Professor Thiago David Stadler, uma didática e erudição invejável, agradeço por toda contribuição e as devidas críticas ao trabalho.

Thomas Noble, Rosamond McKitterick, Mayke de Jong, Janet Nelson, Julia Smith por terem respondido aos e-mails e mostrado-me que as minhas bibliografias são acessíveis.

Marcelo Cândido da Silva, pela calorosa recepção na Universidade de São Paulo e por toda bibliografia passada.

Aos professores do DEPAAC, mais precisamente latim e grego, Leandro Cardoso, Guilherme Gontijo, Rodrigo Gonçalves, Pedro Ipiranga e Bernardo Lins Brandão e, especialmente, ao Alessandro Rolim de Moura.

Ao professor Carlos Zlatic, poderia passar horas falando sobre tudo o que aprendi contigo, fora todo o companheirismo, as brincadeiras (às vezes sérias), os cafés

pagos, entretanto, eu vivi para ouvir um professor universitário citar Racionais Mc's em uma sala de aula “viver pouco como um rei ou muito como Zé”. Obrigado.

Ao professor Everton Carlos Crema, que é a melhor pessoa que conheço. Suas celebres frases sempre serão guardadas na minha memória. Seu apoio e todas as conversas foram de fundamental importância para que eu conseguisse chegar até aqui. Minha eterna gratidão. *Nunquam me detenebo adversus malum.*

Helena Schütz Leite, aqui um agradecimento especial, por todas as indicações de leituras, sites, traduções, cafés, conselhos e por mais estanho que isso possa soar, pela companhia esportiva. Boa parte da bibliografia presente neste trabalho só foi conseguida graças a sua pessoa.

Jessica Caroline, Jean Lucas Tavares, Juliane Palagi, Bruna Meleck, Eduardo Húngaro, João Pedro, André, Jhoe Heckler, Hemerson dos Santos, Lucas Taraciuk, Thiago Miguel Tosta, Ana Sotocorno e Marcos Zmijewski algumas amizades antigas, outras mais recentes, mas que me servem de sustento ao longo desse tempo.

Nathany Wagenheimer por todas as mensagens nos horários mais variados possíveis, conselhos, incentivos e ajuda. Enfim, a todos os membros e amigos que o NEMED me proporcionou.

Meus tios e tias por todos os livros doados, incentivos, em especial ao tio Ariel e a tia Sueli que foram meus fiadores do apartamento, nomeado como *Ducado Covalchuk-Moreira*, permitindo-me ter um endereço em Curitiba.

Renan Demétrio por todos os ensinamentos, ligações e mensagens de apoio.

Aos atletas do Gato Preto Futebol Clube, especialmente o Professor Arthur Freitas, por tamanha e calorosa recepção. Aos atletas do Basquete da AAHED.

À Maria Cristina Parzowski e ao Yuri Garcia por toda eficiência, por todo carinho, ajuda e também pelas balas “furtadas” cotidianamente da secretaria que serviram para adocicar minha vida.

Ao Luiz Henrique Silva Moreira. Salomão, em provérbios 18.24, escreveu: “Há amigos mais chegados que irmãos”, você está nesse enquadramento. Obrigado por tudo, por tudo mesmo, conselhos, risos, choros, reflexões e, principalmente, pelas correções diárias. Se aprendizado fosse dívida, eu deveria-te o mundo.

Ao CNPQ pela concessão da bolsa, sem a mesma esse trabalho não teria acontecido. E de forma geral ao PPGHIS-UFPR, minha gratidão.

Finalizo agradecendo a ajuda indubitável que alguns chamam de alter ego, outros de “eu interior”, mas eu prefiro chamar de *παράκλητος*.

**O homem que confia no mar consola-se com grandes lucros; o homem que segue a guerra e o acampamento é cingido de ouro; o adulator vil jaz bêbado em um leito de tinta púrpura; o homem que tenta jovens esposas ganha dinheiro por seu pecado; só a eloquência estremece em trapos e frio, e invoca uma arte negligenciada não rentável. (*Petronius, Satyricon*, 83).**

**Quando se traz à memória os feitos dos antigos, bons ou maus, principalmente dos príncipes, encontram-se nelas uma dupla utilidade para os leitores, algumas são para proveito e edificação; outras para cautela. (*Astronumus, Vita Hludowici imperatoris*, prólogo).**

## RESUMO

Na presente pesquisa abordamos a importância de Claudio, bispo de Turim, dentro do Império Carolíngio do século IX. Claudio possuiu um notável destaque na corte de Luís o Piedoso, tanto, que logo após a morte de Carlos Magno, foi nomeado para ser professor e diretor de sua Escola Palatina, em Aquisgran. Apesar de sua excelência nas letras, o mesmo ainda conhecia a manuseio da espada, pois possuía experiência militar devido sua permanência na Marca Hispânica. Em 817 d.C, Claudio foi nomeado à bispo de Turim, possivelmente, para proteger as regiões fronteiriças e diluir o levante de Bernardo, sobrinho do imperador. Através dos seus escritos, anais, capitulares e cartas, buscamos demonstrar como Luís o Piedoso utilizou-se do clero para constituir a manutenção de seu poder, enfatizando a fidelidade.

Palavras-chave: Claudio de Turim, *Hispani*, Império Carolíngio, Luís, o Piedoso.

## ABSTRACT

In the present research we approached the importance of Claudio, bishop of Turin, within the 9th century Carolingian Empire. Claudio had a notable prominence in the court of Louis, the Pious, so much, that right after the death of soon after Charlemagne's death, he was appointed to be a teacher and director of his Palatine School in Aachen. Despite his excellence in letters, he still knew how to handle the sword, as he had military experience due to his permanence in the Hispanic Mark. In 817 AD Claudio was appointed to the bishop of Turin, possibly to protect the border regions and dilute the uprising of Bernardo, the emperor's nephew. Through his writings, annals, capitulars and letters, we seek to demonstrate how Louis, the pious, used the clergy to constitute the maintenance of his power, emphasizing the fidelity

Keywords: Claudius of Turin, *Hispani*, Carolingian Empire, Louis the Pious.

## TABELAS

<b>Cartas de Claudio:</b> .....	84
<b>Registros de caçadas dos imperadores carolíngios</b> .....	106

## **MAPAS**

<b>MAPA 1: Mundo Carolíngio do Século IX.....</b>	<b>22</b>
<b>MAPA 2: Marcas Carolíngias.....</b>	<b>63</b>

## LISTA DE ABRAVIAÇÕES

**AB – Annales Bertiniani**

**AF- Annales Fuldensis**

**AL- Annales Laurissenses**

**KMLP – Karolus Magnus et Leo Papa**

**AMP – Annales Mettense priores**

**NITHARD – Nithard, Libri Historiarum IIII**

**ARF – Annales regni Francorum**

**Reg – Regino de Prüm, Chronicon**

**AV- Annales Vedastini**

**Richer- Richer, Historiarum libri IIII**

**AX – Annales Xantenses**

**TMMP – Einhard, Translatio et miracula sanctorum Marcellini et Petri**

**FLODOARD – Flodoard, Annales**

**VH – Astronomo, Vita Hludowici**

**ERMOLDUS- Ernoldus Nigellus – In honorem Hludowici imperatoris**

**VK- Einhard, Vita Karoli**

**Apologeticum - Apologeticum atquerescriptum Claudii Episcopi adversus**

**Theutmirus Abbatem**

**MGH - Monumenta Germaniae Historica**

**PL – Patrologia Latina**

**PG – Patrologia Graeca**

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>1. LUÍS, O PIEDOSO, GOVERNANTE OU GOVERNADO? .....</b>	<b>21</b>
1.1 As visões historiográficas acerca de Luís .....	30
1.2 As caçadas como ferramenta de manutenção do Poder Real.....	39
1.3 O clero livre do regimento real? .....	47
1.4 Perdendo o reino e os olhos .....	50
<b>2. O ADENTRAMENTO DOS HISPANI NO IMPÉRIO CAROLÍNGIO .....</b>	<b>55</b>
2.1 As fronteiras.....	62
2.2 Mobilidade Forçada .....	65
2.3 Guerra por função ou por fidelidade? .....	71
<b>3. TALVEZ HEREGE, MAS JAMAIS UM TRAIADOR .....</b>	<b>81</b>
3.1 O problema com as imagens .....	86
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>93</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>96</b>

## INTRODUÇÃO

### I

Lendo um capítulo de livro produzido pelo professor Estevão Lemos Cruz<sup>1</sup>, pergunto-me o que acontece se um historiador errar em sua análise, em sua explicação? Pois como refletido em tal obra, se o piloto de avião errar, ou um neurocirurgião cometer um equívoco, vidas serão perdidas. Para o autor, se o filósofo claudicar, depois de duzentos ou trezentos anos de má interpretação o fundamental do texto é perdido e matou-se um mundo. Mas e se o historiador errar? Concluimos que criou-se um mundo inexistente, anacrônico, a qual pode tomar proporções que serão difíceis de apagar.

Nosso foco nessa dissertação não é refletir o Império Carolíngio nos livros didáticos, para isso seria necessário um levantamento de dados dos mesmos e um estudo mais profundo, no entanto, é notório que o espaço dedicado ao Império Carolíngio, ainda tem se concentrado numa imagem gloriosa de Carlos Magno (742-814) em detrimento de seus sucessores no século IX. Apesar desta reflexão partir da educação básica, no cenário acadêmico a moldura seguiu por muito tempo parecida, “o Império que sempre esteve em decadência<sup>2</sup>”.

Embora injustiça histórica seja um vocabulário de difícil uso para um trabalho historiográfico sério, pois o historiador não é juiz e não busca colocar os indivíduos num tribunal e fazer o julgamento decretando o herói e o vilão, alguns personagens ao longo da história sofreram com certos anacronismos, comparações e até mesmo inquietações do presente lançando justificações passadas. Os dois personagens que serão principalmente abordados ao longo deste trabalho, Luís o Piedoso (778-840) e Claudio de Turim (780-827), foram adjetivados de diversas formas no decorrer da história. Na tentativa de mudar esse quadro, buscamos debater e precisar alguns pontos.

Numa reflexão produzida por Ciro Flamarion Cardoso<sup>3</sup>, no I Simpósio do GT Regional Rio de História das Religiões e das Religiosidades da ANPUH- UERJ, um ponto foi ressaltado logo de início, personagens mortos são readaptados conforme interesses, discussões culturais, nacionalistas e para atender necessidades dum

---

<sup>1</sup> CRUZ, Estevão. Pandemia e o negacionismo de cada dia. In: Pandemia e Pandemônia: Ensaio sobre biopolítica no Brasil. Org: CABELO, Mariangela; GHIRALDELLI, Paulo, Jr. SP; CEFA, Editorial, 2020, pg. 55

<sup>2</sup> JONG, Myke de. The Impire that was Always decaying, medieval worlds , No. 2, 2015, p.10.

<sup>3</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=3EG\\_Z7iI4x8&t=219s](https://www.youtube.com/watch?v=3EG_Z7iI4x8&t=219s). Acessado: 09/09/20 às 13:52.

determinado grupo. Claudio representa para alguns o símbolo dos pré-reformadores<sup>4</sup>, para outros, um bispo guerreiro, ademais colocado como detentor de várias heresias, iconoclasta<sup>5</sup>, adocionista<sup>6</sup> e até mesmo valdense<sup>7</sup>. Luís, de mesma forma, representa o declínio, o imperador extremamente piedoso, manipulável, fraco, o pai que não soube controlar os filhos.

Ainda é sabido que uma das principais lutas dos historiadores medievalistas é retirar “as trevas” de seu período, afunilando isso, para um estudioso do governo de Luís, o Piedoso, é demonstrar que não houve um salto historiográfico de 814<sup>8</sup> para 843<sup>9</sup>, e dispersar a ideia que após o esplendor de Carlos Magno o subsequente foi neblinoso.

## II

Logo quando entrei na graduação comecei a me atentar para a propagação do cristianismo aos povos germânicos. Em União da Vitória, na Universidade Estadual do Paraná, tive os primeiros contatos com os povos francos, mais precisamente, com o vínculo da Sé Católica com Pepino, o Breve, mas meu foco ainda eram os estudos sobre o Imperador Constantino, no século IV. Com a publicação de um artigo, no início de 2018<sup>10</sup>, cujo autor foi meu orientador de monografia, Everton Grein, um novo ponto despertava atenção e também um problema histórico, os *hispani*.

Através de um conjunto de fontes, demonstrava-se que as consequências da invasão islâmica de 711 à Hispania visigoda acarretaram em mudanças significativas dentro do Império Carolíngio. Alguns personagens fugindo do jugo sarraceno foram amparados num território denominado como Marca Hispânica<sup>11</sup>, sob proteção dos

<sup>4</sup>BRAGANÇA, Ubirajara, Heróis Anônimos da Reforma: de Cláudio de Turim (séc. IX) a Martinho Lutero (séc.XVI), Rio de Janeiro. Contextualizar, 2017.

<sup>5</sup>Cf. NOBLE, Thomas F. X. Images, iconoclasm and the carolingians. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2009.

<sup>6</sup> Cf. FALBEL, N. Heresias Medievais. Editora: Perspectiva, 1976. 1 edição – reimpressão. São Paulo. 1999. 93p. SCHIMITT, Jean-Claude. Le corps des images. Essais sur la culture visuelle au Moyen Age. Paris: Gallimard, 2002. ORLANDIS, José. La circunstancia histórica del adopcionismo español. Scripta Theologica 26, 1994. Ramon d’Abadal “La batalla Del adopcionismo en la desintegración de la Iglesia Visigoda”. Barcelona: Reial Academia de Buones Lettres, 1949.

<sup>7</sup> Cf. LEMMO, Pasquale. História dos Valdenses. Crescer Mais, 1922.

<sup>8</sup> Morte de Carlos Magno

<sup>9</sup> Tratado de Verdun.

<sup>10</sup> GREIN, Everton. Os Hispani na Corte Carolíngia (séculos VIII-IX). Revista Diálogos Mediterrânicos. Curitiba: UFPR, no.14 – Junho/2018.

<sup>11</sup> Marca era um território fronteiriço cedido a um nobre que tinha como obrigação proteger o reino de ataques. A Marca Hispânica abrangia os territórios entre os Pirenéus e o rio Ebro, fazendo divisa com o Emirado de Córdoba.

governantes francos e uma legislação específica. Dos indivíduos que cresceram em tal espaço<sup>12</sup> um destacou-se a nossa leitura, Claudio de Turim.

Claudio foi elevado ao bispado nos finais dos anos de 817 e é o principal representante do que chamamos de ecos<sup>13</sup> do iconoclasmo oriental no ocidente. Assim elaborei um projeto para abordar como tal bispo tornou-se o principal representante dessa heresia na parte ocidental do Império, quando na oriental a mesma perdia força. Claudio fez ataques ao uso de imagens<sup>14</sup>, relíquias e cruzes<sup>15</sup>, opôs-se às peregrinações para obter a absolvição de pecados e tinha pouca consideração pela autoridade do papa romano devido à sua crença de que todos os bispos eram iguais. Logicamente a ortodoxia iria argumentar tais obras.

Jonas de Orleans (760–843), um de seus questionadores, na carta enviada ao Imperador, apresentando Claudio, diz. “um certo padre de nação hispânica chamado Claudio, que em outro tempo servira como padre de maneira honrosa no seu palácio”<sup>16</sup>. Aqui começou o meu equívoco, mas que acabou ocasionando maior curiosidade e reflexão em minha pesquisa. Com pouca base de latim naqueles anos, olhei verbo *milito*, e pensando ter significado literal, busquei uma vida militar em Claudio.

Certamente para um bom conhecedor do latim o verbo em questão, *milito*, dentro do contexto religioso não provocaria estranheza nenhuma, embora possa ser traduzido como combatente, militante, também pode flexionar como *aquele que serve*. Além disso, várias metáforas são utilizadas no meio religioso, como Paulo escrevendo a Timóteo afirmou “Ninguém que milita se embaraça com negócios desta vida”<sup>17</sup>. Talvez Jonas usou o verbo com a intenção ambígua, ou talvez o sentido era apenas o de servir, visto que nas capitulares o verbo foi usado inúmeras vezes.

Com minha aprovação no Programa de Pós Graduação em História da UFPR, na linha de Cultura e Poder, e conseqüentemente minha chegada à Curitiba, tive acesso à

<sup>12</sup> Bento de Aniane (747-821), Agobardo de Lion (779-840), Prudêncio de Troyes (†861), Teodulfo de Orleães (ca.755-821), Cláudio de Turim (780-ca.827 / 828) e Smaragdo de Saint-Mihiel (760-ca.826).

<sup>13</sup> Podemos afirmar que o iconoclasmo no ocidente não tinha mais a articulação nem a força do iconoclasmo do oriente, sendo apenas um eco dos debates já ocorridos. Cf. LEMERLE, Paul. História de Bizâncio. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

<sup>14</sup> CLAUDIUS TAURINENSIS. Apologeticum atquerescriptum Claudii Episcopi adversus Theutmirum Abbatem. In: MIGNE, J. P. Patrologiae Latinae, Vol. 104 Paris: 1871, p.265

<sup>15</sup> CLAUDIUS TAURINENSIS. Apologeticum, p.267.

<sup>16</sup> PL, 106, p. 306. “*Quendam presbyterum natione hispanum, nomine Claudium, qui aliquid temporis in palatio suo in presbyteratus militaverat honore*”

<sup>17</sup> 2 Timóteo 2:4: “*nemo militans Deo implicat se negotiis saecularibus*”. Cf. HEYDEMANN, Gerda. Nemo militans Deo implicat se saecularia negotia: Carolingian interpretations of II Timothy II. 4. Volume29, Issue1.Special Issue: Themed edition: The early medieval secular. February 2021, p. 55-85.

novas fontes e uma maior reflexão sobre meu objeto. Analisando e estudando o latim de forma mais aprofundada, percebi que o verbo era recorrente no meio religioso como aquele que serve e dificilmente conseguiria encaixar o uso militar, seria forçar a fonte a dizer o que ela não diz, no entanto, inquirindo-me sobre os escritos de Claudio consegui encontrar seus lamentos sobre suas tarefas diárias, diferente das funções sacerdotais, suas reclamações eram sobre as campanhas militares contra os sarracenos em que participava. Refletindo no fato que Claudio não foi nomeado bispo numa região próxima ao palácio de Aquisgran<sup>18</sup>, mas um homem que cresceu dentro de uma região de marca com funções militares, adentraríamos nos estudos dum bispo de fronteira e por sua vez um bispo militar<sup>19</sup>.

Com as reuniões realizadas com meu orientador, percebemos que o tema do iconoclasmo já fora abordado em inúmeras obras, no entanto, o ponto militar de Claudio era praticamente nulo, com pouquíssimas citações, dessa forma ocorreu uma guinada para apresentá-lo como um bispo que defendia seu território armado, tanto de forma espiritual quanto territorial.

Aprofundando no contexto, percebi que determinados grupos que adentraram ao espaço carolíngio tiveram uma relação estreita com Carlos Magno, mas que com a morte do mesmo, seu filho, Luís, o Piedoso, fez um novo grupo de apoio, e novamente dentre essas figuras destacava Claudio. Assim constituí tabelas para compreender os lugares onde Claudio passou e as pessoas as quais ele teve contato, na tentativa de compreender como um homem de outra região conseguiu uma cadeira dentro do clero carolíngio.

### III

O nosso texto está dividido em duas partes principais, três capítulos, possuindo subdivisões em cada item. Na primeira parte busquei mostrar como Luís foi um governando proativo, abordando suas ações nos primeiros anos de seu governo. O recorte abordado tem suas balizas cronológicas nos anos de 814-830, visto que posterior a tal data ocorreram diversos acontecimentos onde imperador foi passivo, ancípite,

---

<sup>18</sup> Iremos chamar a atual cidade alemã de Aquisgran, até mesmo para uma melhor compreensão da pesquisa e documentação no latim. Aquisgran é chamada atualmente de Aachen em alemão e chamada Aix-la-Chapelle em francês.

<sup>19</sup> Chamaremos Claudio de bispo militar e não de guerreiro devido o entendimento que o mesmo protegia sua fronteira e sua região, mas provavelmente em ataques a outros territórios ele não seria deslocado, como aconteceu em outros contextos históricos posteriores ao século IX.

tendo que resolver os problemas internos, geralmente provenientes de sua própria família, como as usurpações e dissensões com seu filhos.

Assim, partimos de uma análise crítica acerca das visões que generalizam o governo de Luís numa linha sequencial de falhas e tropeços, ignorando seus acertos e principalmente seus primeiros anos de governo. Com essa linha de pensamento, mostramos como Luís teve suas conquistas militares externas e embora tais atividades, paulatinamente, estivessem cessando, uma virtude, *fortitudo* (fortaleza) foi mantida através das caçadas, demonstrando também como as mesmas foram importantes na manutenção do poder real de Luís com suas elites.

Outro ponto é demonstrar como Claudio, um bispo de fronteira, foi importante dentro do mundo carolíngio e principalmente no governo de Luís, o Piedoso, ressaltando que sua nomeação pode ser colocada como consequência da infidelidade dos demais membros do clero com o imperador. A revolta de Bernardo, pouco explorado na historiografia, para nós, foi fundamental em todo esse processo, ela é a ponte da primeira divisão de nosso texto para a segunda, pois a tentativa de usurpação, com apoio de certos membros do clero, levaram a nomeação de Claudio.

A segunda parte é propriamente sobre a adentrada dos *Hispani*, sua divisão entre maiores e menores, no Império Carolíngio, o uso dos conceitos de elite e de etnogênese, a vida de Claudio, seu contato com o imperador e seu papel na manutenção do poder real de Luís, partindo de sua mobilidade geográfica e social e de suas obrigações para com o governante.

Como resultado dos debates na disciplina de Seminário I<sup>20</sup>, torna-se necessário demonstrar que Claudio chegou a liderar hostes na Marca da Ligúria, legitimando que não se trata de um bispo que apenas defende o território invadido, mas o que vai até a linha de batalha para guerrear, no entanto, não desloca-se para expedições militares. Sendo assim, a presença do bispo na guerra destacava-se por duas funções, além de conceder a proteção territorial com a espada, concedia a proteção espiritual através das orações e pela própria figura do poder episcopal.

Finalizamos o texto com as cartas de Claudio sobre seu iconoclasmo, afinal, são as últimas informações que temos de nosso objeto, visto que a data de seu penúltimo<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup> Disciplina essa ministrada pela professora Fátima Regina Fernandes.

<sup>21</sup> Último escrito trata-se de uma descoberta de Pascoal Boulhou, sobre o tratado de Josué, 827. Cf. BOULHOL, P. Claude De Turin: Un Évêque Iconoclaste Dans l'Occident Carolingien: Étude Suivie De l'Édition Du Commentaire Sur Josué. Paris, 2002.

escrito, 825, um carta, enviada à corte, foi para defender-se dos argumentos contra suas ideias expostas em cartas anteriores. Tornando indubitável a ideia que Claudio além de não ter sido condenado por seus escritos consideradas iconoclastas, jamais foi condenado por traição, ou seja, a fidelidade o manteve no cargo.

As fontes analisadas para as reflexões desta dissertação, muitas, encontram-se digitalizadas e editadas através de sites de domínio público, *Patrologia Latina* e *Monumentae Germanica Historica*, no entanto, para um estudo mais aprofundado as obras de Cláudio são encontradas nos manuscritos da Biblioteca Apostólica do Vaticano, registrado no *Reg. Lat. 200, ss. 1-6v*<sup>22</sup> e na Biblioteca Nacional de Paris, *lat. 2394 A*, ff. 23-65. Na edição moderna, a obra *Apologeticum atque rescriptum Claudii episcopi adversus Theutmirum abbatem* é encontrada na *Patrologia latina*, ed. Jean-Paul Migne, 221 vols. (Paris, 1844-1864), 105: 459-64. Uma tradução, possuindo algumas complicações, pode ser encontrada em *Early Medieval Theology*, que foi traduzida e editada por George MacCracken e Allen Cabaniis<sup>23</sup>.

Nas traduções presentes no texto, optou-se que nos casos de textos em línguas modernas foi versado para o português e colocado apenas a referência da obra em nota de rodapé. Contudo, nos casos referentes à língua latina ou grega, a tradução foi colocada no corpo do texto acompanhada pelo texto original em nota, além da devida referência.

---

<sup>22</sup> Esse manuscrito é o único sobrevivente sobre o *Apologeticum* de Cláudio, trata-se de um fragmento e encontra-se em domínio público, podendo ser consultado por qualquer indivíduo. [https://digi.vatlib.it/view/MSS\\_Reg.lat.200](https://digi.vatlib.it/view/MSS_Reg.lat.200). Acessado dia 12/12/2020, às 09:47.

<sup>23</sup> MCCRACKEN, George E.; CABANISS, Allen. *Early Medieval Theology*. Filadélfia, The Westminster Press. 1957.

## 1. LUÍS, O PIEDOSO, GOVERNANTE OU GOVERNADO?

Em termos gerais, os monarcas e os imperadores da Primeira Idade Média<sup>24</sup> são descritos pela historiografia como governantes fortes ou fracos, bons ou maus, qualificativos estes nem sempre amparados em dados concretos e efetivos apresentados por uma documentação mais ampla. No Império Carolíngio não seria diferente, tais adjetivos marcam seus imperadores pós Carlos Magno, este visto como o principal expoente de toda a dinastia.

De maneira minuciosa, buscaremos demonstrar como o sucessor de Carlos Magno, seu filho, Luís o Piedoso<sup>25</sup> foi, efetivamente, um governante proativo discordando, assim, de uma historiografia tradicional<sup>26</sup> que colocou no primeiro inúmeros adjetivos positivos, enquanto sobre o último, além de alegarem que todo o peso de seu governo esteve na ação realizada por seus conselheiros, sejam eles laicos ou eclesiásticos, até suas virtudes foram transformadas em vícios.

Embora o governo de Luís tenha passado por diversas instabilidades, vale ressaltar que o mesmo governou por mais tempo como imperador do que qualquer outro carolíngio<sup>27</sup> e foi o último de sua família a governar de forma significativa todo o Império<sup>28</sup>, conforme o mapa a seguir.

---

<sup>24</sup> Aceitando a divisão historiográfica estabelecida por Frigetto, onde a Antiguidade Tardia tem suas balizas cronológicas dos séculos II d.C ao VIII d.c, optamos por chamar os séculos delimitados entre IX até XI, de Primeira Idade Média. Tal vocábulo nós ajudará a fugir de estereótipos como bom ou mau, alto e baixo, assim “Primeira” nos dá o total entendimento que trata-se de um fator inicial.

<sup>25</sup> Luís I (Cassinogilum, 778 – Ingelheim am Rhein, 20 de junho de 840), também conhecido como Luís, o Piedoso ou Luís, nasceu no ano de 778, provavelmente nasceu em Cassinogilum e morreu em Rhein, 840. Foi coroado ainda criança, em 781, como rei da Aquitânia e enviado para tais terras onde cresceu. Com a morte dos irmãos mais velho, sendo o único filho legítimo de Carlos Magno, foi coroado em 814, Imperador, cargo que exerceu até sua morte em 840, com exceção dos anos de 833-834, o qual ficou deposto. Cf. ANNALES REGNI FRANCORUM ET ANNALES Q. D. EINHARDI. Hannoverae Impensis Bibliopolii Hahniani, 1895.

<sup>26</sup> SIMSON, Bernhard. *Jahrbücher des fränkischen Reichs unter Ludwig dem Frommen*, 2 vols. Berlin, 1876. HIMLY, Auguste. *Wala et Louis le Débonnaire*. Paris, 1849. FUNCK, F. X. *Ludwig der Fromme : Geschichte der Auflösung des fränkischen Reichs*. Berlin, 1832. MÜHLBACHER, Englebert. *Deutsche Geschichte under den Karolingern*. Stuttgart, 1896. KLEINCLAUZ Arthur. *L'empire carolingien*. Paris, 1902. LOT, Ferdinand. *La naissance de la France*. Paris, 1948. HALPHEN, Louis. *Charlemagne et l'empire carolingien*. Paris, 1947.

<sup>27</sup> A historiografia francesa demarcou em três dinastias iniciais francas, Merovíngia, Carolíngia e Capetíngia. A primeira que trata-se de uma figura mística, Meroveu, que dá origem ao nome, até o vitória de Carlos Martel, em 732, na Batalha de Poitiers. A segunda, que é nosso foco, inicia com Pepino, o breve, filho de Carlos Martel, até a morte de Luís V, em 987. Destacamos que essas divisões são didáticas e tem inúmeras divergências e sub divisões dentro da historiografia.

<sup>28</sup> Ainda estamos falando de um território unificado, que abrange toda a Gália e a península Itálica, com exceção dos estados pontificais, posterior a Luís, já anteriormente ao tratado de Verdun, o território será dividido em 3 grandes partes, sendo essa a base da formação da Europa Moderna, França, Alemanha e Itália.

MAPA 1: MUNDO CAROLÍNGIO DO SÉCULO IX<sup>29</sup>



Para conseguirmos detalhar com mais precisão as fases e etapas de seu governo, faz-se necessário dividir o mesmo em duas grandes bases e consequentemente em subdivisões. Louis Ganshof<sup>30</sup>, historiador belga, alega que a primeira divisão tem balizas cronológicas entre 814-829, a partir do momento da morte de seu pai, Carlos Magno, sua consequente aclamação e coroação<sup>31</sup>, as reformas da igreja e da regra monástica<sup>32</sup>, capitulares<sup>33</sup>, organização e comunicação mais efetiva de guerra<sup>34</sup>. A segunda divisão, que podemos delimitar entre 830-840, foi o período de conflito interno, as disputas com seus filhos que ocasionaram a primeira<sup>35</sup>, segunda<sup>36</sup> e terceira<sup>37</sup>

<sup>29</sup> <http://andreegg.org/2014/03/26/quando-foi-inventado-o-canto-gregoriano/imperio-carolingio-2/>

<sup>30</sup> Ganshof, FL. *The Carolingians and the Frankish monarchy*, Londres, Longman, 1971.

<sup>31</sup> Coroação essa que aconteceu pelas próprias mãos de Carlos Magno.

<sup>32</sup> Em sua grande maioria administrativas e de preparação clerical e monástica.

<sup>33</sup> As capitulares começaram a serem usadas no reino franco como uma tentativa do rei ou imperador ter um maior controle e um melhor efetivo que suas deliberações feitas por meio da Assembleia, ou de cunho pessoal, seriam seguidos por todos os habitantes daquele reino ou império. O nome capitular deriva de capítulo, pois eram geralmente ordenadas por tal divisão e eram enviado por todas as localidades através de dois *missis*, enviados do senhor, em sua grande maioria, um laico e um clérigo. Cf. GANSHOF, L. *Recherches sur les Capitulaires*. Paris: Sirey, 1958.

<sup>34</sup> Colocando os *missis*, enviados do senhor, ou seja, pessoas encarregadas de informar os decretos do imperador para os quatro cantos do Império, fixos em suas regiões, assim favorecia o contato e aproximação dos mesmo com os receptores das notícias. Ainda contava com maior logística.

<sup>35</sup> A título de contexto, torna-se necessário informar que, em 818, Luís perdeu sua esposa Ermengarda, após dois anos, Luís casou-se com Judite, filha do conde de Altdorfo, um ano após a cerimônia do matrimônio, Judite deu à luz a Carlos. Luís tentava em vários momentos encaixá-lo na divisão realizada

rebelião, até o ano da morte de Luís. Ou seja, a primeira fase foi marcada por um período efetivo de atuação e organização propostas pelo imperador, já na segunda ocorreram dissensões e conflitos gerando insatisfação de grupos aristocráticos e também de seus filhos.

Nossa pesquisa tem como base a primeira divisão estabelecida por Ganshof e dentro deste recorte cronológico objetivamos apresentar Luís, o Piedoso, como um governante dotado de governabilidade. É importante ressaltar que as novas visões sobre o governo de Luís obtiveram uma visibilidade maior, pelo menos no ocidente, com a publicação do livro *Charlemagne's Heir: New Perspectives on the Reign of Louis the Pious* (814-840), organizado por Peter Godman and Roger Collins, no ano de 1990<sup>38</sup>. Contudo, é necessário apontar que é possível mapear a gênese deste debate na década de 50, com obras de Heinrich Fichtenau<sup>39</sup>, Louis Ganshof<sup>40</sup>, Theodor Schieffer<sup>41</sup>.

Como base para tal afirmação, podemos citar a obra de Thomas Noble<sup>42</sup>, onde o mesmo fez um levantamento das discussões que o antecederam acerca de Luís e, embora muitos historiadores o tivessem como um governante fraco, alegou que

---

em 817, onde Lotário obteve o título de co-imperador, Pepino rei da Aquitânia e Luís, rei da Baveira, mas não obteve sucesso. Na dieta de Worms em 829, Luís deu o título de rei da Alamânia para Carlos, o que gerou o descontentamento do filho mais velho, Lotário, por ter seu território diminuído, levando a primeira rebelião contra o pai. *Annales Mettenses priores*, pub. Por B. von Simson. Serie dos Escritores, Rer. Germ.Hannover, 1895. Cf. ANNALES REGNI FRANCORUM ET ANNALES Q. D. EINHARDI. Hannoverae Impensis Bibliopolii Hahniani, 1895, *Annales royales: Annales regni Francorum*, pub. Por F. Kurze. Dos Escritos. Rer. Germ.Hannover, 1895, *Annales Xantenses e Annales Vedastini*, pub. Por B. von Simson, dos Escritores. Rer. Germ. Hannover, 1909.

<sup>36</sup> Provavelmente a guerra que teve efeitos mais complexos dentro do Império. Os anais do Império alegam que Pepino foi mal recebido na corte de seu pai em 832, o que incitou seus nobres à revolta. Lotário percebendo uma brecha para tirar a autoridade de seu pai também uniu forças em 833. O encontro dos exércitos aconteceu em Rothfeld, lugar esse que as fontes narram como *Campus Mendacii* (campo das mentiras). O exército do imperador desertou e ele foi levado preso por Lotário. Em 833, ocorreu um sínodo, presidido por Ebbo – Ebbo é exemplo de caso de patrocínio real, pois era *servus* de Carlos Magno, foi liberto e obteve a cátedra de Reims – que obrigou Luís confessar publicamente inúmeros crimes, cabe ressaltar que Ebbo recebeu a Abadia de Saint Vaast de Lotário, posteriormente. Devido um acordo de Judite com o filho mais novo de Luís, Luís o Germânico, alguns aristocratas da Austrásia Saxônia, o imperador voltou ao trono em 834.

<sup>37</sup> Em 837, Luís coroou Carlos como rei de Alamânia e Borgonha, o que ocasionou a revolta de Luís, o Germânico, no entanto, com apoio de Lotário, a revolta foi apaziguada. Em 838, Pepino morreu, e Carlos, o Calvo, tornou-se o novo rei da Aquitânia. Em 840, Luís morreu, e o Império entrou novamente em uma guerra civil, essa que só seria amenizada com o Tratado de Verdun, em 843.

<sup>38</sup> Obra essa que encontra-se esgotada e nenhuma outra impressão foi realizada.

<sup>39</sup> FICHTENAU, Heinrich. *Das karolingische Imperium*, Zürich, Fretz & Wasmuth 1949.

<sup>40</sup> GANSHOF, Louis. *The Carolingians and the Frankish Monarchy*, ed. and trans. J. Sondheimfr. Ithaca, 1971.

<sup>41</sup> SCHEIFFER, Theodor. *Die Krise des karolingischen Imperiums*. In: *Aus Mittelalter und Neuzeit* (Bonn, 1957), pp. 1-15.

<sup>42</sup> Noble Thomas F. X. *Louis the Pious and his piety re-considered*. In: *Revue belge de philologie et d'histoire*, tome 58, fasc. 2, 1980. *Histoire (depuis l'Antiquité) - Geschiedenis (sedert de Oudheid)* p. 304.

Ganshof, Schieffer and Semmler<sup>43</sup> haviam diminuído a margem de erro dessa balança<sup>44</sup>, Noble também faz questão de destacar o papel importante da escola de Tellenbach<sup>45</sup> com o método prosopográfico para estabelecer a rede com a qual Luís tinha contato, este estudo possibilitou a compreensão da origem dos membros do *entourage* de Luís. O método ainda tem reminiscências em obras da contemporaneidade, dentre as quais é importante destacar o texto de Philippe Depreux<sup>46</sup>.

Embora novas análises e abordagens tenham sido oferecidas na década de 1980, dois pontos mantiveram-se inalterados por grande parte da historiografia. Luís era totalmente dominado pelos membros de sua corte e tinha uma preocupação especial pelos assuntos eclesiásticos, ao ponto de ser indicado como integrante do clero no governo carolíngio<sup>47</sup>. Tal afirmação de sua preferência pelos assuntos vinculados à *ecclesia*<sup>48</sup> católica devia-se, sobretudo, a sua proximidade com importantes integrantes do ambiente eclesiástico, como Bento de Aniane, que Fichtenau descreveu como “vice regente<sup>49</sup>” e com outros bispos e representantes do clero. No entanto, caso Luís tivesse sido um monge em pele de Imperador<sup>50</sup>, como afirmava a historiografia do século XIX, certamente ele adentraria ao mosteiro em 818, 830 ou 833, momentos de turbulências e instabilidade dentro do Império, o que nenhuma das fontes que são acessíveis hoje relatam.

Ainda nesse sentido, analisando as reformas monásticas de 816-817, as abrangentes reformas sociais<sup>51</sup>, legais<sup>52</sup> e religiosas<sup>53</sup> de 818-819, as profundas

<sup>43</sup> SEMMLER, J. *Traditio und Königsschutz*, in *Zeitschrift der Savigny-Stiftung für Rechtsgeschichte*, LXXVI (1959), 1-33 ; SEMMLER, J. *Kirchliche Gesetzgebung und Reichsidee*, in *Zeitschrift für Kirchengeschichte*, LXXI (1960).

<sup>44</sup> “É verdade que nos últimos anos, estudiosos como Ganshof, Schieffer e Semmler, para mencionar apenas três, têm restaurado o equilíbrio em algum momento”. Noble Thomas F. X. *Louis the Pious and his piety re-reconsidered*. In: *Revue belge de philologie et d'histoire*, tome 58, fasc. 2, 1980. *Histoire (depuis l'Antiquité) - Geschiedenis (sedert de Oudheid)* p. 306.

<sup>45</sup> TELLENBACH, Gerd. *Grossfränkische Adel und die Regierung Italiens in der Blütezeit des Karolingerreichs*. In: *Studien und Vorarbeiten zur Geschichte des gross fränkischen und früdeutschen Adels*, ed. Teubenbach, *Forschungen zur oberrheinischen Landesgeschichte*, IV, 1957.

<sup>46</sup> DEPREUX, Philippe. *Prosopographie de l'entourage de Louis le Pieux (781-840)*, Sigmaringen: Thorbecke, 1997.

<sup>47</sup> Cf. JONG, Myke de. *The Impire that was Always decaying*, *medieval worlds*, No. 2, 2015.

<sup>48</sup> Cf. JONG, Mayke de. *The State of the Church: ecclesia and early medieval state formation*. in: W. Pohl and V. Wieser (eds.) *Der frühmittelalterliche Staat: Europäische Perspektive Forschungen zur Geschichte des Mittelalters* 16 (Vienna, 2009), pp. 241-255

<sup>49</sup> FICHTENAU, Heinrich. *Das karolingische Imperium*, Zürich, Fretz & Wasmuth 1949, p.387.

<sup>50</sup> JONG, Myke de. *The Impire that was Always decaying*, *medieval worlds*, No. 2, 2015, p.15.

<sup>51</sup> Controle do preço alimentício, preocupações com os pobres.

<sup>52</sup> Unificação do código jurídico cobrado por Agorbardo de Lion, cf. MGH Leges, Capit. 1. Hannover, 1883, p.290

<sup>53</sup> Restrição de certos costumes seculares no meio dos cleros.

*Admonitio ad omnes regni ordines*<sup>54</sup> de 822 e as reformas eclesiásticas em que Luís embarcou nos últimos anos de sua vida, podemos concluir que ele tentou criar um modo de vida ordenado, sob uma regra, para além da salvação do *imperium*, ou *ecclesia*, a qual se acreditava que Deus havia colocado em suas mãos, uma melhor administração interna.

Mesmo dentro de uma historiografia que reproduzia a imagem de Luís como inepto, houve trabalhos que tentaram destoar de tal visão, como a obra de Louis Ganshof, *The Carolingians and the Frankish monarchy*, de 1957. A partir desta, podemos perceber que ocorreu uma decomposição do Império já nos últimos anos de Carlos Magno. Devemos levar em consideração que Luís assumiu um império com uma grande extensão territorial, que além de não estar bem organizado internamente, em suas fronteiras viviam muçulmanos, bretões, daneses e eslavos.

As realizações do pai de Luís, Carlos Magno, foram muitas e grandes e não há como negar que ele é uma das principais figuras da história e lenda europeias. Mas Carlos Magno tinha seus defeitos, e até mesmo seus fracassos, e há nenhuma razão para defender uma imagem idealizada ou romantizada dele.<sup>55</sup>

Essa mudança de paradigma acerca da percepção dos últimos anos do governo de Carlos Magno e os primeiros anos de Luís, o Piedoso, é localizável no último capítulo da obra de Ganshof, *Louis the Pious and his piety reconsidered*, pois foi através deste que surgiram outros pontos positivos do reinado de Luís, como o sucesso nas marcas bretã, danesa e eslava, a ação hegemônica carolíngia sobre as regiões do centro e do norte da Itália, uma definição concreta do título imperial e novas leis de sucessão. Como é notório, a produção de Ganshof tem grande ênfase nas instituições e é através desta experiência que o autor ressalta as reformulações das assembleias<sup>56</sup> e a separação das mesmas com as ordens dadas para as hostes do Império. Ainda nesse sentido, as capitulares foram melhores preservadas e as correspondências tiveram maior

---

<sup>54</sup> MGH, *Capitularia* I, 303-307.

<sup>55</sup> Noble Thomas F. X. Louis the Pious and his piety re-reconsidered. In: *Revue belge de philologie et d'histoire*, tome 58, fasc. 2, 1980. *Histoire (depuis l'Antiquité) - Geschiedenis (sedert de Oudheid)* p. 306.

<sup>56</sup> As assembleias eram reuniões cujo imperador não tinha como objetivo apenas ter o contato com seus representantes de províncias, mas também com o povo. Geralmente as assembleias eram realizadas no chegar da primavera, pois logo após o desfecho dos assuntos tratados na mesma, ocorria a divulgação das capitulares e da ata conciliar, em seguida, os francos iriam para o campo de batalha. Cf. HALPHEN, Louis. *Carlomagno y el Imperio Carolíngio*. (Trad. Jose Almoína). México: UTEHA, 1955, p.1191

efetividade, inclusive para mobilização do exército. Dentro do palácio real, os funcionários receberam tarefas mais específicas<sup>57</sup>.

Além de Ganshof, concordando com Noble, torna-se necessário abordar a figura de Theodor Schieffer, pois, no mesmo ano em que o historiador belga lançara seu livro, publicou seu *Die Krise des Karolingischen Imperiums*, na Alemanha, revisando o que a historiografia XIX e início do século XX abordava.

Primeiro, os anos de 814 a 840 não devem ser considerados uniformes, pois exibem mudanças constantes. Em segundo lugar, as políticas de Luís não devem ser consideradas desvios radicais das de seu pai. Na realidade, Luís trabalhou duro, embora nem sempre com muito sucesso, para dar conta dos negócios incompletos e às vezes mal iniciados de seu pai. Terceiro, o papel dos reformadores radicais e seus elevados conceitos de governo podem ser facilmente mal interpretados. Em suma ordem, pode-se dizer que esses homens não se opuseram a Luís, nem ele a eles, juntos tentaram implementar um ideal, o ideal de uma comunidade cristã universal onde a paz e a justiça reinassem dentro e as forças do mal fossem mantidas fora. É verdade que Luís e os reformadores às vezes se viam em conflito com propósitos, mas isso não deveria obscurecer tudo o que eles tinham em comum<sup>58</sup>.

Schieffer demonstrava, assim como Ganshof, que o governo de Luís não poderia ser visto como um todo sequencial, mas dividindo os anos de seu governo a compreensão seria melhor, mais precisa e didática. De fato, até o ano de 829, a preocupação do imperador era totalmente vinculada à administração central do Império e às regiões de marcas. Posterior há esse ano, sua preocupação ficou limitada às disputas internas com os seus filhos e as elites.

As obras de Ganshof e Schieffer ganharam uma visão mais ampla vinte três anos depois, quando o título do último capítulo de Ganshof foi reutilizado como uma pequena readequação. Thomas Noble, em 1980, lançou um artigo fazendo observações acerca das reconsiderações do historiador Belga<sup>59</sup>, *Louis the Pious his piety re-considered*.

---

<sup>57</sup> Noble Thomas F. X. Louis the Pious and his piety re-considered. In: *Revue belge de philologie et d'histoire*, tome 58, fasc. 2, 1980. *Histoire (depuis l'Antiquité) - Geschiedenis (sedert de Oudheid)* p. 298.

<sup>58</sup> Noble Thomas F. X. Louis the Pious and his piety re-considered. In: *Revue belge de philologie et d'histoire*, tome 58, fasc. 2, 1980. *Histoire (depuis l'Antiquité) - Geschiedenis (sedert de Oudheid)* p. 304.

<sup>59</sup> Embora esse debate estava se realizando na academia estadunidense, Myke de Jong, como uma estudante de história medieval, na Universidade de Amsterdã, em 1970, encontrava um história carolíngia decadente quase desde seu início, quando Carlos Magno morreu, seu filho fraco e excessivamente piedoso devastou o Império, ou ainda, a decadência começou quando o rei se retirou para Aquisgran após 800, provavelmente incapaz de conter as filhas rebeldes. Para Jong, certamente o declínio havia começado bem e verdadeiramente por volta de 830, quando Luís enfrentou a primeira das rebeliões, e no

Noble, além de demonstrar as contribuições de Ganshof e Schieffer, afirmou que outro autor, Heinrich Fichtenau, também havia adotado uma abordagem semelhante aos mesmos antes de 1957, no entanto, Myke de Jong diverge dessa posição, alegando que, na visão de Fichtenau, Luís foi “um imperador sem força ou recursos, um pai em conflito com seus filhos, um cristão piedoso que se empolgava sempre que agia e, mais ainda, quando deixava as coisas acontecerem<sup>60</sup>”. Possivelmente, Noble viu em Fichtenau tentativas de ações concretas do filho de Carlos Magno que poucos haviam tratado até então, mesmo que, em sua visão, falhas.

Essa hipótese deve-se ao fato de que embora Noble elenque um apelo de Schieffer para reexaminar as ações de Luís de forma conjunta com Ganshof em busca de obras com diferentes visões, até aquele momento os trabalhos de Simson<sup>61</sup>, Himly<sup>62</sup>, Funck<sup>63</sup>, Mühlbacher<sup>64</sup>, Kleinclauz<sup>65</sup>, Lot<sup>66</sup> e Halphen<sup>67</sup> dominavam a interpretação acadêmica, demonstrando um imperador passivo e inoperante, sendo assim Fichtenau entrou com um novo olhar acerca do governo do filho de Carlos Magno.

Em parte, a visão citada na introdução, presente em certos materiais didáticos brasileiros muito se deve a essa historiografia já datada<sup>68</sup>, sem esquecermos o “velho” embate entre a historiografia francesa e a alemã das origens francas, nesse caso, ao problema do nacionalismo do século XIX<sup>69</sup> que expandiu-se à historiografia no século XX.

Nosso foco não adentrará às visões germanista ou romanistas, mas sim no nacionalismo alemão, pois foi neste que buscou a gênese da nação mitificando Carlos Magno como glorioso. Ana Paula Tavares Magalhães<sup>70</sup>, professora de história medieval

---

mais tardar após a morte de Luís em 840 e durante a divisão subsequente do império entre seus filhos restantes em 843.

<sup>60</sup>JONG, Myke de. The Empire that was Always decaying, *medieval worlds*, No. 2, 2015, p.10. FICHTEAU, Heinrich. *Das karolingische Imperium*, Zürich, Fretz & Wasmuth 1949, p. 290.

<sup>61</sup> SIMSON, Bernhard. *Jahrbücher des fränkischen Reichs unter Ludwig dem Frommen*, 2 vols. Berlin, 1876.

<sup>62</sup> HIMLY, Auguste. *Wala et Louis le Débonnaire*. Paris, 1849.

<sup>63</sup> FUNCK, F. X. *Ludwig der Fromme : Geschichte der Auflösung des fränkischen Reichs*. Berlin, 1832.

<sup>64</sup> MÜHLBACHER, Englebert. *Deutsche Geschichte unter den Karolingern*. Stuttgart, 1896.

<sup>65</sup> KLEINCLAUZ Arthur. *L'empire carolingien*. Paris, 1902.

<sup>66</sup> LOT, Ferdinand. *La naissance de la France*. Paris, 1948.

<sup>67</sup> Louis Halphen, *Charlemagne et l'empire carolingien*. Paris, 1947.

<sup>68</sup> Mesmo possuindo certos equívocos, essa historiografia é de suma importância para os debates acerca do governo de Luís o Piedoso, inclusive o levantamento de fontes realizadas por esses autores.

<sup>69</sup> Cf. GEARY, Patrick. O mito das nações: a invenção do nacionalismo. São Paulo: Conrad, 2005. SILVA, Marcelo Cândido. A Realeza Cristã na Alta Idade Média. São Paulo: Alameda, 2008, p.18-27.

<sup>70</sup> MAGALHÃES, Ana Paula Tavares. A historiografia Alemã do Século XIX: Política e Poder na construção do “Mito da Nação”. *Revista Ágora*, Vitória, n. 30, 2019, p. 192-208.

da Universidade de São Paulo, mostrou que as visões de um projeto de identidade nacional na Alemanha, do século XIX, não eram hegemônicas.

...marcado pela relevante produção historiográfica em terras germânicas, não se caracterizou pela hegemonia de um só pensamento e sequer de um só projeto para o Estado em gestação. Na prática, conviveram movimentos que iriam dos nacionalismos xenófobos e isolacionistas aos ideais democráticos de Estado-nação, passando pelo imperialismo de conquista, por fim encampado por Otto von Bismarck e que acabou por triunfar ao término do processo, em 1871.<sup>71</sup>

Para obter uma noção de identidade nacional alemã foi necessário buscar uma base para sua legitimação na formação do Sacro Império Germânico, embora essa fundação tenha ocorrido em 962, por Oto I, entendia-se que Carlos Magno era a cabeça do corpo místico, visto como o grande unificador e mantedor da unidade imperial, pertencentes aos povos germânicos.

O personagem que já era tido como excepcional em seus épicos, ganha então um alavancamento de status. Somando ainda, após o Tratado de Roma, de 1957, com a formação da comunidade europeia, Alcide De Gasperi (1881-1954) Robert Schuman (1886-1963) Konrad Adenauer (1876-1967), homens democratas e cristãos, nomearam Carlos Magno como pai da Europa<sup>72</sup> reforçando ainda mais o mito existente e reavivando o espírito cristão que havia sido deixado de lado por Bismarck. A ideia de um Império unificado que serviu como base para a modernidade europeia, ocasionava a nebulosidade em seus sucessores, pois o salto, diferente da atualidade, 814 para 843, dava-se de 814 para 962.

Nesse sentido, quando as abordagens focavam nos sucessores do padroeiro da Europa as análises e suas paragonações difundiam-se entre governo de pai e filho. Percebemos isso quando José Roberto de Mello<sup>73</sup> destaca o vínculo de Luís ao termo de *rex inutilis*. Halphen afirmou que “este piedoso imperador era ao mesmo tempo um temperamento fraco, propício a se deixar ser dominado por seu séquito<sup>74</sup>”. Talvez

<sup>71</sup> MAGALHÃES, Ana Paula Tavares. A historiografia Alemã do Século XIX: Política e Poder na construção do “Mito da Nação”. Revista Ágora, Vitória, n. 30, 2019, p. 192-208, p193.

<sup>72</sup> Inclusive discursos como o papa João Paulo II, dia 24 de março de 2004, que ao receber o Prémio Carlos Magno, chamou-o de *Pater Europae* (pai da Europa) e salientou a importância de tal figura para o desenvolvimento da herança espiritual-cultural do continente ao longo dos séculos.

<sup>73</sup> MELLO, José Roberto. O Império de Carlos Magno. São Paulo: Ática, 1990. A abordagem do autor tem vinculação, também, com séculos posteriores destacados nas Canções de Gesta do clico de Guilherme de Orange.

<sup>74</sup> HALPHEN, Louis. Carlomagno y el Imperio Carolíngio. (Trad. Jose Almoina). México: UTEHA, 1955, p.189.

Halphen estava embasando-se num dos biógrafos do imperador, Thegano de Tiers<sup>75</sup>, partidário de seu filho, Luís, o germânico, “ele fez tudo com sabedoria e cuidado, e não fez nada precipitadamente, exceto que confiava mais em seus conselheiros do que deveria”<sup>76</sup>

O fato de Luís I ter seguido alguns pontos de seus conselheiros e ter perdoado inúmeras vezes seus filhos ecoou a imagem de um Imperador fraco, embora vincule a sua imagem também como um clérigo, até mesmo pela afirmação de Astrônomo<sup>77</sup>, sua criação foi voltada aos costumes francos. Eginhardo afirma que os jovens eram instruídos nas artes liberais<sup>78</sup>, destacando que, com o crescimento dos mesmos, eles deveriam aprender a cavalaria, praticar a guerra e a caça.<sup>79</sup> Tanto Thegano, quanto Astrônomo abordam várias campanhas militares de Luís e seus êxitos, quando estas cessaram focaram-se nas caçadas, tal ponto estava vinculado a uma virtude, *fortitudo*, fortaleza.

Wallace-Hadrill afirmou que Luís “tomou medidas severas contra os vikings, fato raramente reconhecido”, no entanto, complementa, “Também parece provável que ele fosse temperamentalmente desequilibrado e sujeito a explosões de paixão, raiva e humildade, pois não era um homem de tratamento amável. Era mais fácil para ele fazer inimigos do que fazer amigos<sup>80</sup>”. Provavelmente tal afirmação provém da passagem de Thegano, onde o mesmo alega que o imperador raramente mostrava seus dentes em forma de sorriso<sup>81</sup>. Para Peter Heather<sup>82</sup>, em concordância com John Michael Wallace-

<sup>75</sup> Thegano de Trier (c. 800 – c. 850) autor da *Gesta Hludowici imperatoris*, foi um *chorepiscopus*, retirado do grego *Χορεπίσκοπος* - bispo rural, de Trier.

<sup>76</sup> “*Omnia prudenter et caute agens, nihil indiscrete faciens, preter quod consiliariis suis magis credidit quem opus esset*”. Thégan. *Vita Ludovici imperatoris*, pub. MGH. Serie dos Escritores, t.II, Hannover, 1829, p.204.

<sup>77</sup> Astrônomo afirma que se Luís não fosse designado por Deus para ser Imperador certamente teria ingressado a um convento. Cf. NOBLE, Thomas F.X. *Charlemagne and Louis the Pious: lives by Einhard, Notker, Ermoldus, Thegan, and the Astronomer*. Pennsylvania. The Pennsylvania State University, Press University Park, 2009, p. 277.

<sup>78</sup> As sete artes liberais: Gramática, Retórica e Dialética (trivium) e Aritmética, Lógica, Música e Astronomia (quadrivium).

<sup>79</sup> “*Liberos suos ita censuit instituendos, ut tam filii quam filiae primo liberalibus studiis, quibus et ipse operam dabat erudirentur. Tum filios, eum primum aetas patiebatur, more Francorum equitare, armis ac venatibus exerceri fecit*”. EINHARD, *Vita Karoli Magni*. Ed. G. Waitz, 6 Ed. MGH SRG, Hanover, 1991, p.24.

<sup>80</sup> WALLACE-HADRILL, John M. *El Occidente Bárbaro 400-1000*. Trad. Bernardo Santano Moreno. Sílex ediciones, Madrid, 2014, p.118.

<sup>81</sup> *Numquam in risum exalavit vocem suam, nec quando in summis festivitibus ad leticiam Populi procedebant themilici, scurri et mimi cum coraulis et citharistis ad mensam coram eo tunc ad mensuram ridebat populus coram eo, ille nunquam nec dentes candidos suos in risum ostendit*. Thégan. *Vita Ludovici imperatoris*, pub. MGH. Serie dos Escritores, t.II, Hannover, 1829, p.202-204.

Hadrill, os problemas enfrentados por Luís foram causados mais por sua dureza do que por sua debilidade.

Algumas dessas visões não partem apenas de anacronismo ou de um sentimento bajulador a Carlos Magno, pois tem como base algumas fontes de época, no entanto, essas fontes precisam de um olhar atento e crítico para sua análise, vale destacar que a maioria dos relatos que chegaram até nós e que nos falam acerca do governo ou da figura de Luís, praticamente, nenhuma são dos partidários dele, a maioria são tendenciosos aos seus filhos ou membro de uma elite descontente e, portanto, na visão de uma grande parte da historiografia que tivemos contato, passam uma imagem negativa de Luís, afinal muitos grupos estavam insatisfeitos com o pouco avanço e conquista do território, pois conseqüentemente tinham menos espólios de guerra.

### 1.1 As visões historiográficas acerca de Luís

Para tanto, elencamos aqui três visões que por muito tempo predominaram, e até hoje tem seus ecos sobre Luís.

- 1- Luís sofreu inúmeras comparações com o pai;
- 2- Luís foi considerado um homem de caráter excessivamente fraco e dominado por seus conselheiros;
- 3- Luís foi tão piedoso que se tornou subserviente ao clero e aos interesses de uma elite clerical.

É necessário averiguar tais pontos e problematizá-los. Carlos Magno foi um governante de muitos feitos e muitas conquistas, no entanto, não podemos romantizá-lo a ponto de ignorarmos seus erros e falhas. Como elencando anteriormente, Carlos deixou um Império não hegemônico, com fronteiras que ofereciam um perigo eminente, uma igreja passando por reforma da sua administração e um título imperial não definido<sup>83</sup>, até mesmo porque os debates que giram em torno dos conceitos de reino e império não tinham tamanha relevância inicial, conforme cita Favier, “embora o latim distinga *regnum* e *imperium*, os dois se traduzem igualmente em língua tudesca por Reich<sup>84</sup>”. Lembrando que nem todos membros da elite clerical tinham o conhecimento do latim nesse período dentro do Império Carolíngio.

---

<sup>82</sup> HEATHER, Peter. Prólogo. In: WALLACE-HADRILL, John M. El Occidente Bárbaro 400-1000. Trad. Bernardo Santano Moreno. Sílex ediciones, Madrid, 2014, p.20.

<sup>83</sup> JONG, Myke de. The Impire that was Always decaying, medieval worlds , No. 2, 2015, p.17.

<sup>84</sup> FAVIER, Jean. Carlos Magno. São Paulo: Estação Liberdade, 2004, p.502.

Além desses pontos, elencamos aqui uma problemática. Carlos não precisou se preocupar, diferentemente de Luís, com a sua sucessão. Carlos Magno não teve problemas em passar seu título, afinal Luís era o único filho legítimo sobrevivente e não havia nenhuma outra ameaça de filhos ilegítimos, pois, Pepino, o Corcunda (c.768/67 – 811), já havia sido sentenciado há anos.

Esse caso que Carlos enfrentou com seu filho primogênito ilegítimo deve ser analisado com maiores detalhes, pois o entendimento deste processo nos ajudará na compreensão da revolta de Bernardo, filho de Pepino, da Itália (c.773/75-810), portanto, sobrinho do Imperador, que será analisada mais à frente deste trabalho.

Nesse sentido, fazemos uma crítica a introdução da obra de Depreux<sup>85</sup> que compara o reino de pai com o filho, “o reino do belicoso Davi deu lugar ao do pacífico Salomão”<sup>86</sup>. Refletindo na afirmação sobre os reis de Israel e trazendo para o período carolíngio, assim como Carlos, Luís também foi um imperador de conquistas militares e ambos enfrentaram problemas familiares. Davi também teve complicações referentes aos seus filhos. A narrativa bíblica<sup>87</sup> demonstra que Adonais<sup>88</sup> conspirou contra Davi e auto proclamou-se rei em Israel. Algo parecido ocorreu com Absalão<sup>89</sup> que tentara usurpar o governo do próprio pai<sup>90</sup>, sendo assim, a afirmação não possui concordância, Davi teve problemas com seus filhos, Luiz e Carlos também tiveram, no caso do último demonstraremos abaixo, além disso, ambos os governos foram travados por batalhas.

Pepino foi o filho mais de velho de Carlos com Himiltrude, uma nobre, concubina. Paulo, o diácono, escreve em sua *Gesta Episcoporum Mettensium* que Pepino nasceu “*ante legale connubium*”<sup>91</sup> ou "antes do casamento legal" o que de fato causa inúmeras teorias acerca desse ponto<sup>92</sup>.

<sup>85</sup> DEPREUX, Philippe. Prosopographie de l'entourage de Louis le Pieux (781-840), Sigmaringen: Thorbecke, 1997, p.1.

<sup>86</sup> Tal afirmação aparece nas *Choricon Laureshamense*. Scriptorum (in Folio) (SS), 21, p.356 e Doc. dipl. Lorsch, tome 1, p. 295: “*régnante iam tunc Ludowico pio, Karoli magni ac beati divi imperatoris ac sempre augusti filio, ac veluti post bellicosum patrem David Salemonem pacifico...*”

<sup>87</sup> I Reis 1.5 e 6

<sup>88</sup> Adonias foi o quarto filho de Davi com Hagite.

<sup>89</sup> Foi o terceiro filho que Davi teve, era o único filho com Maacá, filha de Tamai, rei de Gesur.

<sup>90</sup> Davi teve outros problemas com os filhos, embora não venha ao caso citar no corpo do texto, o rei enfrentou o caso de Amnon, seu primogênito, que abusou sexualmente da própria irmã, Tamar.

<sup>91</sup> “*Hic ex Hildegard coniuge quattuor filios et quinque filias procreavit. Habuit tamen, ante legale connubium, ex Himiltrude nobili puella filium nomine Pippinum*” Paulus Diaconus. *Gesta Episcoporum Mettensium* In: MGH, Scriptorum (in Folio) (SS), Ed. Gegorgius H. Pertz. Hannover, 1829, p.265.

<sup>92</sup> O fato de ser concubina causou grande debate na historiografia. A maioria das fontes de época narram a união de Carlos Magno como ilegítima. Percebemos que Eginardo, biógrafo de Carlos, alega que Pepino era filho de uma concubina. Alguns historiadores afirmam que a união entre os dois tratava-se de um *Friedelehe*, termo para uma forma postulada de casamento germânico, um quase-casamento. *Wemple*

Eginhardo traz até nós elementos a respeito da aparência física de Pepino, alegando que ele era “belo de face, mas com a coluna deformada”<sup>93</sup>. Devido esse problema físico, a historiografia deu-lhe o epíteto de Corcunda.

Com o repúdio de Himiltrude por Desiderata e depois por Hildegarda, Pepino foi paulatinamente sendo abandonado e o primogênito de Carlos Magno, de um casamento oficializado pela igreja, Carlos, o Jovem, foi ganhando notoriedade e assumindo os comandos frente às tropas.

Várias hipóteses são elencadas na tentativa de sustentar o abandono de Pepino e a renomeação de Carlomano<sup>94</sup>. Alessandro Barbero<sup>95</sup> alega que além da pressão da nova esposa, Hildegarda, que desejava colocar seus filhos como exclusivos na reivindicação do trono, as imposições católicas ortodoxas colocavam o *friedelehe*<sup>96</sup> em cheque, ou seja, com a mudança de moralidade, os antigos costumes germânicos entravam em contraste com a crença cristã. Outra hipótese<sup>97</sup>, é que a deficiência física de Pepino tenha causado vergonha em Carlos.

Fato, é que uma elite descontente com o governo Imperial, percebeu em Pepino um alvo fácil para uma possível usurpação do poder, assim como também percebeu em Bernardo, sobrinho de Luís, o Piedoso, em 817. Alimentado por uma dupla exclusão, sua e de sua mãe, Pepino, de forma conjunta com essa liderança franca, articulou uma *usurpatio*<sup>98</sup> do trono real.

Eginhardo, de forma sucinta, narrou como aconteceu esse processo. Carlos estava na guerra contra os hunos, era inverno na Baviera, sob a liderança de

(1981) alega que esse “ritual” não foi aceito pela Igreja. Quando o papa Estevão III descreve a relação como um casamento legítimo fica clara sua intenção de impedir a união de Carlos com a filha do rei Desiderio, Desiderata, inimigo do papado.

<sup>93</sup> “*Facie quidem pulcher, sed gibbo deformis*” EINHARD, Vita Karoli Magni. Ed. G. Waitz, 6 Ed. MGH SRG, Hanover, 1991, p.25.

<sup>94</sup> Em 780/781, Carlos mandou Carlomano, o segundo filho dele com Hildegarda, ao papa Adriano, para ele ser rebatizado com o nome de Pepino, futuramente tornando-se Pepino da Itália. Havia um costume carolíngio de nomear crianças recém-nascidas com nome de ancestrais que tiveram boa governabilidade. “*Anno 781. Abiit rex Karolus Roman, et baptizatus est ibi filius eius, qui vocabatur Carlomannus, quem Adrianus papa mutare nomine vocat Peppinum*” CHRONICON MOSSIACENSE. ed. Georg Heinrich PERTZ. Scriptores (in Folio) (SS) 1: [Annales et chronica aevi Carolini], Hannover, 1726 .p.297. “*Ano 782. Karlus Roman denuo adiens, Adrianus papa Peppinum filium regis baptizavit et a sacro fonte suscepit...*” ANNALES LAURISSENSIS MINORES. ed. Georg Heinrich PERTZ. Scriptores (in Folio) (SS) 1: [Annales et chronica aevi Carolini], Hannover, 1726 .p.118.

<sup>95</sup> BARBERO, Alessandro. CARLO MAGNO: Un padre dell’Europa. Bari, Itália. Laterza, 2002.

<sup>96</sup> Cf. Nota 92.

<sup>97</sup> Embora a sociedade carolíngia seja guiada pela bíblia e conseqüentemente passagens como de Levítico 21, 18-23 possam ser interpretadas como conseqüência de impureza, Agostinho sustentou que deficiências físicas não são vinculações ou possessões demoníacas. Cf. Agostinho de Hipona. A Cidade de Deus: (contra os pagãos), parte II. Trad. Oscar Paes Leme. Petrópolis, RJ: Vozes; SP, 2017, p.62.

<sup>98</sup> Usurpação.

determinado grupos francos, Pepino conspirou contra seu pai. O biógrafo de Carlos deixa claro que a traição foi descoberta e todos foram punidos. Pepino teve sua cabeça raspada<sup>99</sup> e foi colocado em um mosteiro na cidade de Prüm.

Essa traição foi descoberta por um homem lombardo que, sabendo da movimentação do filho contra o pai, acabou denunciando-o à corte carolíngia. Rosamond McKitterick<sup>100</sup> aponta que Fardulfo<sup>101</sup>, foi elevado como abade de Saint Denis, em 792, como recompensa pela denúncia.

A parte da punição pode ser mais detalhada através dos anais de Lorsch, pois relatam que Carlos Magno convocou uma assembleia com seus membros francos e seus outros fiéis em Regensburg, em 792, “e todo o povo cristão presente com o rei julgou que Pepino (o Corcunda), bem como aqueles que eram seus cúmplices, nesta conspiração ‘abominável’, deveriam perder tanto suas propriedades quanto suas vidas”<sup>102</sup>. No entanto, os anais relatam que Carlos não queria que ele (Pepino) fosse morto, e comutou a pena para que seu filho fosse submetido ao serviço de Deus<sup>103</sup>.

Nessa assembleia, convocada para julgar os conspiradores, a primeira sentença foi decretada e todos são declarados culpados de alta traição e condenados à morte. Entretanto, Carlos Magno, que parece sempre manter certo carinho pelo seu filho, comutou a sentença de Pepino em uma pena de confinamento para à vida monástica, fazendo dele um monge na Abadia de Prüm<sup>104</sup>. Para Barbero, esse fato demonstra uma nítida esperança de Carlos Magno em seu filho aceitar seu destino religioso, alegando que Pepino foi prometido à cátedra de Metz<sup>105</sup>.

---

<sup>99</sup> Prática da tonsura.

<sup>100</sup> MCKITTERICK, Rosamond. *Charlemagne: The Formation of a European Identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

<sup>101</sup> De origem Lombardo, ficou como abade até sua morte, em 806.

<sup>102</sup> “*Sed Carolus rex, cum cognovisset consilium Peppini et eorum qui cum ipso errant, coadunavit conventum Francorum et aliorum fidelium suorum ad Reganesburuge, ibique universus christianus populus qui cum rege aderat, iudicaverunt et ipsum Pippinum et eos qui consentanei eius erant in ipso consilio nefando, ut simul hereditate et vita privarentur*” ANNALES LAURISSENSIS MINORES. ed. Georg Heinrich PERTZ. *Scriptores (in Folio) (SS) 1: [Annales et chronica aevi Carolini]*, Hannover, 1726 p.35

<sup>103</sup> “*Nam de Pippino filio, quia noluit rex ut occideretur, iudicaverunt Franci, ut ad servitium Dei inclinare debuisset; quod et ita factum est, et misit iam clericum in monastério*”. AL. p. 35

<sup>104</sup> Ele morreu vinte anos mais tarde, em 811, provavelmente de peste.

<sup>105</sup> “Quando, em 791, o bispo de Metz morreu, as pressões foram renovadas, com o único resultado que o Corcunda, agora com mais de vinte anos, organizou uma conspiração contra seu pai; Preso e condenado à morte pela assembleia, Pippin foi salvo pelo rei, que o relegou ao mosteiro de Prüm, onde morreu em 811. Mas a cadeira de Metz sempre permaneceu vaga, como se Carlos Magno esperasse que um dia aquele filho rebelde renunciasse e aceitasse seu destino.”.BARBERO, Alessandro. *Carlo Magno: Un padre dell'Europa*. Bari, Itália. Laterza, 2002, p.97

Essa revolta não foi um caso isolado no governo carolíngio, muitas outras ocorreram durante o governo de Carlos Magno. Eginhardo<sup>106</sup> aponta a *crudelitas*<sup>107</sup> de Fastrada como causa das possíveis conspirações e ainda elenca suas consequências. Embora a morte sempre seja a sentença comum contra os revoltosos, percebemos em várias fontes do período algo tão comum quanto, a *comutatio*<sup>108</sup>. De fato, o caso de Pepino, o Corcunda não expressava algo novo para os habitantes das terras francas, tal mudança já havia ocorrido com Tassilo<sup>109</sup>, pois, em 788, Carlos Magno comutou a pena de morte de um duque da Baviera, ducado esse que era hereditariamente pertencente à família dos agilolfíngios<sup>110</sup>.

Os problemas que Carlos Magno enfrentou a respeito de sua hereditariedade, e que chegaram até nós, foram esses. Luís aprendeu vendo as virtudes de Carlos e aplicou a *comutatio*, assim como o pai, em diversos casos. No entanto, em 817, Luís precisou se preocupar na passagem de seu título de imperador entre seus filhos, não sabemos se ele tinha filhos ilegítimos que poderiam se rebelar assim como o Corcunda fez, mas seu primogênito, Lotário, não era o único vivo e Luís o colocou acima de seus irmãos. Feito esse que ocasionou revoltas logo após a publicação da ata dessa decisão e consequências maiores quando seus filhos mais novos cresceram.

Ainda nesse primeiro ponto sobre comparações de Luís com Carlos, em 1985, Timothy Reuter (1947-2002) tomando como base a decomposição militar apontada por Ganshof, publicou um artigo<sup>111</sup> com relevância imediata para o tema do mundo carolíngio. Reuter deixou sua marca registrada na historiografia argumentando que, ao longo da história da dinastia carolíngia, a pilhagem e tributo haviam sido elementos primordiais na fidelidade dos nobres ao poder carolíngio. Embora se imagine o governo

---

<sup>106</sup> Eginhardo, possivelmente, não queria macular a imagem de Carlos Magno em sua biografia e aponta a culpa de tais revoltas na última mulher do imperador.

<sup>107</sup> Um dos vícios que membros do palácio não deveriam seguir, a crueldade, visto que o imperador deve ter a clemência e a misericórdia.

<sup>108</sup> Uma das virtudes que um imperador deve ter é a *comutatio*, ou seja, comutação da pena.

<sup>109</sup> Tassilo foi duque da Baviera e sobrinho materno de Pepino, quem o tornou duque (portanto, primo de Carlos Magno).

<sup>110</sup>“A exemplo do reino com os merovíngios e da Austrásia com os descendentes de Pepino, o Velho, e de Arnulfo, o ducado da Baviera se tornou hereditário na família dita dos agilulfianos ou dos agilolfíngios. Leais ao rei merovíngio, esses duques não vêm por que devem sê-lo também aos descendentes de Pepino, esses vizinhos que a seus olhos não são mais que seus iguais, e defenderão ardorosamente sua autonomia” FAVIER, Jean. Carlos Magno. São Paulo: Estação Liberdade, 2004, p.54

<sup>111</sup> Reuter, Timothy, The End of Carolingian Military Expansion, in: Peter Godman and Roger Collins (eds.), Charlemagne's Heir: New Perspectives on the Reign of Louis the Pious (814-840) (Oxford, 1990) 391-405.

de Carlos Magno ativo nas guerras até 814, a última campanha verdadeiramente agressiva de Carlos Magno foi contra os ávaros no ano de 796<sup>112</sup>.

Quando Luís assumiu o trono, as tropas militares tiveram um foco puramente defensivo. Outro ponto em questão, é que a amplitude territorial carolíngia havia se tornado um alvo para pilhagens e ataque de populações extra limites, o que levou Luís para uma ação de consolidação interna pautada nas propriedades eclesiásticas, sendo assim, a maior parte da decomposição do império proposta por Ganshof foi resultado de estagnação militar dos carolíngios. Conforme cita Mayke de Jong “É claro que o perdão e a humildade mostrados por Luís, o Piedoso, tornaram-se mais desejáveis à medida que os recursos secavam; a crise interna de 830 era apenas uma questão de estrutura e tempo, não de personalidades ou ideologias”<sup>113</sup>.

Sobre o segundo ponto - Luís governado por seus conselheiros - o mais forte até então. Ganshof elencou uma série de pessoas que tiveram contato direto com Luís e alegou que esses obtiveram inúmeras influências sobre o imperador. Bento de Aniane<sup>114</sup>, Wala<sup>115</sup>, Conde Matifrido<sup>116</sup>, Judith<sup>117</sup>, Drogo<sup>118</sup> e Bernardo, da Septimânia<sup>119</sup>, esses personagens, assim como em qualquer outro governo, são indivíduos que fazem parte do grupo seletivo do Imperador.

<sup>112</sup> H. Pirenne, *Histoire de l'Europe. Des Invasions auxviè siècle*, Paris-Bruxelles, 1939, p. 48

<sup>113</sup> JONG, Myke de. The Empire that was Always decaying, *medieval worlds*, No. 2, 2015, p.11.

<sup>114</sup> Bento de Aniane (721-821), por volta de 780, fundou uma comunidade monástica baseada no ascetismo oriental em Aniane, no Languedoque, mas a comunidade não se desenvolveu como planejado. Em 782, Bento fundou outro mosteiro, desta vez baseado na Regra de São Bento, no mesmo local. Desta vez o sucesso foi tamanho que acabou por dar-lhe grande influência, que Bento utilizou para fundar ou reformar diversos outros mosteiros, tornando-se, efetivamente, o abade de todos os mosteiros do Império Carolíngio. DEPREUX, Philippe. *Prosopographie de l'entourage de Louis le Pieux (781-840)*, Sigmaringen: Thorbecke, 1997, p.123.

<sup>115</sup> Conde e posteriormente abade de Corbie, (780 – 836). DEPREUX, Philippe. *Prosopographie de l'entourage de Louis le Pieux (781-840)*, Sigmaringen: Thorbecke, 1997, p.390.

<sup>116</sup> Foi Conde de Orleans (815-836). Sua principal influência de Matfrid na corte é notavelmente evidenciada por uma carta do arcebispo Agobardo e um poema do bispo Moduino e também de vários diplomas de Luís em 817 e para a abadia de Saint-Gallet em 823. Philippe. *Prosopographie de l'entourage de Louis le Pieux (781-840)*, Sigmaringen: Thorbecke, 1997, 329.

<sup>117</sup> Judite da Baviera ou Judite de Guelfo (795-843) foi a segunda esposa de Luís, o Piedoso. Com seu casamento, Judite tornou-se uma figura influente na corte carolíngia. Entretanto, o nascimento de seu filho Carlos provocou uma grande disputa com os filhos do primeiro casamento de Luís pela sucessão. Vários autores falam de sua beleza estética. DEPREUX, Philippe. *Prosopographie de l'entourage de Louis le Pieux (781-840)*, Sigmaringen: Thorbecke, 1997, 279.

<sup>118</sup> Drogo (801-855) foi um filho ilegítimo do imperador franco Carlos Magno com concubina Regina. Afastado do palácio real por Luís o Piedoso e em 823 nomeado a cadeira de Metz pelo próprio imperador. DEPREUX, Philippe. *Prosopographie de l'entourage de Louis le Pieux (781-840)*, Sigmaringen: Thorbecke, 1997, p.163.

<sup>119</sup> Bernardo de Septimânia (795 – 844) foi um conde de origem carolíngia e governante de Narbona, filho de Guilherme I de Tolosa, primo do imperador Carlos Magno, é descendente de uma das linhagens mais importantes do Império Franco, os Guilhemidas. Desempenhou um importante papel na Aquitânia e na Marca Hispânica, mas também na corte imperial de Luís, o Piedoso, participando em diferentes trabalhos

Embora o argumento que Luís era comandado por essas pessoas tenha como evocação e sustentabilidade os escritos de Thegano é preciso destacar que o mesmo foi um corobispo<sup>120</sup> e devido à nomeação de Ebbo<sup>121</sup>, ao bispado de Reims, teve seus atributos sacerdotais retirados. Percebemos o grau de fereza quando o mesmo atribuiu a culpa da penitência do imperador a uma traição de Ebbo, sendo assim, alegar que o imperador escutava demais seus conselheiros<sup>122</sup> era uma forma de atacar aquele que lhe havia retirados alguns de seus poderes clericais.

Já no terceiro ponto, que evoca a sua piedade e misericórdia foi na opinião de Lot o defeito mortal<sup>123</sup> de um governante. Luís foi misericordioso, tanto que alguns enfatizaram tanto a sua brandura alegando que seria impossível elencar os nomes de todos que tiveram suas cabeças poupadas pelo imperador, provavelmente devido sua alta devoção e “vocaçãõ” ao ministerial sacerdotal que Astrônomo destacou. Lot foi anacrônico em definir que tal virtude levaria ao colapso, visto que a *comutatio* foi inúmeras vezes realizada por governantes antes e durante o Império Carolíngio<sup>124</sup>.

Antes da morte de seus dois irmãos mais velhos, Luís tinha poucas perspectivas para o futuro, exceto permanecer rei da Aquitânia. Como Astrônomo sugeriu, Luís considerou seguir o exemplo de Carlomano<sup>125</sup>, que abdicou do trono em favor de seu

que agitam o império entre 830 e 843, no entanto, foi acusado de trair o imperador com seu esposa, Judite. Foi executado em Toulouse por ordem do rei Carlos, o Calvo. DEPREUX, Philippe. *Prosopographie de l'entourage de Louis le Pieux (781-840)*, Sigmaringen: Thorbecke, 1997, p.137.

<sup>120</sup> Um membro do corpo eclesiástico, entre os bispos e presbíteros, designado para ajudar um bispo diocesano na administração de um distrito rural.

<sup>121</sup> Cf. Nota 35.

<sup>122</sup> Cf. nota 74.

<sup>123</sup> LOT, Ferdinand. *Naissance de la France*. 5 Ed. Librairie Arthème Fayard, Paris, 1948, p. 386

<sup>124</sup> Como na tentativa de usurpação de seu primeiro filho, Pepino, o Corcunda, Cf. MCKITTERICK, Rosamond. *Charlemagne: The Formation of a European Identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. “*Sed Carolus rex, cum cognovisset consilium Peppini et eorum qui cum ipso errant, coadunavit conventum Francorum et aliorum fidelium suorum ad Reganesburuge, ibique universus christianus populus qui cum rege aderat, iudicaverunt et ipsum Pippinum et eos qui consentanei eius erant in ipso consilio nefando, ut simul hereditate et vita privarentur*” ANNALES LAURISSENSIS MINORES. ed. Georg Heinrich PERTZ. *Scriptores (in Folio) (SS) 1: [Annales et chronica aevi Carolini]*, Hannover, 1726 .p.35, ou ainda no caso do Duque Tassilo, cf. *Baioaricum deinde bellum et repente ortum et celeri fine completum est. Quod superbia simul ac socordia Tassilonis ducis excitavit; qui hortatu uxoris quae filia Desiderii regis erat ac patris exilium*” “EINHARD, *Vita Karoli Magni*. Ed. G. Waitz, 6 Ed. MGH SRG, Hanover, 1991, p.14

<sup>125</sup> “*Ut etiam ipse avi fratrum Karlomanni imitari gestiens memorabile exemplum, ipse quoque theoriae comprehendere niteretur culmina vitae. Sed huius voti ne compos fieret, obicem se praebuit regratio patris vel potius divine nutus voluntatis, que pietatis virum noluit sub suae cura solius salutis delitescere, sed potius per eum et sub eo multorum salute adolescere*”. “...e ele até pensou em imitar o exemplo memorável do irmão de seu avô, Carlomano, e se esforçar para alcançar os cumes da vida contemplativa. Para que tal voto não fosse cumprido, seu pai fez uma forte objeção a ele; ou melhor, era um sinal da vontade de Deus que um homem de tão grande piedade não desejasse se calar e pensar apenas em sua própria salvação, mas em vez disso, que a salvação de muitos deveria crescer através dele e debaixo dele”. VH, p.336.

irmão, Pepino, o Breve. Entretanto, os filhos mais velhos de Carlos Magno faleceram, e em 813, quando Luís foi chamado para ser sucessor de seu pai, prontamente o atendeu. Por duas vezes, em 830 e 833<sup>126</sup>, tentaram forçá-lo a entrar na vida monástica e ele recusou firmemente às duas vezes. Em resumo, se Luís tinha ou não um desejo juvenil de entrar em um mosteiro, quando teve oportunidades nunca o realizou. Podemos afirmar, assim, que a passagem de Astrônomo é totalmente retórica, no sentido de mostrar uma vontade divina para que Luís chegasse ao trono. Nenhuma outra fonte, deve-se notar, menciona o desejo de Luís de entrar num mosteiro.

No entanto, o leitor que tem um conhecimento sobre o contexto do século IX, ainda pode estar se perguntando, se de fato Luís não era um membro do clero, e não tinha um grande desejo de seguir a vida monástica, como podemos entender a sua penitência pública em Attigny de 821?

Halphen analisando a penitência de Luís alega que tal ação serviu como um exemplo para todos os membros de seu Império e não como humilhação pessoal, entretanto, essa interpretação não é a mais consensual. Na maioria dos casos, a penitência em Attigny é vista como o ato em que o Imperador foi humilhado na presença de todos os aristocratas e clérigos que ali se encontravam. É fundamental reconhecer que Luís se humilhou, mas não no sentido em que a humilhação<sup>127</sup> costuma ser entendida atualmente. Para tentarmos compreender o que esse feito significou é necessário recorrer a um gênero literário bastante comum na época dos carolíngios, *Specula principum*<sup>128</sup>.

Na maioria das vezes, esses espelhos eram comentários sobre as virtudes dos governantes do Antigo e do Novo Testamento. Uma das maiores dessas virtudes é a humildade, sem essa, um rei nunca poderia ser cristão. Esse fato é repetido várias vezes e sempre reforçando que a humildade era um aspecto essencial do espírito do governo. Visto da perspectiva carolíngia, portanto, a penitência em Attigny deve ser entendida

---

<sup>126</sup> Cf. DE JONG, Mayke. *The Penitential State Authority and Atonement in the Age of Louis the Pious, 814–840*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

<sup>127</sup> Até mesmo pelo fato de que a expressão latina *humilior* é mais ligada a noção de humildade do que humilhação.

<sup>128</sup> Espelho de Príncipe. Gênero esse que foi bastante difundido no período carolíngio com uma série de autores, como por exemplo, Esmaragdo de São Miguel, Eginhardo, Jonas de Orleães, Agobardo de Lyon, Sedulio Scoto, Hincmar de Reims, Paulino de Aquileia, Alcuino de York, Dhuoda.

como um indicador da intensidade dos princípios cristãos nos quais o governo se baseou<sup>129</sup>.

Além disso, através de várias fontes que circulavam no período, podemos afirmar que a penitência em Attigny também foi uma garantia simbólica por meio da qual Luís procurou dar um bom exemplo para os demais membros da elite laica e regular. Smaragdus em sua *Via Regia*<sup>130</sup> e Jonas de Orleans em seu *De Institutionum regia*,<sup>131</sup> ambos exortaram os reis a dar bom exemplo para seus súditos. Ardo, que foi o biógrafo de Bento de Aniane, elogia o ato de humildade dado por seu biografado. O próprio Luís, em várias capitulares, ordenou a todos, desde clérigos paroquiais até altos funcionários, a serem referência aos que estavam sob proteção e vista deles<sup>132</sup>. Se olharmos a penitência de Luís como um ato exemplar ela adapta-se bem às ideias de época.

Mayke de Jong num artigo recente, abordando sua obra de grande visibilidade, *The Penitential State*, alega que “gostaria de ter mostrado ainda mais que humildade e expiação são tipicamente virtudes imperiais, e o mesmo pode ser discutido para outra das virtudes públicas de Luís, uma vez pensada como uma fraqueza particular, a saber, clemência<sup>133</sup>”. Para a autora, a visão contrária de tais qualidades provém de Hauck<sup>134</sup> e de outros estudiosos modernos, que transformaram todas as virtudes, anacronicamente, que Luís poderia ter, em vícios.

Por último, a penitência de Attigny, interpretada de forma equívoca, deu margem para afirmarem que as ações governamentais de Luís na verdade se tratavam de uma grande ideia de organização monástica. Como afirmamos anteriormente esse não era o objetivo, no entanto conforme cita Noble em seu artigo, *The monastic ideal as a model for Empire: The case of Louis the Pious*<sup>135</sup>, o que poderia ter mais efeito que um modo de organização como uma comunidade monástica, onde todos tinham um lugar, conheciam seu lugar e cumpriam bem seus deveres? Que ele era piedoso e misericordioso não pode ser negado, mas isso não significa que as inclinações de Luís

<sup>129</sup> Cf. SOUZA, José Antônio de Camargo (Org.). O reino e o sacerdócio: o pensamento político na Alta Idade Média. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

<sup>130</sup> SMARAGDUS, ABBAS MONASTERII SANCTI MICHAELIS VIRDUNENSIS, *Via Regia*. In: MIGNE, J-P. *Patrologia Latina*. Vol.102. Paris, 1851, col.931-970.

<sup>131</sup> IONAS AURELIANUS. *De Institutionum regia*. In: MIGNE, J-P. *Patrologia Latina*. Vol.106. Paris, 1864, col.428..

<sup>132</sup> *Capitulária regnum Francorum*, pub. Por A. Boretius e V. Krause. MGH, Hannover, 1908, p.467a.

<sup>133</sup> JONG, Myke de. *The Empire that was Always decaying*, *medieval worlds*, No. 2, 2015, p.15.

<sup>134</sup> HAUCK, Albert. *Kirchengeschichte Deutschlands*, 5th ed., Leipzig, 1935, p. 409. O mesmo alega anacronicamente que os adutores de Luís meramente confundiam seus vícios naturais com virtudes.

<sup>135</sup> NOBLE, Thomas F. X. *The Monastic Ideal as a Model for Empire: The Case of Louis the Pious*. *Revue Bénédictine* Volume 86, Issue 3-4. 1976. 235-250.

eram debilitantes, podemos alegar que seu entendimento e apreciação pelo monasticismo foram na tentativa de usar os princípios existentes na administração monástica para fins úteis nos domínios da política e das instituições.

## 1.2 As caçadas como ferramenta de manutenção do Poder Real

Como demonstramos os argumentos negativos acerca de sua forma de organização, formação e administração podem ser questionados, mas ainda há outro ponto a ser debatido, Luís era figura indesejada no poder. Mesmo com a morte de seus irmãos mais velhos, Pepino da Itália (773/775-810) e Carlos, o Jovem (772-811) Carlos Magno não convocou imediatamente Luís à Aquisgran para coroá-lo co-imperador até 813, surgindo uma possível hipótese que havia alguma hesitação na corte sobre as habilidades do terceiro filho de governar o mundo carolíngio.

Para tentar colocar Luís como um herdeiro natural de Carlos Magno foram necessários inúmeros esforços, tanto por parte dele como de seus intelectuais. Eric J. Goldberg<sup>136</sup> mostrou que uma das principais atividades de Luís o Piedoso, a caçada, num primeiro momento entendidas como uma simples distração, mas depois abordadas de uma forma problematizada, também serviram como forma legitimação e manutenção de seu governo<sup>137</sup>. Temos acessos a várias referências sobre as caçadas de Luís, mais do que qualquer outro rei da primeira Idade Média, para ser preciso, foram vinte e setes caçadas registradas ao longo de seu governo, seja através de seus biógrafos, anais ou epistolas<sup>138</sup>.

Enquanto os historiadores anteriormente rejeitavam o herdeiro de Carlos Magno como o “filho pequeno do grande imperador<sup>139</sup>”, alguns estudiosos exploraram o florescimento de escritos históricos, poesias e comentários bíblicos em torno de sua corte, escritos que desempenharam um papel crucial no aprimoramento da imagem pública e política do governante. No entanto, o significado político e ideológico da caça de Luís permanece em debate. Para alguns historiadores ela demonstrava fragilidade nos assuntos reais.

<sup>136</sup> GOLDBERG, Eric J, "Louis the Pious and the Hunt," *Speculum* 88, no. 3, 2013, 613-643.

<sup>137</sup> Ainda assim, há um forte vínculo das caçadas com a *fortitudo*, ou seja, a preparação para as guerras.

<sup>138</sup> Conferir o anexo, tabela extraída do artigo já referenciado de Eric Goldberg.

<sup>139</sup> JONG, Myke de. *The Empire that was Always decaying*, *medieval worlds*, No. 2, 2015, p.13.

Egon Boshof<sup>140</sup> concluiu que a caça imprudente e movida à paixão pode ter contribuído para as grandes crises políticas dos anos 830. Em contrapartida, outros historiadores ofereceram avaliações mais otimistas. Maria Schäpers<sup>141</sup> e Mayke de Jong enfatizaram a importância da caça de Luís como uma afirmação pública da estabilidade política, enquanto Rosamond McKitterick<sup>142</sup> interpretou as numerosas viagens de caça de Luís como um sinal de gerenciamento eficiente do tempo, outros, ainda, conforme afirma Goldberg<sup>143</sup> expressaram interpretações mais positivas da caça carolíngia em geral: provisionar a corte (Régine Le Jan), reforçar os laços de camaradagem entre o rei e os “magnatas” (Janet Nelson), como uma imagem em evolução na poesia da corte (Peter Godman), para simbolizar o domínio do governante sobre a natureza (Paul Dutton), e outros, nem tão positivas assim, como uma arena para competição e conflito político (Martina Giese).

Seguindo a linha de Maria Schäpers e Mayke de Jong a caça era utilizada como uma ferramenta demonstrar estabilidade política, esse embasamento pode ser encontrado nos relatos dos poemas. Nestas narrativas, outro ponto com a natureza também era destacado, a pesca. Astrônomo, nos anos de 831 e 834, narrou que Luís foi aos campos de Vosges<sup>144</sup> não apenas para caçar, como era de costume, mas também para pescar.

Depois das solenidades da Páscoa, o imperador foi para Ingelheim. Então, naquele tempo, sem se importar com sua misericórdia habitual, que, assim como Jó disse de si mesmo, "cresceu com ele desde o início e parece ter emergido com ele do ventre de sua mãe<sup>145</sup>". Ele convocou aqueles que ele havia enviado para diferentes áreas de acordo com o mérito de suas ofensas. Ele restaurou suas propriedades pessoais e, se elas tivessem sido reduzidas, concedeu-lhes o direito de escolher se desejavam permanecer no hábito ou de retornar ao seu status anterior. De lá, o imperador atravessou a região de Remiremont através dos Vosges, onde se dedicou à pesca e à caça ao tempo que quisesse, e enviou seu filho Lotário para a Itália.<sup>146</sup>

<sup>140</sup> BONSHOF, Egon. Ludwig der Fromme. Darmstadt: Primus Verlag, 1996.

<sup>141</sup> SCHÄPERS, Maria. Ludwig der Fromme und die Jagd: Rechtliche, soziale und politische Aspekte. Master's thesis, University of Bonn, 2006.

<sup>142</sup> MCKITTERICK, Rosamond. Charlemagne: The Formation of a European Identity. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

<sup>143</sup> GOLDBERG, Eric J, "Louis the Pious and the Hunt," Speculum 88, no. 3, 2013, 616.

<sup>144</sup> Região próxima a Estrasburgo.

<sup>145</sup> Jó 31,18.

<sup>146</sup> "Paschalibus ergo peractis sollempnibus, ad Ingelunheim imperator perrexit. Ipsa denique tempore consuete non immemor misericordię, que, sicut de se ait Iob, ab initio crevit cum illo et de utero matris videtur cum ipso egressa, eos quos dudum exigentibus meritis per diversa deputaverat loca, evocatos bonis propriis restituit, et si qui attonsi fuerant, utrum sic manere an in habitum redire pristinum vellent, facultatem contribuit. Dehinc imperator in partes Rumerici montis per Uosagum transiit, ibique

Astrônomo buscava demonstrar que o Império estava em paz. Iniciou alegando que o imperador cumpriu as solenidades da Páscoa, que devido a uma misericórdia ingênita resolveu os problemas internos com a devida justiça, e então, com a devida paz, partiu para pescar e caçar, como se tudo estivesse encaminhado e resolvido dentro da administração imperial.

O segundo registro é ainda mais interessante, Astrônomo utiliza um figura de linguagem que atualmente chamamos de personificação<sup>147</sup>, tudo estava correndo tão bem que até a alegria do dia sorriu para o imperador. Todos juntos compartilhavam das mesmas alegrias. Novamente ocorrem as solenidades pascais e o imperador se ausenta para a caça e a pesca.

Enquanto ele estava esperando lá, no meio da Quaresma, até a alegria do dia sorriu para ele, e o canto do ofício da igreja o encorajou, dizendo: "Alegra-te, Jerusalém, e alegra o dia, todos vocês que a amam". Uma grande multidão de seus homens fiéis o encontrou lá, compartilhando alegremente a alegria comum. O imperador os recebeu calorosamente e, agradecendo a integridade de sua lealdade, dispensou alegremente seu filho Pepino para voltar à Aquitânia, e permitiu que o restante voltasse alegremente para os lugares que lhes eram apropriados. Ele mesmo, no entanto, foi a Aquisgran e lá recebeu Judith Augusta, que foi trazida da Itália pelo bispo Ratoldo e Bonifácio, e até Pepino, ele já tinha seu filho Carlos há algum tempo. Ele celebrou a solenidade da Páscoa lá com sua devoção habitual. Após a celebração, dedicou-se à caça nas Ardenas e, após o banquete de Pentecostes, dedicou-se à caça e pesca em Remiremont<sup>148</sup>

Embora os relatos sejam separados por três anos, em ambos é destacado a ajuda do imperador sobre seus súditos, alegria mútua, filhos sempre próximos ao pai e dispensados como se estivessem tudo em pleno acordo, ordem e reafirmado as solenidades da páscoa, afinal o elemento cristão devia reforçar toda a narrativa. Porém o fato de citar, além da caça, a pesca, tem um objetivo. Conforme elenca Goldberg, o

---

*piscationi atque venationi quamdiu libuit indulgit, et filium Hlotharium in Italiam direxit*" Astronomus, *Vita Hludowici imperatoris* 46, MGH SS rer. Germ. 64:466, 492

<sup>147</sup> Personificação é a figura de linguagem que consiste em atribuir a objetos, animais, seres inanimados e elementos da natureza ações humanas.

<sup>148</sup> "Quo consistenti medio quadragesime tempore, arridente etiam letitia ipsius diei et offitii exhortante cantilena ecclesiae ac dicente: Letare Hierusalem, et diem festum agite omnes, qui diligitis eam, maxima multitudo fidelium suorum ibidem occurrit, congratulans letitiae communi. Quos imperator benigne suscipiens et pro fidei integritate gratias agens, Pippinum quidem filium in Aquitaniam cum letitia dimisit, ceteros autem ad loca sibi congrua redire letos permisit. Ipse autem Aquisgrani pervenit, ibique Iudith augustam ab Italia reducentibus Rataldo episcopo et Bonefatio, sed et Pippinum recepit – filium porro Karolum iam dudum secum habebat –, ibidemque pasche sollempnitatem cum solita devotione peregit. Post cuius celebritatem per Arduennam venatione sese exercuit, et post sancti pentecostes festivitatem in partes Romerici montis venationi atque piscationi operam dedit". Astronomus, *Vita Hludowici imperatoris*, 52, MGH SS rer. Germ. 64:466, 492

comentário de Astrônomo relembra a Vida de Augusto, onde Suetônio<sup>149</sup> relatou que o seu biografado começou a pescar imediatamente após as guerras civis<sup>150</sup> (*statim post civilia ela*).

Nesse contexto, é altamente significativo que o Astrônomo tenha colocado suas duas referências a Luís imediatamente após narrar como ele havia recuperado o trono após as rebeliões de 830 e 833. Portanto, quando Astrônomo citou a pesca de Luís estava fazendo, assim também, uma comparação com Carlos Magno, visto que esse também foi narrado pescando em momentos de estabilidade<sup>151</sup>, ainda possui certa ligação com a obra de Suetônio, pois, quando este narrou à pesca de Augusto, buscou transmitir a noção de que o império havia retornado à paz.

A caça também tinha outras funções, uma delas era o vínculo do rei com a elite, além deste ponto, o contato com facoeiros e caçadores também eram constantes, até mesmo longe dos campos. Em vários assuntos reais as figuras que representaram o imperador foram o falcoeiro Gerrico (794-826) e o caçador Dagolfo (xx-839), ademais, o imperador libertou alguns silvicultores de Vosges<sup>152</sup> de obrigações onerosas que não estavam relacionadas à caça. Assim estar no campo em busca dos animais também tinha um vínculo com as camadas intermediárias da sociedade carolíngia. Podemos afirmar que os títulos de associação<sup>153</sup>, definidos por Stuart Arlie, dão suporte para compreender as nomeações em cargos importantes na administração do Império.

A associação da caça ao poder imperial também não era algo novo, pelo contrário, tinha raízes profundas no mundo antigo. Conforme elenca Golderbeg, governantes como Assurbanipal, Alexandre, o Grande e Adriano foram comemorados

<sup>149</sup> Caio Suetônio Tranquilo, (69 d.C.-141 d.C.) foi um escritor latino. Filho de um tribuno da décima-terceira legião, dedicou-se às armas e às letras. Teve prestígio na corte de Adriano, tendo sido secretário as epistolis. Caiu, porém, em desagrado por ter monopolizado o interesse da imperatriz Sabina. Foi afastado no ano 122 e a partir daí passou a se dedicar a escrever história.

<sup>150</sup> Suetonius, *Life of the Caesars*. Trad. Catherine Edwards. UK, Oxford University Press, 2000, p.85. “Imediatamente após as guerras civis, ele parou de participar de exercícios com cavalos ou armas no Campus..para relaxar, ele às vezes ia pescar com uma vara...”

<sup>151</sup> *Annales sancti Amandi*, ed. Georg Heinrich Pertz, MGH SS 1, Hannover, 1826. 800, p.14. “*Carlus rex fuit ad mare, ut piscaret;*

<sup>152</sup> Lugar em que imperador costumava caçar.

<sup>153</sup> Na obra desse historiador vinculado a Universidade de Glasgow, que podemos traduzir por “Títulos de poder e Títulos de Associação”, fica entendido que alguns homens e mulheres, como algumas abadesas, ascenderam aos cargos através do “royal patronage”, ou seja, patrocínio real. Como foi observado por Calos Magno em uma capitular “esses homens – que estavam na administração - não são de maneira alguma provenientes das fileiras dos poderosos, mas das fileiras menores que são fiéis”.. AIRLIE, Stuart. *Bonds of Power and Bonds of Association in the Court Circle of Louis the Pious*. In: *Charlemagne’s Heir: New Perspectives on the Reign of Louis the Pious (814-840)*. Org. Peter Godman and Roger Collins. Clarendon Press – Oxford, 1990, p.169, “*Nequaquam de potentioribus hominibus maiores fiunt, sed de mediocribus, qui fideles sunt*”(MGH Capit. I), no. 32, eh. 60, p. 88

na arte e na literatura por suas façanhas de caça<sup>154</sup>. Segundo Peter Godman<sup>155</sup>, os autores carolíngios, assim como o escritor de Carlos Magno e o Papa Leão tinham como referência os poetas clássicos, especialmente o relato de Virgílio sobre a caçada de Enéias, perto de Cartago, de forma implícita, ou explícita, buscavam alegar que Carlos Magno era um segundo Enéias e novo Augusto.

Não apenas Luís buscava nas caçadas certa legitimação, mas até mesmo os intelectuais a utilizaram para tanto. Desses escritos, três temas principais emergem e são importantes para nosso objetivo, Ideologia imperial, continuidade com Carlos Magno e Ritual de Glória. Se analisarmos o poema de Carlos Magno e o Papa Leão, percebemos que, possivelmente, foi escrito após a sua coroação, e logo no capítulo III, traz Aquisgran como uma “Segunda Roma<sup>156</sup>”.

Quem poderia encontrar palavras para elogiar um rei tão grande, que poderia pensar que os feitos do príncipe poderiam ser descritos em estilo inculto, quando são demais para poetas veteranos? Minhas habilidades são desiguais para Carlos, um rei muito justo em seus atos, cabeça do mundo, amor e modelo de seu povo, venerável herói da Europa, excelente pai, herói, imperador e também senhor da cidade onde floresce uma segunda Roma de novo, sua massa poderosa elevando-se às grandes alturas, as elevadas cúpulas em suas paredes tocando o céu<sup>157</sup>.

Primeiro, ecoando *Karolus Magnus et Leo Papa*<sup>158</sup>, os escritores enfatizaram a ideologia imperial por trás da caçada, fato esse, que foi utilizado pelos escritores da corte de Luís para expandir a imagem do caçador imperial, além disso, reforçando a virtude da *fortitudo*. Segundo, abordando as caçadas que Luís acompanhou seu pai, os autores enfatizaram a continuidade política entre os regimes. Essa pode ter sido uma questão particularmente urgente para Luís, pois seu pai havia favorecido seu irmão mais velho, Carlos. “Ao enfatizar a continuidade na devoção à caçada, portanto, os autores da

<sup>154</sup> GOLDBERG, Eric J, "Louis the Pious and the Hunt," *Speculum* 88, no. 3, 2013, p.616.

<sup>155</sup> Peter Godman. *The Poetic Hunt: From Saint Martin to Charlemagne's Heir..* In: Charlemagne's Heir, ed. Godman and Collins, 565–89

<sup>156</sup> *Karolus magnus et Leo papa*, ed. Ernst Dümmler, MGH Poetae 1 (Berlin: Weidmannsche Buchhandlung, 1881), 366–379. Existe uma tradução deste poema para o inglês, GODMAN, Peter. *Poetry of the Carolingian Renaissance*, London: Gerald Duckworth, 1985, p.196–207

<sup>157</sup> “*Quis poterit tanti praeconia promere regis, Quisve putat sermone rudi se principis acta, Posse referre, senes cum vincant omnia vates? Exsuperatque meum ingenium iustissimus actis Rex Karolus, caput orbis, amor populique decusque, Europae venerandus apex, pater optimus, heros, Augustus, sed et urbe potens, ubi Roma secunda Flore novo, ingenti magna consurgit ad alta, Mole tholis muro praecelsis sidera tangens*”. *Karolus magnus et Leo papa*, ed. Ernst Dümmler, MGH Poetae 1 (Berlin: Weidmannsche Buchhandlung, 1881), 368.

<sup>158</sup> *KMLP*, ed. Ernst Dümmler, MGH Poetae 1 (Berlin: Weidmannsche Buchhandlung, 1881), 366–379. Trata-se de um épico carolíngio anônimo referente ao caminho que conduziria à coroação de Carlos Magno como imperador.

corte apresentaram Luís como o sucessor natural de seu pai, quando, de fato, alguns parecem ter tido suas dúvidas”<sup>159</sup>.

Terceiro, torna-se necessário relembrar que Luís chegou ao trono após o fim das ações militares carolíngias, quando as conquistas carolíngias em todo o Ocidente Latino diminuíram significativamente e sua hegemonia assumiu fronteiras cada vez mais estacionárias, fronteiras essas que passaram a ser defendidas pela diplomacia e pela pequena escala militar<sup>160</sup>. Essa mudança teve impactos grandes, afinal de contas, sem vitórias bélicas não havia desfiles de triunfo, e também, novas concessões de benefícios aos integrantes da elite aristocrática militar, um agravante para o governante que necessitava de apoios políticos. Vale lembrar que, como rei da Aquitânia, Luís teve um dos últimos desfiles de triunfo, quando conseguiu a rendição de Barcelona, que estava sob dominação muçulmana, aos carolíngios em 801.

Sendo assim, num contexto do império cada vez mais estático, a pilhagem e o tributo como única fonte de lealdade aristocrática foram firmemente rejeitadas, e ao invés de preocupar-se com as terras externas, o foco mudou para administração interna, assim o controle real da administração interna da igreja é sinalizado como um recurso alternativo importante e para garantir a legitimidade perante aos aristocratas, e a caçada, corroborando para isso, foi uma forma crucial para demonstração das habilidades de guerreiro, vigor e hombridade, vale ressaltar que até mesmo para Eginardo<sup>161</sup> a caça era um componente essencial da identidade e da masculinidade francas, assim como Ermoldus reforça a presença de Lotário, não obstante a sua jovialidade, caçando com o pai. “O feliz César matou muitos animais; Abatê-los com suas próprias mãos. O rápido Lotário, em plena flor da juventude, matou, ele mesmo, muitos ursos. Outros grupos de homens mataram nos prados muitos animais de diferentes tipos”<sup>162</sup>.

Ao longo do reinado de Luís, vários autores desenvolveram esse tema da caça imperial. O mais antigo deles Teodulfo de Orléans, que possuiu vínculo com Carlos Magno e compôs um pequeno panegírico<sup>163</sup> para o novo imperador. A data exata desse

<sup>159</sup> GOLDBERG, Eric J, "Louis the Pious and the Hunt," *Speculum* 88, no. 3, 2013, 623.

<sup>160</sup> Visto que mover todas as hostes para um guerra estava inviável com tantas dissensões entre os filhos do imperador.

<sup>161</sup> Einhard, *TMMP*, 2.6, *MGH SS* 15/1:247

<sup>162</sup> “Caesar laetus enim dat corpora multa ferarum, Ipse neci, própria perculit atque manu, Hluthariusque cele florens, fretusque inventa ercutit ursosum corpora multa manu. Cartera turba virum passim per prata trucidat Diversi generis multimodasque feras.” Ermoldus Nigellus, *Carmina*, ed. Ernst L. Dümmler, *MGH Poetae latini aevi Carolini* 2, Berlin 1884, livro 4, p.72, verso 507-513.

<sup>163</sup> Conforme define Manuel Rodríguez Gervás , rnyre os diversos meios de propaganda utilizados ao longo da antiguidade tardia, mas que também podemos utilizar na Primeira Idade Média, destacam-se

poema é incerta, mas Teodulfo parece ter escrito isso algum tempo entre a morte de Carlos Magno em janeiro de 814 e seu próprio exílio no final de 817 ou no início de 818. O bispo de Orléans descreveu as façanhas de caça do imperador e invocou a imagem da falcoaria:

Enquanto você persegue bestas selvagens, pode subjugar os pescoços bárbaros; Que você domine a Hispânia, como você mesmo persegue bestas selvagens. Assim como o javali cede a você, o mouro e o árabe podem ceder; Que o sármata se renda, como o javali cede a você. Que você apreenda o pescoço dos orgulhosos, como um elenco de falcões apreende patos; Como um falcão agarra um ganso, assim você pode agarrar o pescoço do orgulhoso.<sup>164</sup>

Este poema de Teodulfo marca a esperança do bispo de o rei subjugar os vizinhos como subjulga sua caça. De fato, a atividade bélica é um dos elementos chaves que se espera de um bom governante carolíngio.

Ainda refletindo sobre a poesia, no livro III, Ermoldus (790-838) descreveu a campanha contra os bretões, em 818 – sendo essa uma das poucas ações militares que ele liderou pessoalmente como imperador – como uma caçada, o poeta comparou os bretões à bestas selvagens que viviam em bosques e matagais, comparou o rei rebelde Murman<sup>165</sup> a uma urso voraz e descreveu o palácio de Murman como um parque de caça cheio de vegetação. A caça era um elemento de formação do jovem pertencente à elite aristocrática, tanto que Ermoldus narrou como Carlos, o Calvo, ainda um bebê, sob o olhar atento de sua mãe Judith, foi autorizado a golpear uma jovem corça trêmula e assim imitar seu pai.<sup>166</sup>

Num sentido um pouco diferente, Walafrido (808-849) foi mais ameno em relação às caçadas, teceu o parque de Aquisgran como a era de ouro presente no livro do profeta bíblico Isaías<sup>167</sup>, no entanto, já no final de seu poema, seguiu as palavras de Teodulfo e interpretou a caça como um símbolo do poder militar do imperador:

pela frequência e pela consolidação de um modelo ideal de imperador os discursos de louvor, chamados de Panegíricos. GERVÁS Manuel José Rodríguez. La imagen del pueblo en el Panegírico de Coripo a Justino II. *Studia historica. Historia antigua*, n.º 16, 1998, págs. 331-346

<sup>164</sup> Theodulfus, Carmina, ed. Ernst Dümmler, MGH Poetae 1 (Berlin: Hahnsche Buchhandlung, 1881), no. 39, p. 531; Godman, Poets and Emperors, 96.

<sup>165</sup> Ermoldus, lines 1304–11, 1346–51, ed. Faral, pp. 102, 104.

<sup>166</sup> Cf. Elizabeth Ward, “*Caesar’s Wife: The Empress Judith*,” in Charlemagne’s Heir, ed. Godman and Collins, 205–27, at 218–19 e GOLDBERG, Eric J, “*Louis the Pious and the Hunt*,” *Speculum* 88, no. 3, 2013, 629.

<sup>167</sup> O lobo viverá com o cordeiro, o leopardo se deitará com a criança, o bezerro e o leão. . . . A vaca e o urso pastarão, seus filhotes se deitarão juntos e o leão comerá palha como o boi”(Isaías 11.6–7).

Assim como o urso, o javali, a lebre tímida e os veados velozes;  
 Antílope, lobo e enorme rebanho de gado selvagem;  
 Tema o seu arco nas adoráveis clareiras,  
 Então, a búlgara e a cur de Sarah, má convidada dos hispânicos,  
 O brutal bretão, astuto danes e pavoroso mouro;  
 Curve o pescoço deles aterrorizado diante de suas mãos veneráveis<sup>168</sup>

Percebemos dessa forma como os intelectuais do Império utilizaram-se de uma atividade aristocrática para legitimar uma continuidade natural do pai com o filho e, ainda no tempo de estagnação de conquistas bélicas, o demonstrar da hombridade, valentia e coragem através das caçadas.

No entanto, as caçadas também demonstram um ponto de controle social, visto que alguns integrantes do universo social carolíngio eram proibidos de realizá-las, como os membros do clero. Essa ação que num primeiro momento pode ser vista como uma simples proibição, num olhar mais atento pode ser um feito concreto para evitar certas usurpações clericais, como aconteceu na Antiguidade Tardia<sup>169</sup>. Fichtenau já afirmava.

Sob Luís, o Piedoso, a campanha contra o exército clerical no palácio, popularmente conhecido como capelães, foi expressamente baseada na alegação de que essas pessoas não pertenciam a nenhum ordo eclesiástico conhecido. A divisão entre os espirituais e leigos, possuíam subdivisões dentro dessa espiritualidade, cânones regulares e clérigos seculares, não deixando lugar para o grupo intermediário que havia sido responsável por tantos excessos, bem como por tantas conquistas positivas, particularmente no campo literário<sup>170</sup>.

A luta de Luís contra o clero armado e participantes de atividades aristocráticas laicas foi destacada pelo autor. Dentro do palácio havia o grupo dentro do clero que andava com as espadas empunhadas. Astrônomo alega que quando Luís chegou ao trono pela primeira vez, quase todos os clérigos “sabiam melhor se dedicar à equitação, aos exercícios militares e ao lançamento de dardos do que à adoração divina<sup>171</sup>”.

<sup>168</sup> “Walahfrid Strabo’s De imagine Tetrici: An Interpretation,” in *Latin Culture and Medieval Germanic Europe*, ed. Richard North and Tette Hofstra, *Germania Latina* 1. Groningen: Egbert Forsten, 1992), 250-255. *Utque timent vestros leatis in saltibus arcus Ursus, aper, timidusque lepus, cervique fugaces, Damma, lupus, immane boumque examen agrestum, Sic Vulgar Sarraque cenus malus hospes Hiberis, Brutus Britto, Danus versutus et horridus Afer Subdat honorandis sua colla exterrita dextris.* Existe uma tradução para a língua inglesa do poema, mas nós não tivemos acesso a mesma; Herren, “*The De imagine Tetrici of Walahfrid Strabo: Edition and Translation*,” *Journal of Medieval Latin* 1, 1991.

<sup>169</sup> Podemos citar aqui à guisa de exemplos, as usurpações da Hispania Visigoda: Paulo contra Wamba / Froya contra Recesvintho, etc.

<sup>170</sup> FICHTENAU, Heinrich. *The Carolingian Empire: The age of Charlemagne*. Trad. Peter Munz. Harper&Row, New York, 1964, p.165.

<sup>171</sup> VH, p. 334. *Num totius Aquitaniae qui videbatur clerus, antequam ei crederetur, utpote sub tyrannisi agens, magis equitationi, bellice exercitationi, missillitum librationi quem operam dare noverat divino cultui..*

Ressaltando que trajes luxuosos, esporas, lanças e punhais, as últimas ferramentas eram utilizadas para atividades cerimoniais, eram o equipamento adequado de caçadores aristocráticos, não de bispos e clérigos.

Na primeira capitular de Carlos Magno que temos acesso, em 769, já havia a proibição do clero pegar em armas e caçar, “2. que os padres não derramam sangue nem de cristãos, nem pagãos. 3. Proibimos todos os que estão a serviço de Deus de caçar e fazer excursões pelos bosques com cães, assim como gaviões e falcões”<sup>172</sup>.

Luís fez algumas proibições para desfazer tal grupo, Astronomo chegou a afirmar que “finalmente, naquele tempo, cintos equipados com cordas douradas e adagas de jóias, roupas refinadas e tornozelos enfeitados com esporas começaram a ser deixados de lado e abandonados pelos bispos e clérigos<sup>173</sup>”. Vale ressaltar que, concordando com o relatório do Astrônomo e Thegano, as capitulares de Luís, posteriormente, não renovaram as frequentes proibições de caça clerical de seus predecessores. O imperador aparentemente considerou a questão finalmente resolvida.

Conforme elencou Eric Goldberg<sup>174</sup>, no que diz respeito à caça, parece que Luís, o Piedoso, não apenas igualou, mas também superou as façanhas de seu famoso pai.

### 1.3 O clero livre do regimento real?

Se nas caçadas Luís buscava uma aproximação e legitimação com seus aristocratas, no campo religioso isso não foi diferente. Como uma das medidas, entre tantas outras, para reformar a igreja, Luís concedeu eleições episcopais livres<sup>175</sup>, logo nos primeiros anos de seu governo, colocando assim a igreja franca em conformidade com as normas eclesiásticas. Anteriormente a indicação para as cadeiras, dentro do Império Carolíngio, provinha do imperador. Devido ao poder que os membros do clero tinham dentro da governabilidade e administração imperial, foi argumentado que o passo de Luís foi tolo<sup>176</sup> e que ele estava abrindo mão de um importante ponto de controle social e religioso, no entanto, um olhar mais atento mostra ao contrário.

<sup>172</sup> “2. *Ut sacerdotes neque christianorum neque paganorum sanguinem fundant. 3. Omnibus servis Dei venationes et silvaticas vagationes cum canibus, et ut accipitres et falcones non habeant, interdiciamus*”. Capitularia regnum Francorum, pub. Por A. Boretius e V. Krause. MGH, Hannover, 1908, p.45

<sup>173</sup> VH, p. 378. “*Denique tunc ceperunt deponi ab episcopis et clericis cingula balteis aureis et gemmeis cultris onerata, exquisiteque vestes sed et calcaria talos onerantia relinquis*”.

<sup>174</sup> GOLDBERG, Eric J, “*Louis the Pious and the Hunt*,” *Speculum* 88, no. 3, 2013, 657.

<sup>175</sup> MGH, Capitular I; 276 : “*Ut scilicet episcopi per electionem cleri et populi*”

<sup>176</sup> Noble Thomas F. X. Louis the Pious and his piety re-reconsidered. In: *Revue belge de philologie et d'histoire*, tome 58, fasc. 2, 1980. *Histoire (depuis l'Antiquité) - Geschiedenis (sedert de Oudheid)* p. 310.

Percebemos, através de Pierre Imbart de La Tour<sup>177</sup>, que independente da forma de eleição, o rei ou imperador sempre exerceu considerável influência. Um exemplo desse fato foi narrado pelo historiador francês, anteriormente citado. Quando um determinado cargo ficava vago, o imperador fazia uma petição ao bispo metropolitano solicitando permissão para prosseguir uma eleição com um indivíduo carolíngio de sua indicação. Com a concordância do bispo era emitido um diploma real. Isso era essencial. A eleição propriamente dita era presidida por um visitante, a qual o imperador queria. Finalmente, o rei poderia, e frequentemente o fez, dirigir um de seus *missi* para presidir uma eleição. Percebemos assim, e em concordância com Noble<sup>178</sup>, que embora Luís tenha feita a concessão de eleições livres, havia numerosos meios legais e extra-legais pelos quais a pressão poderia ser exercida da parte do imperador.

Desses mesmos casos de influência do imperador sobre eleições, podemos destacar que ele nomeou seu meio-irmão, Drogo, bispo de Metz, mesmo ele sendo extremamente jovem<sup>179</sup>. Luís interveio, também, no caso de Hildemano, de Beauvais, Othgaro de Mainz e outros casos poderiam ser citados.

Luís também intervém na Itália, ou assim parece. Um número crescente de francos passou a deter bispados italianos no tempo de Luís, o que é uma sugestão clara de que esses homens foram nomeados e não eleitos. Na verdade, há um documento de Piacenza que ilustra com a maior clareza possível toda a atitude de Luís em relação às eleições episcopais. Em 27 de abril de 819, Luís concedeu eleições livres a Piacenza ‘se houver alguém capaz de governar aquela igreja de acordo com a doutrina evangélica e os estatutos canônicos, e que se mostrará fiel aos reis dos francos’. O significado desta linguagem ficará claro quando for lembrado que vários bispos foram depostos após a rebelião de 833 por sua infidelidade ao imperador.<sup>180</sup>

De fato, pareceu uma estratégia de Luís em permitir que o próprio bispado fizesse suas nomeações. O clero, por sua vez, acreditava que estava ganhando uma certa autonomia, e Luís, além de conquistar o apoio religioso, sabia que conseguiria exercer seu poder nas nomeações e até mesmo nas deposições. No caso da Itália fica ainda mais nítida tal ação, a ordem pedia o seguimento das regras eclesiásticas, mas também exigia

---

<sup>177</sup> IMBART, Pierre de La Tour. Les élections épiscopales dans l'Église de France du IXe au XIIe siècle. Paris, 1891, p. 206.

<sup>178</sup> Noble Thomas F. X. Louis the Pious and his piety re-considered. In: Revue belge de philologie et d'histoire, tome 58, fasc. 2, 1980, p.311.

<sup>179</sup> Astronomer, Vita Hludowici, 36, MGH, Scriptorum, II: 627.

<sup>180</sup> Noble Thomas F. X. Louis the Pious and his piety re-considered. In: Revue belge de philologie et d'histoire, tome 58, fasc. 2, 1980, p.311-312.

que o nomeado fosse fiel ao imperador, quando o primeiro quesito foi quebrado Luís não interferiu<sup>181</sup>, já no segundo a ação imperial era eminente.

É claro que a fidelidade, sem dúvida, era um elemento chave para o bispo na sua condição episcopal, sendo assim, num período de revoltas e tentativas de usurpações, alguns eventos marcaram a mudança de personagens dentro do corpo laico e também do eclesiástico. Apesar de geralmente destacar-se o ano de 833 d.c, com a deposição de Luís, o Piedoso do poder, podemos abordar um fato anterior - que pouco foi debatido na historiografia e que merece um olhar mais atento - a Revolta de Bernardo, ocorrida em 817.

O espaço da península Itálica foi alvo de inúmeras batalhas de conquista, podemos retomar o ano de 568, quando o rei dos Lombardos Alboíno conquistou a Itália Bizantina, e que frequentemente ameaçava a Sé Católica<sup>182</sup>, permanecendo até 774, quando a coroa de ferro, sinal mor do seu povo, foi conquistada pelo rei franco, Carlos Magno<sup>183</sup>.

Essa região era visada, pois ter acesso a esse território era a garantia de comércio com outras regiões que chegavam até o mediterrâneo, embora Pirenne<sup>184</sup> afirme que depois da expansão muçulmana ocorreu o fechamento do Mar Mediterrâneo, hoje temos revisitações<sup>185</sup> a sua tese e percebemos que o autor buscou demonstrar que o comércio foi reduzido, teve certo controle sobre o mesmo, mas não que trocas comerciais foram totalmente anuladas.

Na época de Luís o controle dos territórios itálicos era importante sobre esse aspecto econômico. Na perspectiva política, a ameaça muçulmana sobre os territórios marítimos da Itália e do sul da Gália recaía, também, sobre Roma e o papado, aliados dos carolíngios, e poderiam causar sérios danos. Já na esfera religiosa é válido salientar que a sede do cristianismo se encontrava lá, ter proximidade com o Papa causava um status dentro do bispado. No entanto, quem governava a Itália era seu sobrinho, Bernardo, filho de Pepino, que morreu em 810, e que foi mantido no governo de Carlos

---

<sup>181</sup> Podemos perceber isso no caso de Claudio de Turim, que mesmo sob denúncias de heresias não foi deposto e, especificamente, nunca foi condenado como um herege.

<sup>182</sup> Esse foi um problema maior a partir da segunda metade do século VII, com maior intensidade na primeira metade do VIII. Os bizantinos haviam abandonado o Papado à sua própria sorte, nesse momento surgem os carolíngios, ávidos pelo reconhecimento de sua usurpação com Pepino III, o breve.

<sup>183</sup> Tal conquista atribuiu ao rei franco um novo epíteto, *Carolus rex francorum et langobardorum*.

<sup>184</sup> Cf. PIRENNE, Henri. *As Cidades na Idade Média*. Lisboa: Europa-América, 1962 e PIRENNE, Henri. *Mahomet e Charlemagne*. Paris: Quadrige, 1992.

<sup>185</sup> D'ASSUNÇÃO BARROS, José. Revisitando uma polêmica: as teses de Henri Pirenne sobre a Economia. *Econ. e Desenv.*, Santa Maria, vol. 26, n.2, p. 43 - 55, jul. - dez. 2014.

Magno e também na *Ordenatio*<sup>186</sup> de 817, mas, não contente com a nova divisão que Luís, o Piedoso fez, possivelmente buscando mais espaço, rebelou-se.

#### 1.4 Perdendo o reino e os olhos

Foi logo nos primeiros anos do governo de Luís, mais precisamente no terceiro ano depois de ser coroado que a fragilidade da sua vida e a certeza da morte<sup>187</sup> o levaram a tomar as medidas necessárias para sua sucessão. Agobardo, lembrando dos acordos de fidelidade<sup>188</sup> e das palavras de Luís, trouxe à tona a celebre pergunta realizada no início do Concílio, “Um homem deveria adiar o que diz respeito à estabilidade do reino e à força do governo ou não?”<sup>189</sup>. Logicamente a resposta por parte dos membros da reunião foi positiva em relação ao não adiamento do que configura na ordem e mantimento do Império.

Na mesma Assembleia Geral (817) que foi decidido sobre a reforma dos mosteiros masculinos, também foi definido a partilha do poder político entre seus herdeiros. A decisão colocou Lotário, (aproximadamente vinte anos), seu primogênito, como co-imperador e o mesmo deveria exercer seu poder junto ao seu pai, sendo o único herdeiro do Império. Pepino (aproximadamente treze anos) ficou com a coroa real da Aquitânia, que já havia sido transferida para ele em 814, e Luís (aproximadamente

<sup>186</sup> Seu texto chegou até nós em um único manuscrito, marcado ms. Paris lat. 2718 fol. 76 r -77 v, que é uma cópia inserida em um códice, Parisiensis latinus 2718, da antiga colegiada de Saint-Martin em Tours e mantida em Paris, pela Biblioteca Nacional da França. Seu conteúdo trata-se da divisão territorial e do título de imperador após a morte de Luís, o Piedoso, Lotário filho mais velho, é nomeado o sucessor principal e é imediatamente coroado por seu pai como imperador associado. Os territórios sob seu poder não são descritos, uma vez que ele herda o *imperium*. Seus dois irmãos exerceram apenas autoridade limitada. Pepino, o jovem, recebeu o ducado da Aquitânia, o de Vasconie e a marca de Toulouse; Luís, o germânico, na Baviera.

<sup>187</sup> “Perhaps Louis saw intimations of mortality — and divine intervention when he was nearly killed by a collapsing beam as he processed through a wooden arcade at Aachen on Maundy Thursday 817”. NELSON, Janet L. The Frankish kingdoms, 814-898: The West. In: The New Cambridge Medieval History. Volume II c.700-c.900. Ed. Rosamond McKitterick. Cambridge University Press. Cambridge, 1995, p.112. Bury afirma que “Louis and his court were crossing a wooden gallery from the cathedral to the palace in Aachen when the gallery collapsed, killing many. Louis, having barely survived and feeling the imminent danger of death, began planning for his succession; three months later he issued an *Ordinatio Imperii*, an imperial decree that laid out plans for an orderly succession”. Cf. The Cambridge Medieval History: Maps III. Germany and the Western Empire. 3. Front Cover. John Bagnell Bury. Plantagenet Publishing, 1922, p. 21. Luís e sua corte estavam atravessando uma galeria de madeira da catedral até o palácio de Aachen quando a galeria desabou, matando muitos. Luís, mal tendo sobrevivido e sentindo o perigo iminente da morte, começou a planejar sua sucessão; três meses depois, ele emitiu uma *Ordinatio Imperii*, um decreto imperial que estabelecia planos para uma sucessão ordenada.

<sup>188</sup> Agobardo também aborda que Luís deu ordens para que todos, além fazerem a “máxima bondade” nesse período, também jejuassem por três dias. Ademais, foi ordenado que as ações fossem anotadas, escritas, assinadas e corroboradas. Para legitimar tal acordo, Lotário foi enviado à Roma para a aprovação do mais alto pontífice

<sup>189</sup> “*Quod ad stabilimentum regni pertinet, et ad robur regiminis, debet homo differre, na non?*” AGOBARDUS LUGDUNENSIS. *Flebilis epistola de divisione imperii Francorum inter filios imperatoris*. In: MIGNE, J. P. *Patrologiae Latinae*, Vol. 104. Paris: 1864.p.289

onze ou doze anos), ficou designado como rei da Baviera. Salientamos que os dois filhos menores do imperador deveriam governar sob a direção de Lotário, inclusive, não poderiam nem contrair matrimônios sem seu consentimento.

Logicamente a *Ordinatio imperii* de 817 não agradou a todos, os filhos menores de Luís eram muito novos para conseguir intervir nesse processo, no entanto, o sobrinho do imperador, Bernardo da Itália, que na opinião de Favier<sup>190</sup>, foi ignorado por Luís, motivado por alguns membros da corte e também por bispos, como Teofuldo de Orleães, provocou uma rebelião contra o governo do tio.

Logo que o imperador descobriu tal movimentação, assumiu pessoalmente o comando das tropas e dirigiu-se à Itália. Graças às reformas promovidas no início do governo e consequente rapidez do exército real, somadas ao não desenrolar da rebelião para Gália (que era o objetivo), Bernardo foi abandonado por uma boa parte de seus apoiadores e assim desistiu de lutar, rendendo-se a Luís.

A Assembleia Geral, devido ao desfecho da rebelião, foi antecipada para o início de 818, definindo que os não pertencentes ao universo eclesiástico, que também abrange Bernardo, seriam condenados à morte por crime contra *maiestas*, já os membros do clero seriam depostos. No entanto, novamente como em outros acontecimentos ocorreu a já citada *comutatio* por ordem do imperador. Os eclesiásticos que participaram da rebelião receberam suas punições de acordo com seu grau de culpa, alguns foram exilados, outros encarcerados em monastérios para fazerem penitência perpétua, e como medida de misericórdia sobre os laicos, em vez de executá-los, a sentença foi de cegá-los. Bernardo, como um dos cegados, morreu dois dias depois, devido a tal suplicio. Quem assumiu o governo da Itália foi Lotário.

Bernardo morreu no terceiro dia após ser cegado. Quando o imperador ouviu isso, chorou com grande tristeza por um longo tempo e confessou na presença de todos os seus bispos, e, a seu julgamento, penitenciou apenas por esse motivo: não impediu que seus conselheiros executassem essa conduta. Como resultado, ele deu muito aos pobres pela purificação de sua alma<sup>191</sup>.

<sup>190</sup> FAVIER, Jean. Carlos Magno. São Paulo: Estação Liberdade, 2004, p.453.

<sup>191</sup> “*Tercio die post amissionem luminun Bernhardus obiit. Quod audiens imperator, magno cum dolore flevit multis temporibus, et confessionem dedit coram omnibus episcopis suis, et iudicio eorum penitentiam suscepit propter hoc tantum, quia non prohibuit consiliariis suis hanc debilitatem agere. Ob hanc causam multa dedit pauperibus propter purgationem anime sue.* THEGANUS. Vita Ludovici imperatoris, pub. MGH. Serie dos Escritores, t.II, Hannover, 1829, [23],p.212.

A morte de Bernardo foi narrada por três vias distintas:

- 1- Suicídio. Segundo a narrativa de Astrônomo, o sobrinho do imperador acabou ceifando sua própria vida, “pois Bernardo e Reginhero sofreram tanto com a perda de seus olhos que provocaram uma morte amarga em si mesmos”<sup>192</sup>
- 2- Morte por complicações do súplicio. As narrativas do anais fazem da morte de Bernardo uma consequência da pena, afinal o indivíduo não estava livre de complicações pós condenação.
- 3- Assassinado. Nitardo, partidário de Carlos, o Calvo, escreveu que Bernardo, então mantido como rei da Itália, após a morte de seu pai, “pouco depois, rebelou-se e foi capturado, cegado e morto por Bertmundo, prefeito da província de Lion”.<sup>193</sup>

Cada narrativa está embuída de uma justificativa por trás, afinal afirmar que Bernardo suicidou-se, numa época onde o cristianismo cerca as bases sociais e do campo da ação, era dizer que além do mesmo ter se levantado contra o Imperador, um crime, o indivíduo era tão depravado que tirou sua própria vida. As narrativas oficiais buscaram mostrar complicações legais, que poderiam acontecer sem deixar resquícios de culpa ao governante. Já a última, narrado mais tardiamente, numa possível análise, poderia culpabilizar o próprio prefeito de Lion.

Embora as narrativas tenham divergências entre as excuções em si, o resultado final é unânime, Bernardo morreu. Thegano narrou como a tristeza pela morte de seu sobrinho levou o imperador a uma penitência. Reforçando o caráter cristão do Império demonstrava o exemplo que até mesmo o imperador, para obtenção do perdão divino, doaria aos pobres.

Além das figuras laicas envolvidas na revolta, pessoas do universo eclesiástico, que tinham grande destaque político no governo de Carlos, foram perdendo prestígio e espaço no governo de Luís. Na tentativa de retomarem seus lugares de destaque acabaram incitando certos membros das elites políticas, filhos bastardos ou sobrinhos dos governantes, para usurparem o poder. No caso da revolta de Bernardo enfatizamos

---

<sup>192</sup> “*etenim Berhardus et Reginherius, dum impatientius oculorum tulerunt ablationem, mortis sibi consciverunt acerbitarem*” ASTRONOMUS, *Vita Hludovici Pii*, em MGH, serie dos Escritores, t. II, Hannover, 1829, p.386

<sup>193</sup> “*Qui quoniam ab o Paulo post defecit, capitur et a Bertmundo Lugdunensis provinciae praefecto luminibus et vita periter privatur*” NITARDO. *Historiarum Libri Quattuor*. Ernestus Müller. (ed.) MGH Scriptores, SS 2. Hannover, 1907, p. 2

Teodulfo de Orleães, um bispo de extrema importância no governo de Carlos Magno, mas que acabou exilado, perdendo sua cadeira e sendo posteriormente envenenado.<sup>194</sup> Como consequência, novos bispos, próximos a Luís foram colocados nas cátedras, dentre esses, Claudio, nomeado bispo de Turim no final de 817 e início de 818.

Os jogos de poder parecem se intensificar com o passar do tempo, sendo assim, no ano de 821, Luís decidiu anistiar todos os sentenciados na rebelião de Bernardo, além do perdão também restituiu todos os bens confiscados. Na Assembleia Geral do ano seguinte, em Attigny, o imperador decidiu estender as medidas de misericórdia aos seus irmãos bastardos que haviam sido reclusos a monastérios<sup>195</sup>, como Drogo, que foi nomeado bispo de Metz, e Hugo, abade de Cluny. Foi nessa mesma Assembleia que Luís o Piedoso decidiu retirar um período de penitência como remissão do caso de Bernardo.

A penitência pública de Luís foi bem abordada por Mayke de Jong<sup>196</sup>. Acreditamos que a penitência, olhada de forma superficial e anacrônica, favoreceu para a imagem de um imperador governado pela igreja, como foi ressaltado anteriormente este fato ainda divide opiniões e também a historiografia. A revolta de Bernardo é um dos exemplos que podem ajudar a sustentar a hipótese de que os pontos mal definidos por Carlos a respeito da sucessão acabaram ecoando no reinado do filho. Afinal de conta, mesmo Carlos, o Jovem, ganhando cada vez mais espaço e liderando as tropas de forma conjunto com o pai, a esperança de ascender ao lugar de Carlos Magno possivelmente pairava na mente dos três filhos, todos nomeados como *rex*, ainda mais pelo costume franco de repartição territorial entre todos os filhos, o que poderia resultar em confrontos vindouros. Na *Ordinatio Imperii* de 817, Luís deixou claro que Lotário seria o único e absoluto herdeiro da coroa imperial, de tal forma que no mesmo ano da Assembleia que definiu a sucessão real já eclodiu a revolta do rei da Itália, mostrando

---

<sup>194</sup> “Teodulfo de Orleães, como um cortesão em desuso, e como alguém cujos interesses locais foram ameaçados por Matfrid, foi acusado, talvez com razão, de apoiar Bernardo da Itália. Ele foi condenado por uma corte secular, não eclesiástica, e jogado em uma prisão monástica onde morreu logo depois (segundo boatos, envenenado por aqueles que se beneficiaram de sua ausência para saquear seus bens)”. NELSON, Janet L. *The Frankish kingdoms, 814-898: The West*. In: *The New Cambridge Medieval History*. Volume II c.700-c.900. Ed. Rosamond McKitterick. Cambridge University Press. Cambridge, 1995, p.114.

<sup>195</sup> Isso ocorreu logo após a revolta de Bernardo. Luís temia que seus irmãos tentassem usurpar seu poder assim como seu sobrinho.

<sup>196</sup> DE JONG, Mayke. *The Penitential State Authority and Atonement in the Age of Louis the Pious, 814–840*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

certo descontentamento de grupos da elite aristocrática carolíngia com a política adotada pelo imperador.

Essa insatisfação política carregou consigo membros de várias elites, não apenas políticas, mas também religiosas, estas últimas, como destacado, estavam perdendo espaço, seja por membros vindos da Aquitânia com Luís, pessoas indicadas por bispos das escolas palatinas, ou por indivíduos provindos das regiões vizinhas, como os *hispani*.

## 2. O ADENTRAMENTO DOS HISPANI NO IMPÉRIO CAROLÍNGIO

A corte carolíngia era formada por membros que provinham de diferentes localidades<sup>197</sup>, algumas guerras nas regiões circunvizinhas dos francos vieram a corroborar para tal feito. Exemplo disso foi a batalha do Guadalete, em 711, batalha essa que ainda é palco de grande debate, afinal de contas, faltam fontes para sua precisão<sup>198</sup>, ainda mais num contexto de desestruturação política do reino hispano-visigodo.

Existem duas fontes que abordam a figura de Rodrigo (xxx-714), a *Crônica Mozarabe*<sup>199</sup> de 754, que o nomeava como tirano e uma segunda, produzida na metade do século IX, *Crônica de Alfonso III*<sup>200</sup>, que declarava legítima sua ascensão, ambas as fontes buscam responder aos anseios de seus devidos contextos. Frighetto<sup>201</sup> explora esse período demonstrando os limites que enfrentamos acerca do que realmente aconteceu, ao mesmo tempo em que lança hipóteses de um olhar atento e conhecedor do cenário.

Devido ao descontentamento de grupos nobiliárquicos com a eleição de Rodrigo, até então duque da *Baetica*, como rei, em contraste dos herdeiros de Witiza, ocorreu o enfrentamento de godos, apoiadores de Rodrigo, e mauritanos islamizados com godos opositores ao rei. Com o avanço do exército, liderado por Muza Ibn Nusayr, Tarik e Abuzara, uma parte das tropas dos defensores de Rodrigo o abandonaram, deixando assim uma brecha de ataque que culminou na morte do Rei considerado por aqueles que o atacavam como tirânico, marcando o fim do Reino Visigótico e o início do domínio muçulmano na Península Ibérica

Conforme afirma a *Crônica de Afonso III*<sup>202</sup>, as consequências da invasão islâmica à Hispania Visigótica fizeram com que um grupo de indivíduos, fugindo do

<sup>197</sup> Cf. DEPREUX, Philippe. Prosopographie de l'entourage de Louis le Pieux (781-840), Sigmaringen: Thorbecke, 1997.

<sup>198</sup> Cf. MORENO, Luís A. Garcia. España 702-719: La conquista muçulmana. Universidad D Sevilla, Secretariado de Publicaciones, 2014.

<sup>199</sup> Chronica Mozarabica, ano 754. In: Lopez Pereira, J. E. Crônica Mozarabe de 754. Textos Medievales 58. Zaragoza: Anubar Ediciones, 1980.

<sup>200</sup> Chronica Adefonsi III Rotensi. In: Gil Fernandez, J.; Moralejo, J. L.; Ruiz de la Peña, J.I. Crônicas Asturianas. Oviedo: Ediciones Universidad de Oviedo, 1985.

<sup>201</sup> FRIGUETTO, R.. Hispania misera effecta: a batalha do Guadalete (711) e a passagem da Antiguidade Tardia à Idade Média. In: Marcella Lopes Guimarães. (Org.). Por São Jorge! Por São Tiago! Batalhas e narrativas ibéricas medievais. 1ed. Curitiba: Editora UFPR, 2013, v. 1, p. 19-48

<sup>202</sup> "Os godos morrem em parte pela espada, em parte pela fome. Mas os que viviam nesta região, alguns foram para os Francos, mas a maioria deles entrou nas Astúrias e elegeu o Príncipe Pelágio, filho do Duque Fafilanus dessas regiões ". Bonnaz, Y. (ed.) Chroniques asturiennes (fin IX siècle), Editions du CNRS, Paris, 1987.

jugo sarraceno, atravessarem os Pirineus e adentrassem num território denominado como Marca Hispânica<sup>203</sup>, essas terras foram amparadas por uma legislação carolíngia específica conhecida como *ius aprisionis*<sup>204</sup> e seus habitantes receberam diplomas<sup>205</sup>.

No final do século VIII, Carlos Magno concedeu um novo tipo de concessão de terras na Septimania<sup>206</sup> e na Marcha Espanhola para refugiados que fugiam da Espanha muçulmana. Essa concessão, o *aprisio*, era feita a partir de terras fiscais em áreas desertas e incluía direitos especiais e imunidades. Estudiosos anteriores interpretaram o *aprisio* em termos econômicos e militares como um mecanismo para atrair colonos para a região a fim de tornar a terra produtiva e fornecer guerreiros para defender a fronteira franca.<sup>207</sup>

Está legislação, qual conhecemos como *ius aprisionis*, aparece explicitamente numa carta real de 844, no entanto seu funcionamento pode ser notado em inúmeras capitulares, cartas e decretos anteriores. Sabe-se que a mais antiga é datada de 795. Joroen Duindam<sup>208</sup> alega que os reis carolíngios e seus prefeitos na marca hispânica fizeram arrendamentos com refugiados aristocráticos, que devida está posição, atuavam como líderes de grupos de colonos e organizadores de reclamações de terras em propriedades e em áreas de fronteiras desertas ou dominadas por inimigos, reforçando a presença secular dos francos em conjunto com o aumento simultâneo do número de mosteiros na localidade, assim ocorriam o reforço da base de poder real nas regiões longínquas dos pátios à custa dos condes.

<sup>203</sup> Nome cuja as fontes carolíngias denominam esses expatriados visigodos.

<sup>204</sup> Uma espécie de lei de concessão de terras realizado pelos soberanos carolíngios em favor dos nobres visigodos expatriados. *Aprisio* (1), erudito - termo intraduzível, derivado de tomar (apprehensio, prehensio). Forma meridional da palavra apprehensio, ou prehensio, denotando o processo de tomada ou obtenção de terras no *incultum* por meio de doações de terras públicas, na Septimania e na Marca Espanhola sob os governantes carolíngios. As *aprisios* também são chamadas de “heranças” (*de dictis aprisionibus sive hereditatibus* Charles Ch 1, n.º 40, p. 108-110). No século XIX, *aprisio* era interpretado segundo a comunidade germânica de *commarchani*: segundo Garsonnet (p. 198), é sinônimo de *portio* em um marco ou regime jurídico de comunidade germânica, lote a que um *hoba legalis* dá direito; ela é então substituída pela propriedade individual e privada quando o Bárbaro recebe sua parte nos reinos bárbaros do Império Romano. Mas, nesta visão, há um duplo telescópio: entre a política de acolhimento dos colonos bárbaros e a colonização agrária carolíngia. (2) - aldeia provisória. O termo, que originalmente designa um direito, perpassa e designa o bem em questão. *Aprisio* (3) - posse ou lote de colono aprisionado. Outra forma de reificação da lei. CHOUQUER, Gérard. La terre dans les sociétés du haut Moyen Âge. Droit agraire, propriété, cadastre et fiscalité. Paris, Édité par l’Observatoire des formes du foncier dans le monde, Vol. III, novembre 2017, p. 8

<sup>205</sup> Cf. D’ABADAL Y DE VINYALS, R. Dels Visigots als Catalans. Vol. I. LaHispania Visiòtica i la Catalunya Carolíngia. Barcelona: edicions 62, 1969.

<sup>206</sup> Nome dado ao início da Idade Média, parece ter se originado da 7ª legião romana ( Septimani ), acuartierata a Baeterrae (atual Béziers). Corresponds to Gaul Narbonese. The great encyclopaedias, Paris, Larousse, s. d., volume XXIX, p. 1029.

<sup>207</sup> CULLEN, J, Chandler. Between court and counts: Carolingian Catalonia and the *aprisio* grant, 778-897. Early Medieval Europe/Volume 11, Issue 1/p. 19-44.

<sup>208</sup> DUINDAM, Joroen, Law and Empire: Ideas, Practices. Holanda, BRILL .2013.

Outro ponto, que tal legislação auxiliava, era o controle dos conflitos em regiões distantes da corte, assim a extensão do poder franco funcionava recebendo tributos pelo cultivo da terra e os *hispani* eram utilizados como uma espécie de primeira defesa em caso de uma investida inimiga.

O último desses pontos, enfatizado por Culler Chancler, é o mais intrigante porque diz muito sobre o equilíbrio de poder entre vários grupos de interesse aristocrático e suas lutas mútuas exatamente em regiões fronteiriças distantes dos centros carolíngios. Neste caso, as tensões entre os hispanos e os condes dos distritos em que viviam e outros proprietários de terras nativos surgiram em 812, quando uma delegação de 40 'godos' viajou à corte imperial de Aquisgran para reclamar de sua assediadores. Todo o procedimento sugere firmemente que os hispanos estavam sob a proteção especial do próprio imperador, mesmo que essa posição protegida não fosse quase a mesmo que uma concessão de imunidade, que os mosteiros sob proteção real frequentemente recebiam<sup>209</sup>.

Para entendemos melhor, deve-se demarcar que dos visigodos que adentraram ao território franco podemos distingui-los em Hispani *Menores* e *Maiores*. No caso dos menores possuímos certa dificuldade de encontrarmos dados precisos, a reconstituição da história de um *hispani* menor seria praticamente impossível, visto que encontraríamos apenas o diploma de posse da terra ou algo do gênero. Essa delegação que foi até a corte conversar com o imperador acerca dos abusos que estavam sofrendo faz parte desta classe, trata-se daquele que literalmente trabalharam sobre a terra.

Já para Xavier Gillard os *hispani maiores* não fazem parte de uma *aprisio*, pois não são vinculados a uma política de repovoamento, recuperação de terras desertas ou conquistadas pelos muçulmanos, mas sim de um acesso privilegiado à corte, a administração carolíngia, influenciando o império de forma religiosa, cultural ou política. Nesse caso o conjunto de fontes torna-se facilitado, afinal os próprios deixaram obras escritas, e quando isso não ocorreu, determinados grupos registraram suas ações e vidas.

Devemos entender que a entrada desses povos e conseqüentemente determinados grupos da aristocracia visigoda formaram *novas elites* dentro do Império Carolíngio. Regine Le Jan<sup>210</sup> foi a impulsionadora do conceito (elite<sup>211</sup>) para tal período. Temos em

<sup>209</sup> DUINDAM, Joroen. Law and Empire: Ideas, Practices. Holanda, BRILL, 2013, p.264

<sup>210</sup> LE JAN, Régine. La royauté et les élites dans l'Europe carolingienne (du début du IX siècle aux environs de 920), Lille, Centre d'Histoire de l'Europe du Nord-Quest, 1998.

<sup>211</sup> O conceito não existe na Idade Média, na verdade trata-se de um conceito sociológico, mas consegue abordar todos aqueles que usufruem de uma posição social elevada, seja posse, poder, conhecimento ou

mente que o uso de aristocracia ao invés de nobreza seria o mais adequado para dirigirmos a esses indivíduos, no entanto, Le Jan e Gillard abordam que elite seria o mais adequado, devido ao entendimento que dentro do Império existiam indivíduos com certos graus de poder de decisão e impacto local que não provinham da alta aristocracia.

O termo 'elite', portanto, torna mais fácil designar aqueles que, de uma forma ou de outra, exercem, em sua área, um poder social ligado à excelência, seja o do nascimento e do sangue, seja o da capacidade, em qualquer atividade, de se distinguir e de obter prestígio, riqueza ou honra, ou do saber. Também nos permite analisar uma multiplicidade de situações, considerar um grande número de posições sociais, a fim de chegar a uma visão mais abrangente do mundo do início da Idade Média. Não se trata de estudar esses diferentes elementos por si mesmos, mas em sua interação, sua convergência ou divergência<sup>212</sup>.

Claramente os *hispani maiores* constituíram parte de uma elite carolíngia em distinção dos demais estrangeiros do Império. Louis Ganshof<sup>213</sup> analisando a categoria de estrangeiros dentro do período Carolíngio, percebeu que tal definição abrangia um grande conjunto de pessoas dentro da Primeira Idade Média, como por exemplo, os peregrinos, os refugiados, os mercadores e escravos. No entanto, para o autor, deve-se ter em mente que os *hispani*, por serem amparados numa legislação, faziam parte de um regime especial que os distinguia dos demais imigrantes do mesmo período.

Em contrapartida, Xavier Gillard<sup>214</sup> afirma que o conceito de etnogênese<sup>215</sup> seria de difícil aplicabilidade aos *hispani*. Mostrando que tal conceito ganhou peso a partir das obras da escola alemã, principalmente no Leste Europeu, o autor francês demonstra as dificuldades de proficuidade que o conceito traz consigo.

O conceito de etnogênese aplicar-se-ão com dificuldade aos hispanos. Na verdade, não devemos esquecer que a maioria deles vem de uma área anteriormente dominada pelos visigodos e que eles vêm se refugiar em áreas também de cultura visigótica. Na verdade, as diferenças culturais entre eles e os nativos das áreas onde se instalarão são quase inexistentes, tanto mais que as diferenças linguísticas ou religiosas.

---

reconhecimento, criando hierarquias sociais, seja de prestígio, status, renda, poder, classe essas definidas por Max Weber como grupos dominantes. Cf. WEBER, MAX. *Économie et société*. I. Les catégories de la sociologie (trad. française sous la direction de J. Chavy et É. de Dampierre, Paris, 1971), p. 391-397.

<sup>212</sup> FELLER, Laurent. Introduction. In: *Les élites au haut Moyen Âge : crises et renouvellements*. (Direction) de François Bougard, Laurent Feller et Régine Le Jan. Belgique, Turnhout : Brepols. 2006, p.8.

<sup>213</sup> GANSHOF, Louis. *L'étranger dans la monarchie franque*. Bruxelles. Les éditions de la Librairie encyclopédique, 1958.

<sup>214</sup> GILLARD, Xavier. *Hispaniet Aprisionnaires dans l'Empire Carolingien (VIII - XE SIÈCLES)*. Atelier National de Reproduction de Thèses, 2008.

<sup>215</sup> Possuindo origem etimológica de Ethnos ἔθνος, "grupo de pessoas" ou "nação", e genesis γένεσις, "origem, nascimento")

Sendo assim, a possibilidade de determiná-los como um grupo distinto é reduzida. Ainda mais, que nas obras dos *hispani* o relato sobre suas origens são praticamente nulas, o único exemplo que encontramos é de Teodulfo de Orleans que estava como *missus domincus* na região da Septimania e demonstra sua alegria por encontrar compatriotas em Narbonne<sup>216</sup>.

No entanto, discordamos de Gillard ao alegar que, devido à argumentação anterior, os mesmo ainda se consideravam membros da nação gótica, “não é necessário buscar ver nesses hispanos um grupo dotado de uma cultura diferente daquela do meio geográfico em que se desenvolve, ou mesmo, sem dúvida, uma consciência de pertencer a um grupo muito distinto<sup>217</sup>”. Se de fato esse homens se viam como um grupo distinto ou como visigodos isso não seria reforçado nas fontes? A afirmação de identidade?

Esses homens, considerados como *hispani maiores* foram designados por seus vínculos estreitos com o poder carolíngio, isso inclui grandes bispos de origem hispânica, como Teodulfo de Orleães, Agobardo de Lion, Claudio de Turim e Prudêncio de Troyes, no entanto, embora sua origem étnica, eles não se reivindicam de um hipotético "hispanismo", mostrando uma lealdade aos carolíngios.

Nesse sentido, acreditamos que devido a todas as funções dos *Hispani* dentro do Império carolíngio, tais indivíduos se entendiam pertencentes a um Império Cristão, sendo assim, o que podemos alegar é que os membros da elite aristocrática franca de nascimento não enxergavam dessa maneira, exemplo disso existem as disputas das escolas episcopais internas. Com essa percepção, Luís tentou a construção de uma identidade unitária, a configuração de uma *gens* "esquecendo" a existência de várias *gentes* enquanto grupos aristocráticos, algo que podemos observar na documentação.

Sem ir tão longe, em todo o caso é verdade que Luís o Piedoso se entregou, em certa medida, nos primeiros anos do seu reinado, à almejada obra de unificação jurídica, com a promulgação de vários capitulares, cujo objeto foi incluir Órgãos Legislativos em vigor e disposições adequadas para nivelar as diferenças. Também é verdade que, a partir do ano 817, a palavra unidade (*unitas*) será constantemente usada pelos partidários ou adversários do imperador. Vai-se lutar a favor ou contra a unidade do Império e, nesta ocasião, será sempre evocado o elevado conceito da unidade cristã, da

<sup>216</sup> “*Mox sedes, Narbona, tuas urbemque decoram tangimus, occurrit quo mihi laeta cohors, reliquiae Getici populi, simul Hespera turbaz me consanguineo fit duce laeta sibi*”. Theodulfus Aurelianensis. Carmina. In: MIGNE, J. P. Patrologiae Latinae, Vol. 105 Paris: 1831.

<sup>217</sup> GILLARD, Xavier. Hispaniet Aprisionnaires dans l'Empire Carolingien (VIII - XE SIÈCLES). Atelier National de Reproduction de Thèses, 2008, p.104.

unidade da fé, que então se acredita ser o fundamento mais sólido do Império.<sup>218</sup>

Agobardo, em uma carta enviada ao imperador, deixou claro seu desejo de unificar o código jurídico carolíngio, ficando apenas uma lei aplicada uniformemente a todos. Na opinião do bispo de Lion, não havia motivos para cada um ser julgado de acordo com sua lei de origem, visto que eram todos um único povo. A legitimação ainda tinha fomentação bíblica, utilizando-se de Colossenses, Agobardo afirmava que “não há gentil, nem judeu, circunciso e incircunciso, nem bárbaro, nem citas, nem aquitano, nem lombardo, nem borgundio, nem alamano, nem servo, nem livre, todos são mais que um em Cristo.<sup>219</sup>”, a argumentação foi vista com bons olhos pelo imperador e mesmo cuidou para que o corpo jurídico, de fato, fosse unificado.

Esses homens que adentraram ao Império, provavelmente com uma onda imigratória espanhola, de 780, sem dúvidas vieram corroborar com a cultura cristã, social, política e como ressaltado, jurídica. É difícil precisar com exatidão quantos vieram e de qual região provinham, mas provavelmente formavam um grupo bastante heterogêneo. “As fontes carolíngias nos falam dos *Hispani* que se instalam em território franco recebendo terras e fornecendo em troca serviços ao exército ou protegendo seus beneficiários contra seus inimigo”<sup>220</sup>, assim sendo, uma função é notória, os membros visigóticos de adentraram ao Reino e posteriormente ao Império Carolíngio, *tornando-se os hispani menores*, deveriam saber manusear a espada.

Os *hispani maiores*, como foram destacados, ajudaram tanto na questão social e política quanto na questão cultural. Bento de Aniane, por exemplo, encabeçou a reestruturação e criação de inúmeros mosteiros, inclusive colocando-os sobre a regra beneditina<sup>221</sup>, Teodulfo de Orleães reformulou a questão do ensino, e de forma conjunto com Alcuíno de York, criaram as escolas palatinas, retornando os seguimentos do *Trivium* e da *Quadrivium*.

<sup>218</sup> HALPHEN, Louis. Carlomagno y el Imperio Carolíngio. (Trad. Jose Almoína). México: UTEHA, 1955, p. 181.

<sup>219</sup> AGOBARDI LUGDUNENSIS. Epistolae, t. III. Epistolae karolini aevi, pub. Por E. Dümmler, Hannover, 1892-1939. p.159. “*Ubi non est gentilis et Iudeos, circumscio et preputium, barbarus et Scitha, Aquitanus et Langobardus, Burgundio et Almannus, servus et liber, sed omnia et in omnibus Christus*”. Sem dúvidas aqui Agobardo recorreu ao texto bíblico de Gálatas 3:28 “Não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus”.

<sup>220</sup> GREIN, Everton. Os Hispani na Corte Carolíngia (séculos VIII-IX). Revista Diálogos Mediterrânicos. Curitiba: UFPR, no.14 – Junho/2018, p. 265.

<sup>221</sup> A Regra conhecida como Regra de São Bento foi escrita por Bento de Núrsia no século VI e trata-se de um conjunto de preceitos destinados a regular a vivência de uma comunidade monástica cristã, regida por um abade. Devido a esse seguinte, Bento de Aniane ficou conhecido, também, como Segundo Bento.

Pierre Riché<sup>222</sup> afirma que a cultura bastante isolada na Península Ibérica foi alastrada para dentro do território da Gália, resultado de uma mudança no mundo monástico, onde monges ricos e alfabetizados, dedicados inteiramente ao estudo, sucederam uma geração de monges missionários e camponeses vinculados ao trabalho material e a servidão. Para tanto, a criação das escolas, seja ela palatina ou monástica não formavam apenas membros do corpo religioso, mas também laicos.

Embora a maioria das evidências sobre as escolas se refira ao treinamento do clero regular e secular, seria um erro supor que a educação e o aprendizado estavam confinados aos clérigos. Alguns leigos claramente foram à escola, mas o quanto eles aprenderam e se sua educação era separada daqueles que pretendiam entrar, ou que já haviam entrado na igreja, não pode ser estabelecida no momento. A história de Nokter Balbulus de seu *Gesta Karoli* é relevante nesse respeito. Nokter descreve a raiva de Carlos Magno ao encontrar os filhos de seus aristocratas leigos preguiçosos em seus estudos. O rei havia confiado meninos de pais nobres, *mediocres* (meninos da classe média) e meninos pobres a Clemente, o irlandês, para instruções. As composições e poemas dos meninos nobres eram fracos e cheios de erros. Eles foram repreendidos por negligenciarem a busca pelo aprendizado. Os bons meninos, isto é, os *mediocres* e os *infimi*, deveriam ser recompensados com bispados e mosteiros<sup>223</sup>.

Nokter ressaltou um fato importante, foram as escolas que levaram inúmeros alunos para os cargos em mosteiros e bispados. Assim como Ebbo, um *servus*<sup>224</sup>, que se alçou à cátedra de Reims pelo estudo, esses homens que adentraram ao Reino Franco, convidados por Carlos ou imigrados, foram utilizados em favor das ações reais, e com a formação de novos indivíduos eles foram colocados nas regiões palatinas e centrais, no entanto, rapidamente esses homens foram ganhando cátedras em diversas regiões.

Claudio de Turim, assim como Ebbo, são exemplos de pessoas que tiveram mobilidade social através do ensino. O segundo caso é ainda mais notório, com a morte de Wulfaro (816), o povo e o clero da cidade elegeram Gislemaro como seu substituto. Quando os bispos da província se reuniram para confirmá-lo, achara-o incapaz de ler a Bíblia da Vulgata em latim e o candidato do imperador, Ebbo, foi escolhido arcebispo de Reims<sup>225</sup>. Claudio devido as suas exegeses e seu papel na escola palatina teve indicação e nomeação para o bispado de Turim. Assim percebemos que Luís contava

<sup>222</sup> RICHÉ, Pierre. *Ecoles et enseignement dans le Haut Moyen Age*. Paris, Aubier, 1979, p.46.

<sup>223</sup> MCKITTERICK, Rosamond. *Charlemagne: The Formation of a European Identity*. New York: Cambridge University Press. 2008, p.222.

<sup>224</sup> *Servus*, não tem o sentido de escravo, como no contexto romano, mas sim daquele que serve ao seu senhor, era indivíduos vinculados à terra pelo trabalho

<sup>225</sup> Carolus, *De causa Ebonis Charles le Chauve, Ad Nicolaum I papam de causa Ebonis*, éd. M. BOUQUET, *Recueil des historiens des Gaules et de la France*, tome 7,2e éd. Paris 1870, p. 556-559

com um apoio das proximidades da corte, como Reims até os pontos mais distantes do Império, as regiões fronteiriças.

## 2.1 As fronteiras

Diferentemente das *limes* romana, que podemos pensar, a primeiro momento, como separação, mas de forma aprofundada sabemos que foram espaços de trocas e interpretações, as marcas carolíngias eram espaço de defesa territorial, no entanto, poderiam ter sua especificidade.

Logo na abertura da *Divisio regnorum* de 806, com a morte inevitável de Carlos Magno, a preocupação com as fronteiras foi retratada, “Todo o reino será dividido em três seções, cada uma das quais um filho deve guardar e governar. Isso foi feito com o objetivo de que cada um de meus filhos se contentasse com sua seção, definida por minhas ordens. Ele deve, com a ajuda de Deus, esforçar-se para proteger as fronteiras de seu reino contra os povos estrangeiros, preservando a paz e o amor com seus irmãos<sup>226</sup>”.

Embora inicialmente *marca* fosse intercambiável com outras palavras para fronteira, como *limes*, *terminus* e *finis*, ela assumiu cada vez mais o significado específico de um território consolidado sob o comando de um único conde poderoso responsável pela defesa e administração da área que faz divisa com um povo estrangeiro.

Apesar das expedições militares acontecerem sempre na primavera, alguns lugares eram marcados por confrontos frequentes e iminentes. Com essa percepção e o contato frequente com o inimigo, as *marcas* foram uma medida desenvolvida para segurar o avanço de possíveis invasores nas fronteiras do Império.

O chefe desse território geralmente era o conde da marca (*comes marcae*, ou na língua germânica *markgraf*, também o chamavam de *marchio*, o que resultará em marquês posteriormente). Nesse período podemos destacar a Marca da Bretanha (Nantes, Vannes e Rennes), Marca Hispânica (Espanha islâmica, Gerona, Urgel e Barcelona), Marca de Friul (países eslavos do sul) Marca Danesa e ainda marcas com menos registros nas fontes ou com menos impacto em toda conjuntura do Império, como a Marca Avara, Marca Wenda e Marca da Ligúria.

---

<sup>226</sup> MGH Capit. 1, no. 45, pp. 126-27: “*Sed trina portione totum regni corpus dividentes, quam quisque illorum tueri vel regere debeat porcionem describere et designare fecimus; eo videlicet modo, ut sua quisque portione contentus iuxta ordinationem nostram, et fines regni sui qui ad alienigenas extenduntur cum Dei adiutorio nitatur defendere, et pacem atque caritatem cum fratre custodire.*”



MAPA 2: Fronteiras e marcas do Império<sup>227</sup>

As fronteiras do Império Carolíngio basicamente funcionavam de formas diferentes em cada lugar, em alguns pontos eram realizadas trocas culturais e comerciais, em outros, a marca deveria travar qualquer investida inimiga. Logicamente, o cristianismo deveria fazer-se presente em ambos os casos. Claudio, numa marca de contato bélico com os mouros, reunia além da proteção de um bispo leal à coroa, o sustentáculo e ensino do espírito cristão, ao qual refletia na fidelidade<sup>228</sup> do povo a Luís. Nomear um bispo militar, numa marca tinha uma dupla função, além do aspecto espiritual, a proteção territorial.

A nomeação de Claudio também decorreu de um elemento de força maior e que muito assolou o Império Carolíngio, as invasões marítimas. A lenda, contada por

<sup>227</sup> <https://www.todoestudo.com.br/historia/tratado-de-verdun>

<sup>228</sup> Conforme cita Le Goff, “O homem antigo devia ser justo ou correto, o homem medieval deverá ser fiel”. LE GOFF, Jacques. A civilização do Ocidente Medieval. Trad. Monica Stahel. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016, p. 49.

Fredegário<sup>229</sup>, no século VII, afirmou que o criador da primeira dinastia dos francos na Gália havia sido Meroveu<sup>230</sup>, este que foi concebido quando a esposa de Clódio encontrou um Quinotauro, um monstro marítimo que podia mudar de forma enquanto nadava. Essa lenda provavelmente provinha de uma cultura oral que buscava legitimar a origem dos francos sálicos como um povo residente próximo ao litoral<sup>231</sup>. Parece que com o passar dos tempos os francos esqueceram-se de suas raízes marítimas. Carlos Magno deixou um território protegido por terra, mas vulnerável em suas costas. Ponto esse negligenciado por seus sucessores e perceptível por seus inimigos, que aproveitaram essa falha para obter vantagens.

Para organização do Reino/Império, Carlos Magno contava com dois sistemas, oral<sup>232</sup>, *missis*, e escrito, capitulares (decretos e decisões do rei e de seus assessores), o nome é devido sua organização em breve seções de cláusulas denominadas capitulas. A multiplicação das capitulares nas últimas décadas do século VIII demonstrou o querer do imperador em organizar a sociedade. Segundo Alfredo Boretius, foi conservado 107 capitulares do reinado de Carlos Magno, entre 768 e 813.

Percebemos que apenas nas últimas capitulares do governo de Carlos que ele demonstrara, além de uma preocupação com as fronteiras terrestres, uma preocupação com as marítimas, que ainda se faziam abertas.

As marcas, esse sistema de defesa avançada, conseguiu segurar certos ataques por terra, no entanto, o mar fazia-se sem dono, ou melhor, o Mar do Norte dos normandos e o Mediterrâneo dos muçulmanos. Percebendo essa ameaça, Carlos providenciou mecanismos para amenizar as expansões de seus vizinhos, assim na capitular de número 64, artigo 16, Carlos pede materiais para construir navios<sup>233</sup>. Na primeira capitular de Aquisgran em 810, Capitular de 811 e *Capitulare Bononiense*, no

---

<sup>229</sup> “*Fertur, super litore maris aestatis tempore Chlodeo cum uxore resedens, meridia uxore ad mare labandum vadens, bistae Neptuni Quinotauri similis eam adpetisset. Cumque in continuo aut a bistera aut a viro fuisset concepta, peperit filium nome Meroveum, per co regis Francorum post vocantur Merovingii.* Fredegarius, Scholasticus. *Fredegarii et aliorum chronica. Vitae sanctorum (generis regii)*. Ed.: Bruno Krusch, Hanôver: MGH SS rer. Merov, 1888, p.95. Livro III.

<sup>230</sup> É difícil precisar se o nome realmente remonta a esse significado, mas o elemento "Mero-" ou "Mer-" pode estar associado ao inglês antigo: mere ou ao latim: mare, enquanto "-wig/weg/veus" pode ser visto como uma referência a viajante ou rota, como em alemão: weg; em latim: via. Por esse entendimento e remetendo a lenda, o significado de Meroveu significaria “aquele que vem do mar”, quase como a palavra Moisés do Hebraico.

<sup>231</sup> WOOD, Ian. *The Merovingian Kingdoms 450-751*. Longman Group United Kingdom, 1994, 36.

<sup>232</sup> A oralidade ainda se fazia presente nas histórias sobre a ascendência da dinastia. Thegano inicia abordando a ascendência de Carlos através das memórias de seu pai.

<sup>233</sup> “*De matéria ad naves faciendas*”. CAPITULARIA REGNUM FRANCORUM, pub. Por A. Boretius e V. Krause. MGH, Hannover, 1908, p.168.

art. 11<sup>234</sup>, foi requeridos mesmos materiais, mas deixado um novo aviso: todos os senhores e chefes militares deveriam estar preparados para embarcar em navios caso o Imperador decidisse uma expedição naval<sup>235</sup>.

Os ataques ao território no final da vida de Carlos Magno se faziam mais intensos, Mouros da Espanha e da África começaram uma pirataria pela Itália, Corcega, Cerdena, e em 813 atacaram Niza<sup>236</sup>. No entanto, sua frota marítima embrionária não era capaz de fazer frente a esses ataques. Luís percebendo esse problema, desde cedo, começou as mudanças em suas regiões fronteiriças, talvez, entendendo que por via marítima não conseguiria impedir o avanço inimigo.

As marcas carolíngias foram exemplos de formações de defesas, mais do que regiões de trocas culturais, dessa forma o controle extremo desses locais eram de suma importância e careciam de fidelidade à coroa. Não encontramos na documentação material suficiente que demonstre uma grande preocupação ou um foco principal na região de Ligúria, lugar onde Claudio foi nomeado, no entanto, sabemos que posteriormente, em 888, Guy III, criou a Marca Ivrea para seu vassalo Anscar, marca essa que anexou a cidade de Turim.

Anos mais tarde, através da *Chronicon Novaliciense*<sup>237</sup> percebemos que, ao ocorrer uma reorganização do território do reino da Itália, Turim passou a fazer parte da marca Arduinica, em 964. Arduino Glabero, seu conde é narrado reconquistando a cidade e o Vale de Susa das mãos dos sarracenos, sendo, no mesmo ano, nomeado conde de Turim por Otto I. Talvez os sarracenos tenham conseguido após, ou tenham ocasionado a própria morte de Claudio, invadindo assim os locais próximos da Ligúria, no entanto, uma coisa é certa, enquanto Claudio viveu ele ofereceu proteção espiritual, com sua *potestas episcopal*, e também ofereceu proteção territorial.

## 2.2 Mobilidade Forçada

Homens como Claudio são exemplos desses indivíduos que ganharam espaço através do ensino, mas Claudio também faz parte de um conjunto de mudanças que se

<sup>234</sup> CAPITULARIA REGNUM FRANCORUM, pub. Por A. Boretius e V. Krause. MGH, Hannover, 1908, 166.

<sup>235</sup> “*Ut quandomcumque navigium nittere volumus, ipsi seniores in ipsis navibus pergant, et ad hoc sint preapetati*”.

<sup>236</sup> Annales royales de 813.

<sup>237</sup> CHRONICON NOVALICIENSE. ed. Georg Heinrich PERTZ. Scriptorum (in Folio) (SS) 1: [Annales et chronica aevi Carolini], Hannover, 1846.

enquadram no conceito de Mobilidades forçadas<sup>238</sup>. Alguns indivíduos por problemas de ordem política se veem obrigados a abandonar seu ambiente sociopolítico na tentativa de um novo lugar.

A trajetória de Claudio será explicada mais a frente com detalhes, no entanto, partimos do possível nascimento de Claudio e traslado do mesmo do território hispano visigodo para a marca hispânica, depois uma possível ida do mesmo para Lion. Mais tarde, em sua nomeação para a cátedra de Turim o mesmo alegara que foi coagido pelo imperador<sup>239</sup>. A mudança de lugar de um indivíduo pode ser marcada por “interesses e vontades pessoais ou por problemas de ordem política que levavam o indivíduo a sair de seu ambiente sociopolítico original”<sup>240</sup>

Para entendermos melhor esse conceito torna-se necessário dividi-lo em mobilidade voluntárias e involuntárias. Exemplo de mobilidade involuntária, dentro do Império Carolíngio, podemos utilizar a própria Revolta de Bernardo, onde inúmeros indivíduos foram depostos de suas atividades e cargo, outros foram exilados<sup>241</sup>, como Teodulfo que foi forçado a abandonar sua cadeira no bispado de Orleães e exilado na cidade de Angers. Como exemplo da segunda, podemos citar Alcuíno de York, que convidado pelo rei dos francos, Carlos Magno, em 781, deixou seu mestre, Elberto, e ajudou o monarca a instruir e reformar a corte e o clero do seu reino, permanecendo na corte de Carlos Magno até 790, depois acabou voltando à Nortumbria<sup>242</sup>.

A mobilidade geográfica e social de Claudio também são exemplos. O mesmo, como já abordado, foi um visigodo de origem, no entanto, como já explicado, não iremos chamá-lo de visigodo. Gillard (2008), em sua tese defendida na Universidade de Toulouse, mostra que a migração do território Ibérico ao carolíngio resultou nessa nova denominação, *hispani*, que abordamos durante esta dissertação. Inclusive tal conceito é utilizado nesta obra para evitar anacronismos, como os presentes na obra de Urcisino

<sup>238</sup> Cf. FRIGUETTO, R. De um lugar ao outro: as mobilidades forçadas e os deslocamentos coletivos no reino hispano-visigodo de Toledo (séculos VI - VII). ROMANITAS - REVISTA DE ESTUDOS GRECOLATINOS, v. 9, p. 254-272, 2017.

<sup>239</sup> Cf. página 60.

<sup>240</sup> FRIGUETTO, R.. De um lugar ao outro: as mobilidades forçadas e os deslocamentos coletivos no reino hispano-visigodo de Toledo (séculos VI - VII). ROMANITAS - REVISTA DE ESTUDOS GRECOLATINOS, v. 9, p. 254-272, 2017, p.254.

<sup>241</sup> Sobre as definições de exílio na antiguidade tardia, cf. FRIGHETTO, Renan, Exílio e exclusão política no mundo antigo: De Roma ao Reino Godo de Tolosa (século II a.C- VI d.C). Jundiaí-SP, Paco Editorial, 2019.

<sup>242</sup> Vale ressaltar que Alcuíno voltou para Nortumbria, mas em 792 foi convidado novamente por Carlos Magno a ajuda-lo na luta contra a heresia adocionista. Em 796, Alcuíno foi nomeado abade de Marmoutier, ficando até sua morte, em 804.

Dell Vall<sup>243</sup>, que chama-o inúmeras vezes de espanhol.

Apesar das obras de Claudio serem, em quase sua totalidade, comentários referentes às Escrituras Cristãs, dois de seus contemporâneos Jonas de Orleães (760-841)<sup>244</sup> e Dungal<sup>245</sup> (xx-828) ajudam-nos a entender certas passagens de sua vida, mesmo assim é difícil precisar as datas de seu nascimento e de sua morte<sup>246</sup>, o que ele fazia ou era antes de ingressar no território carolíngio. É através de uma breve citação da obra de Jonas de Orleães<sup>247</sup> que temos acesso à sua ocupação antes de ser nomeado ao episcopado, no final de 817 e início de 818, “um certo padre de nação hispânica chamado Claudio, que em outro tempo servira como padre de maneira honrosa no seu palácio”<sup>248</sup>.

Claudio foi acusado por Dungal e Jonas de ser um aluno e seguidor de Felix de Urgel (xx-818), adocionista<sup>249</sup>, apesar do próprio Claudio dizer que nunca teve professor<sup>250</sup>, isso justificaria sua ida a Lion, pois o Concílio de Frankfurt, em 794, através de Alcuíno, condenou Felix tendo seus ensinamentos como heréticos<sup>251</sup>. Ele foi exilado de Urgell<sup>252</sup> e morreu em Lion em 818. Possivelmente Claudio o seguiu e foi nesse tempo teve contato com Leidrado (736-816)<sup>253</sup>, uma das principais figuras de ensino do Império.

<sup>243</sup> Cf. DOMÍNGUEZ DEL VAL, U. op. cit., p. 361.

<sup>244</sup> IONAS AURELIANUS. De Cultu Imaginum. Libri Tres. In: MIGNE, J-P. Patrologia Latina. Vol.106. Paris, 1864, col.305-388.

<sup>245</sup> DUNGALUS RECLUSUS. Responsa Contra Perversas Claudii Tauronensis Episcopi Sententias. Patrologia Latina. Vol. 105. Paris, 1864, col. 465 – 530 A.

<sup>246</sup> Analisando vários escritos referentes a essa questão encontramos um maior consenso no ano de 827, no entanto, vamos elencar outras datas encontradas nas leituras realizadas. Bellet (1945); McCracken (1957); Maguire (1994); Domínguez (2004); Grein (2018) são os autores que defendem a data anteriormente citada. Semeria (1840), afirma que Claudio viveu até 830. Menéndez (1948), diz que em 839 Claudio ainda vivia. Martínez (1903), afirma que sua morte foi apenas em 846. Claudio não vivia em 839, pois em 832 Witgar assina como testemunha e como bispo de Turim quando se repartem os bens do monastério de Saint Denis de París. Durante a nossa dissertação, vamos ressaltar o advérbio latino, *circa*, e ficar com o ano de 827, visto que é o mais trabalhado e que apresenta maior sustentação de fatos.

<sup>247</sup> Substituto de Teodulfo, visto que o mesmo teve uma possível ligação com a revolta de Bernardo.

<sup>248</sup> Cf. nota 16.

<sup>249</sup> De forma superficial, como o próprio nome já sugere, era a teoria que Cristo foi adotado por Deus, e que Jesus não era Deus.

<sup>250</sup> Pl, 104, p. 889.

<sup>251</sup> AF, ano 794 “*Sinodus habita in Franconofurt, in qua haeresis Felicianiana coram episcopis Germaniarum et Galliarum Italoquimque, praesente magno príncipe Karolo, et Missis Adriano apostolici, Theophilacto et Stephano episcopi, tercio dampnata est, et rata stipulatione dampnatio roborata*”.

<sup>252</sup> No ano de 789 ou 790, a cidade de Urgell rendeu-se ao exército franco e Urgell foi incorporada aos carolíngios. Isso separou politicamente o bispado de Urgell da maior parte da igreja espanhola (visigótica), que ainda estava sob o domínio islâmico. Sendo assim, o adocionismo chegou até Carlos Magno que logo, ao saber, tentou resolver a questão.

<sup>253</sup> Leidrado foi arcebispo de Lion em 798, amigo de Alcuino, e muito estimado por Carlos Magno. Combateu com inúmeros tratados o adocionismo.

São poucas informações que temos sobre seu período em Lion, posteriormente, o encontramos ordenado a sacerdote na Aquitânia, não somente como capelão da Corte, mas também professor de Escritura e diretor da Escola Palatina de Luís, o Piedoso. Ao que tudo indica Claudio não faz parte de uma elite culta e adquiriu domínio das escrituras sagradas tardiamente, tanto que chegou afirmar o reconhecimento de sua limitada eloquência, alegando que nunca estudou literatura profana<sup>254</sup>. Posto isso, afirmamos que seu maior aprendizado e até mesmo inspiração deu-se no período que passou na Escola Lionesa com Leidrado<sup>255</sup>

Com a morte de Carlos Magno, em 814, e sucedendo seu filho, Claudio seguiu-o para Aquisgran junto com Luís e continuou seus ensinamentos no palácio, tornando-se o principal exegeta do Imperador. No entanto, como já foi abordado, logo nos primeiros anos do governo de Luís ocorreu uma série de transformações e, de forma concomitante inquietações como a Revolta de Bernardo, revolta essa que contou com bispos de diversos lugares, mas principalmente vinculados à Itália, como Anselmo de Milão (780-822) e Volfoldo de Cremona (774-821). Com esses ataques ao poder Imperial, o caráter de fidelidade se intensificou mais, e Luís iniciou uma série de substituições episcopais, dentre essas, a nomeação de Claudio para a cátedra de Turim. Essas nomeações fazem parte do conceito citado anteriormente, *títulos de associação*, pois os elementos que mais contavam para assumir o cargo era o contato direto com o imperador e seu grau de fidelidade, no sentido de um patricínio real.

Claudio alegou que foi coagido ao ofício “depois que assumi coagido a carga/o fardo do ofício pastoral”<sup>256</sup>. Jonas respondeu de forma interessante “se coagido, como te colocas? Se de boa vontade, só a deus diz respeito<sup>257</sup>”. Se realmente Claudio foi coagido ou apenas está demonstrando uma humildade cristã é impossível de sabermos, mas se aconteceu o primeiro fato, estamos falando de mobilidade forçada.

<sup>254</sup> “*Non velut pertinaciter rigidus, renisus sum voluntati tuae diu miltumque, studiossime clientele, ut dilucidatas gentium magistri Epistolas non tibi dirigirem*”. Pl, 104, p. 838.

<sup>255</sup> Leidrado (Nuremberg 736 - Saint-Médard, Soissons, 816 ), arcebispo de Lion de 798; amigo de Alcuíno, muito estimado por Carlos Magno, foi *missis dominici* na Gália Narbonense, então enviado para a Espanha (799) para induzir Felice di Urgel a abandonar o adopcionismo; obteve a retratação deste no Conselho de Aachen( 800 ), ele teve que voltar para a Espanha pela segunda vez para lutar novamente contra o adopcionismo.

<sup>256</sup> “Depois que assumi a carga/o fardo do ofício pastoral”. “*postquam coactus suscepi sarcinam pastoralis officii*” CLAUDIUS TAURINENSIS. Apologeticum atquerescriptum Claudii Episcopi adversus Theutmirum Abbatem. In: MIGNE, J. P. Patrologiae Latinae, Vol. 104 Paris: 1863, p.1123

<sup>257</sup> *utrum coacte, ut asseris, na sponte, soli Deo relinquitur. Cf. IONAS AURELIANUS. De Cultu Imaginum. Libri Tres. In: MIGNE, J-P. Patrologia Latina. Vol.106. Paris, 1864, col.306.*

Embora os detalhes da vida de Claudio e sua amizade com o imperador sejam de difícil precisão, uma pergunta é necessária a se fazer, por que Luís nomearia seu principal exegeta para uma região distante do palácio e com proximidade para a costa de Ligúria?

Uma frase do próprio Claudio nos ajudará a entender “à noite segurando a espada e pelo dia os livros e o cálamo<sup>258</sup>”. Tal frase merece um pouco mais de atenção. Thiago David Stadler<sup>259</sup> mostra que, no século I, Plínio, o Velho, devotava seus dias para o mundo político, ou seja, estava a serviço do imperador, enquanto suas noites eram voltadas aos estudos e escrita de sua vasta produção “[os estudos; escrita da obra] apenas em nossos momentos de folga, ou seja, à noite – para que ninguém dos seus pense que nossas horas da noite são dadas ao nada. Os dias nós devotamos a você, e o nosso sono é visto apenas nos termos de nossa saúde<sup>260</sup>”. Enquanto Claudio, já no século IX, demonstra que sua vida é dada completamente aos trabalhos do Imperador, pois passou boa parte do seu tempo trabalhando nas exegeses que o próprio governante o solicitou (pelo dia), e durante a noite segurava os ataques dos sarracenos na região da Ligúria. Se olharmos de outro ângulo e dividirmos suas tarefas, à noite era dedicada ao Imperador e o dia aos estudos e sua produção, grande, mas nada comparada a de Plínio.

Pascoal Boulhoul percebeu que a frase de Claudio foi recorrente. Na conclusão dos comentários de Josué ele a utilizou novamente.

Provavelmente na primavera de 827, foi novamente, como em 821, enviado a um *praesidium* na costa da Ligúria para organizar a defesa do lugar contra as incursões "agarena e mourisca". De fato, o ano de 827 marca uma virada na história das invasões muçulmanas no Mediterrâneo Ocidental, com o surgimento da pirataria andaluza<sup>261</sup>.

Conforme percebemos nas atividades descritas por Claudio e também nas medidas de defesas decretadas pelo co-imperador e rei da Itália, Lotário, publicadas na

<sup>258</sup> “Nocte tenes gladium et die libros et calamum”. *Apologeticum*. In: MIGNE, J. P. *Patrologiae Latinae*, Vol. 104 Paris: 1863, p.1145

<sup>259</sup> STADLER, Thiado David. Por uma noção de história em Plínio, o Velho (séc I d,C). (TESE) – Curitiba, 2015.

<sup>260</sup> Plínio, o Velho. NH. Praef. 18: “Nec dubitamus multa esse quae et nos praeterierint. homines enim sumus et occupati officiis subsicivisque temporibus ista curamus, id est nocturnis, ne quis vestrum putet his cessatum horis. dies vobis inpendimus, cum somno valetudinem computamus, vel hoc solo praemio contenti, quod, dum ista, ut ait M. Varro, musinamur, pluribus horis vivimus. profecto enim vita vigilia est”. STADLER, Thiado David. Por uma noção de história em Plínio, o Velho (séc I d,C). (TESE) – Curitiba, 2015, p.99; Tradução extraída da tese.

<sup>261</sup> BOULHOL, P. Claude De Turin: Un Évêque Iconoclaste Dans l’Occident Carolingien: Étude Suivie De l’Édition Du Commentaire Sur Josué. Paris, 2002, p.44.

Capitula de expeditione Corsicana<sup>262</sup>, em 825, fazia-se necessário à proteção contra os ataques sarracenos, principalmente com suas conquistas na Sicília, Creta, os arredores de Girone e Barcelona. A costa de Ligúria poderia ser um alvo futuro, Turim, por sua vez, ficava a menos de 100 km da mesma.

Uma pequena fase da conclusão do Comentário sobre Josué (143, 3-5) nos ensina que "por ordem dos nossos príncipes<sup>263</sup>", ou seja, Luís, o Piedoso e Lotário, o bispo de Turim, provavelmente na primavera de 827, novamente foi ao campo de batalha, assim como em 821. O exegeta do imperador não estava isento do dever que Carlos Magno havia imposto aos seus súditos pela capitular de Bolonha<sup>264</sup> (outubro de 811).

Para continuar os trabalhos de defesa, visto que os mouros vinham pelo mar e atacavam os litorais, Luís precisava de vassalos fieis para continuar a luta. Conforme elenca Boulhou era necessário "um homem do campo, corajoso e devotado, bom conhecedor do inimigo e, por fim, negociador em potencial: tal poderia parecer Claudio, nestes tempos difíceis, aos olhos dos dois imperadores"<sup>265</sup>. O bispo de Turim, por ter vivido na Marca Hispânica, poderia ter outro ponto forte para sua nomeação em tal região, o conhecimento da língua árabe, apesar de não termos como sustentar tal hipótese, sua convivência com regiões próximas aos mouros podem servir como embasamento.

Cláudio de Turim mostrou-se sem dúvida ser esse súdito fiel ao servir a Luís, o Piedoso, e ao Império - ou à *res publica*<sup>266</sup>, como começaram a dizer na mesma época. Essa necessidade de pessoas fiéis logo após a rebelião de Bernardo da Itália, somavam-se aos temores de revoltas internas e aos ataques externos.

Fato é, que Claudio, apesar de sua qualificação nas letras, ainda conhecia a manuseio da ferramenta de guerra. Sua nomeação foi resultado desses dois pontos, fidelidade e necessidade militar, contudo, conforme cita Chris Wickham, "certamente, por rnaís compreensivo que um rei/imperador pudesse ser, seus representantes judiciais, em nível local, eram os próprios bispos e condes"<sup>267</sup>. Esses homens deveriam estar sempre e em boa parte do seu tempo em benefício da coroa. Mais a frente veremos as

<sup>262</sup> Capitula de expeditione Corsicana, In: MGH, Capitula regnum francorum, I, ed. A. Bretius, p.325.

<sup>263</sup> "ex iussione principum nostrorum". BOULHOL, P. Claude De Turin: Un Évêque Iconoclaste Dans l'Occident Carolingien: Étude Suivie De l'Édition Du Commentaire Sur Josué. Paris, 2002, p.418.

<sup>264</sup> CAPITULARIA REGNUM FRANCORUM, pub. Por A. Boretius e V. Krause. MGH, Hannover, 1908, 166.

<sup>265</sup> BOULHOL, P. Claude De Turin: Un Évêque Iconoclaste Dans l'Occident Carolingien: Étude Suivie De l'Édition Du Commentaire Sur Josué. Paris, 2002, p.47.

<sup>266</sup> Cf. SASSIER, Yves. L'utilisation d'un concept romain aux temps carolingiens La res publica aux IXe et Xe siècles. Médiévales, Année 1988. 15, p. 17-29. DEPREUX, Philippe. Nithard et la Res Publica: un regard critique sur le règne de Louis le Pieux. Médiévales, Année 1992, 22-23, p. 149-161.

<sup>267</sup> WICKHAM, Chris. O legado de Roma: Iluminando a Idade das Trevas, 400-1000. Campinas,SP: Editora Unicamp, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2019, 716.

narrativas de pequenos trechos sobre a luta contra os sarracenos em que participava como chefe militar.

### 2.3 Guerra por função ou por fidelidade?

Claudio não parece satisfeito com suas obrigações militares, embora Boulhou tenha narrado uma empolgação na servitude do bispo. Pelas suas cartas, as atividades fronteiriças de Claudio atrapalhavam seu trabalho religioso, que algumas vezes reclamou de suas inúmeras idas até a corte, conforme nos mostra Urcisino Domínguez Del Val<sup>268</sup>. Claudio ainda fala de sua fadiga e do mal estado de sua vista, um dos motivos pelo qual não havia terminado seu tratado sobre Mateus<sup>269</sup>. Outro ponto de reclamação de Claudio era as batalhas nas fronteiras, e que isso atrapalhava seu trabalho e estudos das escrituras sagradas.

Cuidando da diocese, enfrentei muitos problemas que me preocupam. No inverno tenho que subir e descer várias vezes as ruas palatinas, embora seja difícil para eu realizar o que desejo. No meio da primavera, eu desço munido de pergaminho e com roupas e equipamentos de guerreiro para os postos da guarda na costa marítima, vigilante com medo de ataques dos sarracenos e mouros. À noite segurando a espada e pelo dia os livros e o cálamo, tentando realizar meus objetivos<sup>270</sup>.

Apesar das capitulares proibirem os membros do clero de usarem armas, parece que a defesa do território falava mais alto que as normas eclesiásticas. Através das cartas do abade Lupo de Ferrières (805- 862) para o bispo Pardulo (xx-861), percebemos que os abades além servirem como comandantes militares deveriam fornecer efetivos para a guerra. Ferrières era um desses mosteiros que tinham essa obrigação, no entanto, percebemos que seu abade escreveu uma carta ao bispo Pardalo, pedindo-lhe que usasse sua autoridade para influenciar o rei no sentido de que o seu ofício fosse como abade e não como líder militar, e argumenta: “não aprendemos a

<sup>268</sup> Cf. DOMÍNGUEZ DEL VAL, U. Historia de la antigua literatura latina hispano-cristiana. (siglo IX). Vol.6. Madrid: Fundación Universitaria Española, 2004.

<sup>269</sup> PL, 104, p. 811. *Quod vero quaedam minus ordinata quam decet in hoc codice multa reperiuntur, non omnia tribuas imperitiae, sed quaedam propter paupertatem, quaedam ignosce propter corporis infirmitatem et meorum oculorum imbecillitatem.*

<sup>270</sup> “Ad dioceseseos curam accedens, quot causae surgunt, eo amplius sollicitudines pariunt. Brumale tempus vias palatina terens eundo redeundo, minus licet implere supra commemoratum amorem. Post médium veris procedendo armatum pergameno pariter cum armis feres, pergo ad excubias marítimas, cum timore excubando adversus agarenos et mauros, nocte tenes gladium et die libros et calamum implere conans coeptum desiderium” PL. 104, 838.

atacar um inimigo nem desviar um golpe, nem a executar todos os outros deveres da infantaria e da cavalaria, mas nosso rei não precisa somente de soldados”<sup>271</sup>

Apesar das reclamações de Claudio e de Lupo, alguns membros clericais gostavam de dividir as práticas religiosas com as bélicas, tanto que Lupo chegou a escrever para Adelardo de Corbie (751-827) ter mais prudência no campo de batalha “também estou profundamente preocupado com você, quando lembro que você costuma correr desatenciosamente para o meio do perigo desarmado, incitado pela coragem juvenil e pelo desejo de vencer, por isso, exorto você a deixar para soldados profissionais o uso de instrumentos de batalha”<sup>272</sup>. Sendo assim, fica o questionamento: o sacerdócio também se fazia no campo de batalha?

Para entender melhor a complexidade desse ponto, percebemos que as atividades bélicas estavam tão presentes na vida do abade de Ferrières que durante a guerra entre Carlos Calvo e Pepino I da Aquitânia ele foi capturado na Batalha de Toulouse e mantido prisioneiro.

Leandro Rust, referindo-se ao Reino Itálico de 850 a 1050, contrapõe uma série de argumentações que determinavam uma mudança no medelo de autoridade clerical, normatização da violência como fenômeno globalmente legítimo; desarmamento do clero como condição para um controle ideológico dessa mesma violência e a separação social entre engajamento religioso e militar, culminando na identificação deste último como uma conduta essencialmente laica. No entanto, analisando a documentação de época, seja carolíngia ou dos reinos divididos pós o tratado de Verdun, a lista de alternativas pode ser assim refeita, “havia uma vigorosa percepção episcopal da violência como ação ilícita; b) o manejo das armas integrava a autoridade episcopal como ação sacramental; c) atributos militares e religiosos fundiam-se através a participação dos bispos como cofundadores da ordem pública”<sup>273</sup>, ou seja, os homens da igreja não abandonaram suas armas conforme afirma Astronomo<sup>274</sup>, pelo contrário,

---

<sup>271</sup> *Ego, ut nostis, hostem ferire ac vitare non didici, nec vero cetera pedestris ac equestris militae officia exequi, nec rex noster solis bellatoribus indiget.* Lupus Servatus (Lupus of Ferrières). Epistolae. MGH Epist. VI, Berlin, 1925, 71. 14-16.

<sup>272</sup> *Ingenti quoque vestri cura sollicitor, cum vos inermes incaute in media discrimina prorumpere solitos recogito, in quae iuvenilem agilitatem vincendi rapit aviditas. Proinde benigna devotione suadeo, ut, sola dispositione contenti, quae tantummodo vestro proposito congruit, armatos exequi permittatis, quod instrumentis bellicis profitentur.* Lupus Servatus (Lupus of Ferrières). Epistolae. MGH Epist. VI, Berlin, 1925, 95.34-96.3.

<sup>273</sup> RUST, Leandro Duarte. A guerra como sacramento: bispos e violência antes da cruzadas (850-1050). Revista de história, Juiz de Fora, v. 22, n. 1, p. 207-230, 2016, p.212.

<sup>274</sup> Cf. página 45.

ainda no Concílio de 1080, em Roma, um monge Odo, lembrado como Papa Urbano II, percebia que o regente da igreja governava com a ajuda do Espírito Santo, mas anunciando deveres de corpo, mente, sangue, bens, espírito e espada<sup>275</sup>.

Percebemos mais exemplos das atividades militares de bispos quando o Papa Nicolau I enviou uma carta<sup>276</sup>, em 861, a Humfroy, bispo de Théroutane, alegando que quando o inimigo era pagão e ameaçava à cristandade poderia-se pegar em armas. Num contexto de ataques de sarracenos e normados, certamente mais de um bispo foram convocados para tal função<sup>277</sup>.

Essa ação do Papa Nicolau tomou proporções ainda maiores, quando o mesmo enviou outra carta<sup>278</sup> a Luís II, em 865, alegando que os bispos, durante a primavera, não estavam indo aos sínodos, pois recebiam ordem do rei para vigiar dia e noite contra os ataques de piratas costeiros.

Para sustentar ainda mais esse debate, o biógrafo de Anselmo<sup>279</sup> (843), que escreveu no século X, alegou que muitos tentaram convencer seu biografado a aceitar o bispado de Camerino, no entanto, o mesmo se recusava e só aceitaria se fosse livre das atividades militares. Possivelmente Luís II foi favorável ao pedido, pois Anselmo foi nomeado bispo após seu apelo. Num outro contexto e mais tardio, podemos destacar Absalon, o qual foi chamado por Thomas K. Heeboll-Holm como bispo pirata<sup>280</sup>.

Sem dúvidas, Claudio, Lúpus e Adelardo de Corbie representam, assim como alguns de seus sucessores, a face da mesma moeda, homens pertencentes à igreja, mas que tinham obrigações militares. Se pensarmos nas hipóteses que sustentam a participação dum membro clerical na guerra, apontamos três formas: Orações ao qual eram ensinados a fazer, uma liderança desarmada dentro do campo de batalha ou literalmente com a espada empunhada lutando contra os inimigos. Ainda que possíveis

<sup>275</sup> RUST, Leandro Duarte. Bispos guerreiros: violência e fé antes das cruzadas. Petrópolis: Vozes, 2018, p.291.

<sup>276</sup> NICOLAUS I, Epistolae 104, 2, MGH. IN: Epist. (Karolini Aevi, IV). Ed. A. Boretius, n 162, p.613.

<sup>277</sup> BOULHOL, P. Claude De Turin: Un Évêque Iconoclaste Dans l'Occident Carolingien: Étude Suivie De l'Édition Du Commentaire Sur Josué. Paris, 2002, p.47.

<sup>278</sup> NICOLAUS I, Epistolae 38, 2, MGH. IN: Epist. (Karolini Aevi, IV). Ed. A. Boretius, 1912, p309. "*Reprehensibile denique ualde esse constat, quod subintulisti dicendo maiorem partem episcoporum omnium die noctuque cum aliis fidelibus tuis contra piratas marítimos inuigilare, ob idque episcopi impediuntur uenire, cum militibus Christi sit Christo seruire, militibus uero saeculi saeculo, sicut scriptum est.*"

<sup>279</sup> EGINUS, *Vita S. Anselmi*, I, 7-8 (BHL, 555; AA.SS, MART I,) p. 318.

<sup>280</sup> HEEBOLL-HOLM, Thomas K. Between Pagan Pirates and Glorious Sea-Warriors: The Portrayal of the Viking Pirate in Danish Twelfth-Century Latin Historiography. Viking and Medieval Scandinavia, 8, BREPOLIS PUBLISHERS (2012),p. 141-170

visões anacrônicas possam pairar em nossas mentes, o campo de batalha é perigoso para qualquer indivíduo. Um homem sem proteção na batalha é uma vítima fácil a se abater.

Embora, Rust tenha abordado um contexto que a guerra começou a ser sacralizada, no Império Carolíngio alegamos que o que movia esses homens para uma batalha era a fidelidade ao imperador. Fidelidade essa que merece de certa atenção.

Segundo a afirmação da professora Maria Helena da Rocha Pereira<sup>281</sup>, pensando na Roma clássica, para definir tal conceito não podemos recorrer às palavras que nelas se originam, se esse fosse o caso *fides* seria fé - ainda mais com seu equivalente no grego sendo *πιστις* (*pistis*). Para definir fidelidade é necessário voltar ao termo latino, já citado, e saber que a determinada palavra não provém da crença cristã, como por muito tempo foi acreditado, Cícero já a usava em suas obras<sup>282</sup>. Partiremos, então, da definição de Rocha Pereira; “*fides* é um juramento que compromete ambas as partes na observância de um pacto ‘bem firme’”<sup>283</sup>.

Dentro da Antiguidade Tardia, podemos destacar o Livro das Sentenças de Isidoro de Sevilha. Num contexto de vulnerabilidade do poder monárquico, século VII, na Península Ibérica, a prática da *fidelitas* era uma ferramenta de grande relevância para a manutenção do poder real.

Percebemos que nesse período ocorreu a cristianização da *fides*. De acordo com Frighetto, “segundo o estabelecido no IV Concílio de Toledo, violar e romper com a fidelidade devida ao soberano simbolizava quebrar o juramento perante Deus, ‘no nome do qual se fez dita promessa’<sup>284</sup>”. Embora os pactos e os seguimentos dos mesmos (fidelidade) tenham atravessados longos período nosso foco está em refletir sobre os acordos feitos dentro dos séculos VIII e IX.

Para Wallace-Hadril<sup>285</sup>, refletindo sobre o Reino/Império Carolíngio, fidelidade (ou lealdade) é um termo difícil e vago, mas em geral expressava a confiança que os homens depositavam uns nos outros, facilitando assim a convivência. Ainda na visão do historiador inglês, a fidelidade ao juramento se considerava uma das maiores virtudes

<sup>281</sup> Maria Helena Monteiro da Rocha Pereira, Estudos de História da Cultura Clássica II. Cultura Romana. 3.ª ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002, p.320.

<sup>282</sup> Cícero: Rhetorica Ad Herennium. Trad. Harry Caplan. Harvard University Press; Illustrated ed., 1954.

<sup>283</sup> ROCHA PEREIRA, Maria Helena Monteiro da. Estudos de História da Cultura Clássica II. Cultura Romana. 3.ª ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002, p.322.

<sup>284</sup> FRIGUETTO, R.. A guerra e os atos de infidelidade nobiliárquica no reino hispano-visigodo de Toledo, segundo a Lex Wisigothorum, IX, 2, 8 e 9 nos reinados de Wamba e Ervígio (672-687). In: Idade Média: abordagens interdisciplinares. Rio de Janeiro: Itaca, 2008. v. 1. p. 16.

<sup>285</sup> WALLACE-HADRIL, John M. El Occidente Bárbaro 400-1000. Trad. Bernardo Santano Moreno. Sílex ediciones, Madrid, 2014, p.144.

entre os bárbaros. Para tanto, o compromisso com o suserano exigia o cumprimento de certas ordens, como uma total conformidade com a justiça real e a ordem, pagamento de tributos e participação no serviço militar.

Na Primeira Idade Média, com Pepino III, o ritual, muito utilizado pelos merovíngios, *commendatio*, foi intensificado. Le Goff nos apresenta uma possível reconstituição desse ritual: o futuro vassalo põe-se de joelhos, em sinal de submissão, diante de seu senhor, prometendo-lhe a *fidelitas*, logo após ambos (vassalo e senhor) selam o acordo com o entrelace das mãos. Num segundo momento ocorre o juramento do vassalo, juramento esse que era realizado sobre a Bíblia ou relíquias de santos, selado com o *osculum*<sup>286</sup>. Destacamos que o ritual abrangem três categorias de elementos simbólicos, a palavra, o gesto e os objetos.

De fato, a fidelidade foi um dos elementos chaves em vários reinos da Antiguidade Tardia refletindo também na Idade Média. Carlos Magno institucionalizou o pacto na tentativa de um governo de êxito. O ritual de vassalagem demonstrava-se de tamanha importância que após sua coroação no natal de 800, o então imperador, convocou todos os membros de seu império, acima de 12 anos de idade, para fazerem novamente o juramento de fidelidade.

Ele ordenou que todo homem, em todo o seu reino, seja eclesiástico ou leigo, cada um de acordo com seus votos e ocupação, agora promettesse a ele como imperador a fidelidade que havia anteriormente prometido a ele como rei; e todos os que ainda não haviam feito essa promessa deveriam fazer o mesmo, até os que tinham doze anos de idade. Também foi anunciado a todos em público, para que cada um saiba quão grande e quantas coisas são compreendidas nesse juramento; não apenas, como muitos pensaram até agora, fidelidade ao senhor imperador no que diz respeito à sua vida, mas não introduzir nenhum inimigo em seu reino por inimizade, não consentir ou ocultar a infidelidade de outro; que todos possam saber que esse juramento contém em si esse significado.<sup>287</sup>

<sup>286</sup> Existem várias citações bíblicas que demonstram tal fato como costume de saudação cristã. Lucas 7,45: Não me deste ósculo, mas esta (mulher pecadora), desde que entrou, não tem cessado de me beijar os pés. Romanos 16,16: Saudai-vos uns aos outros com santo ósculo. As igrejas de Cristo vos saúdam. 1 Coríntios 16,20: (...) Saudai-vos uns aos outros com ósculo santo. 2 Coríntios 13,12: Saudai-vos uns aos outros com ósculo santo. 1 Tessalonicense 5,26: Saudai a todos os irmãos com ósculo santo. 1 Pedro 5,14: Saudai-vos uns aos outros com ósculo de amor.

<sup>287</sup> *Precepitque, ut omni homo in totó regno suo, sive ecclesiasticus sive laicus, unusquisque secundum votum et propositum suum, qui antea fidelitate sibi regis nomine promississent, nunc ipsum promissum nominis cesaris faciat; et hii qui adhuc ipsum promissum non perfecerunt omnes usque ad duodécimo aetatis annum similiter facerent. Et ut omnes traderetur publice, qualiter unusquisque intellegere posset, quam magna in isto sacramento et quam multa comprehensa sunt, non, ut multi usque nunc extimaverunt, tantum fidelitate domno imperatori usque in vita ipsius, et ne aliquem inimicum in suum regnum causa inimicitiae inducat, et ne alicui infidelitate illius consetiant aut retaciat, sed ut sciant omnes istam in se*

O juramento, apesar de ser individual, trazia consigo características coletivas, mostrando que, embora a fidelidade fosse particular, não se poderia negligenciar qualquer atividade suspeita de súditos contra o imperador. Além disso, o misticismo presente nesse processo era um fator de forte pressão para o seguimento do acordo, em caso de quebra, não seria apenas uma falha diante dos homens, mas de Deus e seus santos.

Halphen<sup>288</sup> apontou para outro elemento importantíssimo em caso de quebra da fidelidade, a perjura. Existem várias condenações sobre a essa transgressão, a principal e consensual punição era o corte da mão direita.<sup>289</sup>

Como podemos perceber, a fidelidade era um ponto primordial para os carolíngios e foi para os francos de maneira geral. Era por razão desta que homens religiosos, ou não, ganhavam espaço dentro da administração carolíngia. No capítulo 20 da fonte<sup>290</sup>, escrita por Thegano, acentua-se o peso sobre a “promoção inadequada de homens inadequados para ofícios eclesiásticos<sup>291</sup>”. Thegano mostra que o imperador “estava ocupado com o canto de salmo e zeloso na leitura<sup>292</sup>” e por esse fato não colocou fim “há um péssimo costume de fazer os mais altos bispos dentre os mais baixos servos<sup>293</sup>”, deixando claro que tal costume não iniciou no Império de Luís o piedoso, mas tem sua gênese nos tempos bíblicos.

Jeroboão, filho de Nadabe, foi escravo do rei Salomão e após a morte do último assumiu o governo sobre dez tribos de Israel<sup>294</sup>. Como sabemos, Jeroboão causou a

*rationem hoc sacramentum habere.* KAROLI EPISTOLA GENERALIS. BORETIUS. A. (ed.). MGH Leges, Capit. 1. Hannover, 1883, p.92.

<sup>288</sup> HALPHEN, Louis. Carlomagno y el Imperio Carolíngio. (Trad. Jose Almoina). México: UTEHA, 1955, p.123.

<sup>289</sup> Cf. Lex Ribuarua, título LXIX, p.258. Capitulares., I, p.49, 58, 98, 104 e 124.

<sup>290</sup> Thegano volta a falar de Ebbo no capítulo 44.

<sup>291</sup> O prólogo foi feito por Walafrid Strabo. “*De incôngrua ignobilium ad eclesiásticas dignitates promotione et vitiis*”, Thégan. Vita Ludovici imperatoris, pub. MGH. Serie dos Escritores, t.II, Hannover, 1829. p.170.

<sup>292</sup> “*Quod enim fecit occupation psalmodie et lectionum assiduitas*” Thégan. Vita Ludovici imperatoris, pub. MGH. Serie dos Escritores, t.II, Hannover, 1829. p.204

<sup>293</sup> “*Quia iam dudum illa péssima consuetudo erat, ut ex vilissimis servis fiebant summi pontífices*” Thégan. Vita Ludovici imperatoris, pub. MGH. Serie dos Escritores, t.II, Hannover, 1829. p.206

<sup>294</sup> Segundo a narrativa bíblica, Jeroboão teve vários problemas na convivência com Salomão, inclusive provocou uma revolta contra o reinado dele, no entanto, ele foi derrotado e por isso fugiu para o Egito. Logo após a morte de Salomão, reinou em seu lugar seu filho, Roboão, e Jeroboão voltou do Egito. Sob o comando do último a congregação de Israel foi até o novo rei pedindo um jugo mais leve, pois, Salomão fez inúmeras construções e dura carga havia imposto sobre seus trabalhadores. Roboão, ignorando o conselho dos anciões e seguindo o dos mais jovens, falou que seria pior que seu pai, acreditando que colocaria medo nos habitantes de Israel, no entanto, o povo se rebelou contra ele, aclamando Jeroboão em seu lugar. Cf. 1 Reis 12.

divisão da hegemonia judaica, Thegano nesse sentido, buscava demonstrar que pessoas de classes baixas, caso assumissem posições administrativas, acabariam fragmentando o Império, prova disso é o destaque da passagem de I Reis, “Nem depois destas coisas deixou Jeroboão o seu mau caminho; antes, de todo o povo, tornou a constituir sacerdotes dos lugares altos; e a qualquer que queria consagrava sacerdote dos lugares altos. E isso foi causa de pecado à casa de Jeroboão, para destruí-la e extingui-la da terra<sup>295</sup>”.

Os vícios são destacados logo após essa narrativa, pois na visão do *choroepiscopus*<sup>296</sup>, esses homens tem uma aparência calma e mansa, no entanto, assim que assumem o governo tornam-se “irados, briguentos, caluniosos, teimosos, prejudiciais, intencionais, indecentes e ameaçadores para todos os seus súditos”<sup>297</sup>

Através desse tipo de comportamento, eles desejam ser temidos e elogiados por todos. Eles se esforçam para levantar seus parentes iníquos do devido jugo de servidão e libertá-los. Depois, educam alguns deles nas artes liberais, casam com outras nobres e forçam os filhos dos nobres a aceitar suas filhas em casamento. Ninguém pode viver com eles em harmonia, exceto aqueles que, sozinhos, entram em tais casamentos com eles. O resto, de fato, passa seus dias na maior tristeza, gemendo e chorando. Os parentes dessas pessoas, se ganharam um pouco de aprendizado, zombam e desprezam os velhos nobres. São inchados, mutáveis, voluntariosos, indecentes e imodestos. Pouco bem permanece em qualquer um deles<sup>298</sup>.

Thegano alegava que o Ebbo e outras pessoas de “baixa base” usavam a educação como um meio de promoção social: “aqueles que dos estudos controem a

<sup>295</sup> *Post hec verba non est reversus Hieroboam de via sua péssima, sed e contrario fecit de novissimis populi sacerdotes excelsorum. Quicumque volebat, implebat manum suam et fiebat sacerdos excelsorum. Et propter hanc causam peccavit domus Hieroboam et eversa est et deleta de superficie terre.* O sentido de *manum suam* (sua mão) está no sentido de consagração. P.206. Tal ponto já havia sido abordado por Isidoro, *Isid., Sent., III, 50, 6, p. 498*: “*nam rex qui ruit in vitis cito viam ostendit erroris, sicut legitur de Ieroboam, qui peccavit et peccare fecit Isreal*”.

<sup>296</sup> Um membro do corpo eclesiástico, entre os bispos e presbíteros, designado para ajudar um bispo diocesano na administração de um distrito rural.

<sup>297</sup> “*Iracundi, rixosi, maliloqui, obstinati, iniuriosi, incontinentes, inpudici, et minas omnibus subiectis promittentes*, Thégan. *Vita Ludovici imperatoris*, pub. MGH. Serie dos Escritores, t.II, Hannover, 202.

<sup>298</sup> “*Huiuscemodi negocia cupiunt ab ominibus timeti ac laudari. Turpissimam cognitionem eorum a iugo debite servitutis nituntur eripere et libertatem inponi. Tunc aliquos eorum liberatibus studiis instruunt, alios nobilibus feminis coniungunt et propinquas eorum filios nobilium in coniugium compellunt accipere. Nullus enim cum eis equanimiter vivere potest, nisi hi soli, qui talem coniunctionem cum eis habent; ceteri vero cum máxima tristitia, gemendo, flendo ducunt dies suos. Propinqui vero supradictorum, postquam aliquid intellegunt, senes nobiles diredent atque despiciunt, sunt elati, instabiles, incontinentes, inpudici, inverecundi; unicuique tamen parvum bonum remanet.* Thégan. *Vita Ludovici imperatoris*, pub. MGH. Serie dos Escritores, t.II, Hannover, 1829, p.206 e 208.

liberdade<sup>299</sup>”. Adrevaldo de Fleury<sup>300</sup> acusou que Carlos Magno suspeitava de sua nobreza e entregou os cuidados do reino aos seus servos. De fato, quando Carlos ordenou que os rapazes que ele havia recomendado a Clemente o procurassem e oferecessem suas cartas e poemas, houve uma grande discrepância entre os filhos dos aristocratas e os “inferiores” (*medieocre et infimi*), os primeiros foram extremamente negligentes com a ordem do imperador, os últimos dedicaram-se, além de adornarem suas obras. Logo receberam uma grande promessa, “estejam ansiosos para fazer ainda melhor, e eu darei a vocês bispados e esplêndidos mosteiros<sup>301</sup>” e isso foi cumprido.

As disputas entre membros palatinos, periféricos e dos grandes centros eram constantes, de tal forma que a corte era vista de inúmeras óticas, para algumas pessoas de fora desses espaços, que se sentiam excluídas dos centros de poder, era lógica a existência de um *entourage* beneficiado, sendo os clérigos do palácio um grupo à parte, um corpo especial e privilegiado de homens. Em contrapartida, na visão de Thegano e de Adrevaldo, a corte era dominada por bispos de baixa estatura como Ebbo e pelos bispos "*ex barbaris nationibus*", homens como os *hispani*, no entanto, como demonstramos a fidelidade era o ponto de proximidade e de nomeação administrativa para o imperador.

A cobrança acerca dos acordos realizados na presença das elites e do *entourage* do imperador sem dúvidas seriam exigidas e cobradas. Afirmar que esse pacto não era quebrado em hipótese alguma seria ingenuidade, mas alegar que não existia um peso sobre o mesmo seria ignorar o que as fontes dizem. Na nomeação de Lotário como imperador, como explicado anteriormente, Luís deu ordens para que todos fizessem a “máxima bondade” nesse período e também jejuassem por três dias<sup>302</sup>. Ademais, foi ordenado que as ações fossem anotadas, escritas, assinadas e corroboradas. Para

---

<sup>299</sup> "*Aliquos eorum liberalibus studiis instruunt*". AIRLIE, Stuart. Bonds of Power and Bonds of Association in the Court Circle of Louis the Pious. In: Charlemagne's Heir: New Perspectives on the Reign of Louis the Pious (814-840). Org. Peter Godman and Roger Collins. Clarendon Press – Oxford, 1990, p.200.

<sup>300</sup> *Miracula s. Benedicti*, ed. O. Holder-Egget (MGH SS 15), Ch, 15, p.486.

<sup>301</sup> “...*ad perfectum attingere studete, et dabo vobis episcopia et monasteria permagnifica*”, Notker, *Gesta Karoli magni imperatoris*, i. 3, ed. H. Haefele. Berlim, 1959. p. 4.

<sup>302</sup> *Propter quam cognoscendam injunxistis ut facerent omnes jejunium triduanum, offerrent sacerdotes sacrificia omnipotenti Deo, qui suavis et mitis et multae misericordiae est omnibus invocantibus se; fieret quoque ab onibus elcemosyna per illud triduum solito largior, ut omnipotens Deus, qui summa benignitate regit corda in se sperantium, infunderet in corde vestro voluutatem suam, et non seniret super alium inclinari voluntatem vestram, nisi supere um qui sibi placuisset*. MGH Leges, Capit. 1. Hannover, 1883, p.289

legitimar tal acordo, Lotário foi enviado à Roma para a aprovação do mais alto pontífice.

É fato que Luís em efêmeros momentos teve uma boa relação familiar e pouco depois da *Ordenatio* já havia retirado o nome de Lotário como seu sucessor no início das capitulares. A repreensão de Agobardo veio após alguns anos<sup>303</sup>.

Ao longo do tempo, sempre e onde quer que fossem enviadas cartas imperiais, elas continham os nomes de ambos os imperadores. Mas, mais tarde, porque sua vontade mudou, os estatutos foram anulados, o nome dele foi omitido nas cartas e, em todas as coisas, foi tentado o contrário, embora Deus não tenha dito a você nem por sua própria voz, nem por um anjo ou através de um profeta: *lamento que o tenha estabelecido assim*, ao falar com Samuel sobre Saul. Mesmo agora, você não sabe como isso foi decidido nos conselhos secretos de Deus; e, no entanto, eis que, sem qualquer razão e conselho, repudia sem Deus aquele a quem você elegeu com Deus, e você reprova uma questão comprovada sem aguardar a questão da vontade daquele, cuja vontade você buscou eleger. Sua prudência não é inconsciente: Deus deve ser seguido, não precedido. Para quem deseja preceder [Deus], tenta o que não é da fé, como o próprio Senhor diz: *Não tentarás o Senhor teu Deus*.<sup>304</sup>

Agobardo buscava certamente uma proximidade com Lotário, em vários outros momentos já havia desafiado o Luís acerca da liberdade concedida aos judeus e em ambas as rebeliões, tanto em 830 quanto em 833, o bispo de Lion se posicionou favorável à revolta, ficando ao lado de Luís, o germânico e de Lotário. No entanto, Agobardo cobrava do próprio imperador o pacto firmado em 817, mas possivelmente pela infidelidade de Lotário e suas tentativas de usurpação imperial levaram a Luís não se ver obrigado a dar seguimento nessa nomeação.

Sendo assim afirmamos que a fidelidade não era apenas um elemento chave para as nomeações em certos cargos, mas também para continuar exercendo a função que lhe foi confiada. Foi através dela que vários membros pertencentes ao Império Carolíngo, e também membros que regiões vizinhas que adentaram tardiamente, como Claudio, conseguiram, mesmo sendo dos extratos inferiores da sociedade, cargos de grande

<sup>303</sup> Provavelmente 829.

<sup>304</sup> *In processu quoque teraporis, quotiescunque aut quocunque imperiales liltcre mirterentur, e amborum iroperatorum nomina continebant. Postea vero mutata voluntate, convuls:\* sunl statula, et de litteris f nomen omissum est, et in omnibus conlrraria attentata sunt; cum neque per seipsum Dcus, neque per angelum, neque per prophetara vobis dixerit, Pcenitel me ita constituisse, sicut de Saule dixit Samueli: adhuc quoque nescilis qualiler in secrelis Dei consiliis definitum sit. Et ecce, sine ulla ratione et consilio, quem eum Deo elegistis, sine Deo repudiatis, et cujus voluntatem in eligendo quaesitis, non exspectato exiiu voluntatis ejus, rem probatam reprobatis. Non igncrat prudentia vestra, quod sequendus est Deus, non pracedendus. Nam qui praecedere vult, tentat quod non est ex fide, dicente ipso Domino: Non tenlabis Dominum Deum tuum. MGH Leges, Capit. 1. Hannover, 1883, p.290*

importância dentro da administração imperial. Tanto que Claudio foi acusado de herege, mas jamais de perjuria ou traição.

### 3. TALVEZ HEREGE, MAS JAMAIS UM TRAIADOR

Claudio não representa uma novidade em sua nomeação. No século IV, Sínesio de Cirene fora nomeado bispo mesmo não sendo pertencente ao universo clerical. Sínesio foi aluno de Hepatia<sup>305</sup> (c.351 d.C - 415 d.C), e embora tenha ido para Constantinopla, onde se casou-se com uma cristã<sup>306</sup>, retornou à Cirene e empenhou-se pessoalmente na defesa das fronteiras. Em 410, o clero e o povo o elegeram ao bispado. Sinésio, assim como a grande maioria dos bispos, alegou ter resistido ao ofício, mas assumiu em 411. A sua carta 105, embora dirigida a seu irmão, é na verdade uma carta aberta à comunidade cristã de Ptolemais, esta que convidou Sinésio a se tornar seu bispo.

Eu ficaria totalmente sem juízo se não me mostrasse muito grato aos habitantes de Ptolemais, que me consideram digno de uma honra a que nunca teria ousado aspirar. Ao mesmo tempo, devo examinar não a importância dos deveres que desejam confiar-me, mas apenas a minha própria capacidade para cumpri-los. Ver-se chamado a uma vocação quase divina, quando afinal se é apenas homem, é uma grande fonte de alegria, se é que a merece. Mas se, por outro lado, alguém for muito indigno disso, as perspectivas do futuro são sombrias. Não é de forma alguma um medo recente meu, mas muito antigo, o medo de ganhar honra dos homens ao preço de pecar contra Deus. Quando me examino, não encontro a capacidade necessária para elevar-me à santidade de um sacerdócio como este<sup>307</sup>.

A virtude da *humilior* é uma característica recorrente no meio clerical, tanto da Antiguidade Tardia quanto da Idade Média. Homens como Sinésio chegaram a cargos eclesiásticos mesmo vindos de um universo totalmente distinto, aliás, Sinésio, segundo Johannes Quasten<sup>308</sup>, teólogo alemão, foi mais platônico do que cristão, e o próprio bispo não nega isso em seus registros.

Sinésio ganhou seu lugar através de serviços prestados à comunidade, mas em diversos momentos reclamou acerca da dificuldade em conseguir tempo para todas as

<sup>305</sup> As cartas trocadas entre Sinésio e Hipatia podem ser acessadas no endereço: <https://www.livius.org/sources/content/synesius/synesius-letter-016/>. Acesso dia 01/06/2021, às 10:32.

<sup>306</sup> Marrou, H. I. 1963. "Synesius of Cyrene and Alexandrian Neoplatonism." In Arnaldo Momigliano (ed.), *The Conflict Between Paganism and Christianity in the Fourth Century*, Oxford: Oxford University Press, 128–150.

<sup>307</sup> “Ανατος αν εινη, ει πολλην χαριν ειδειην Πτολεμαιοις, οτι με τοσοτων αζουσιν, οσωω οθδε αυτος εμαυτον. Αλλ’οθχει μεγαλα χαπιζονται, τουτο προσηχει σχοπειν αλλ’ει λαβειν εμοι δυνατα. Το γαρ ανθρωπον οντα, μικρου Θειας χαρπουσθαι τιμας, διχαλωι μεν οωτι τηγαωειν, νοιοτον εις απολαυσιν ερχεται’ λειπομενω...” Συνέσιος. Epistola 105. *Patrologia Graeca*, ed. JP Migne, 66 v. Paris, 1857. p. 1336.

<sup>308</sup>QUASTEN, Johannes. *Patrología. II: La edad de oro de la literatura patristica griega*. Biblioteca Autores Cristianos, 2004, p.168.

atividades. Se refletirmos nas horas de suas ocupações, assim como foi refletido em Plínio e Claudio, Sinésio demonstra:

Todos os meus dias são divididos entre estudo e recreação. Em minhas horas de trabalho, principalmente quando estou ocupado com assuntos divinos, eu me retiro em mim mesmo. Nas minhas horas de lazer me entrego aos amigos<sup>309</sup>.

No entanto, na mente de Sinésio o homem que está no corpo eclesástico não deve ter tempo para suas diversões, “Mas o sacerdote deve ser um homem acima das fraquezas humanas. Ele deve ser um estranho para todo tipo de diversão, até mesmo como o próprio Deus<sup>310</sup>”.

É difícil precisar se Claudio teve contato com as inúmeras epístolas de Sinésio, no entanto, ambos demonstram uma forte persistência no seguimento dos ideais aprendidos com seus mestres, “...se eu for chamado ao sacerdócio, declaro diante de Deus e dos homens que me recuso a pregar dogmas nos quais não acredito. A verdade é um atributo de Deus, e desejo em todas as coisas ser irrepreensível diante dEle<sup>311</sup>”. Sinésio assim é alvo de divisão, para alguns foi um aristocrata, para outros um bispo, com seu conhecimento e adpto ao neoplatonismo foi chamado até de bispo filósofo<sup>312</sup>

Nesse sentido, assim como Sinésio e Luís, o piedoso, Claudio também foi foco de algumas análises não consensuais, conforme podemos perceber em obras mais clássicas, escrito por Emilio Comba<sup>313</sup> em 1895 e obras mais atuais como de Pascoal Boulhoul<sup>314</sup>, Noble<sup>315</sup>, e um livro organizado por Kristina Mitalaité e Anca Vasiliu<sup>316</sup>. Cada produção carregando consigo a sua particularidade, Domínguez Del val<sup>317</sup> tentando legitimar Claudio como um espanhol e para tanto, seguindo o pensamento de Paulino Bellet<sup>318</sup>, argumentava que o bispo de Turim não foi um iconoclasta e que a

<sup>309</sup> Συνέσιος. Epistola 105. Patrologia Graeca, ed. JP Migne, 66 v. Paris, 1857. p. 1336.

<sup>310</sup> PG, 66, p. 1337.

<sup>311</sup> PG, 66, p.1338.

<sup>312</sup> BREGMAN, Jay. Synesius of Cyrene: Philosopher-Bishop:University of California Press, 1982.

<sup>313</sup> COMBA, Emilio. Claudio di Torino, ossia la protesta di un vescovo. Florence, 1895

<sup>314</sup> BOULHOL, P. Claude De Turin: Un Évêque Iconoclaste Dans l'Occident Carolingien: Étude Suivie De l'Édition Du \_Commentaire Sur Josué. Paris, 2002.

<sup>315</sup> NOBLE, Thomas F. X. Images, iconoclasm and the carolingians. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2009.

<sup>316</sup> L'icône dans la pensée et dans l'art: Constitutions, contestations, réinventions de la notion d'image divine en contexte chrétien. Kristina Mitalaité and Anca Vasiliu (org). Turnhout: Brepols Publishers, 2017.

<sup>317</sup> DOMÍNGUEZ DEL VAL, U. Historia de la antigua literatura latina hispano-cristiana. (siglo IX). Vol.6. Madrid: Fundación Universitaria Española, 2004.

<sup>318</sup> BELLET, Paulino. El liber de imaginibus sanctorum bajo el nombre de Agobardo de Lyon obra de Claudio de Turim. Affligem (Bélgica), Julio de 1954.

historiografia estava equivocada em atribuir o *Liber de imaginibus sanctorum*<sup>319</sup> a Agobardo ao invés do próprio Claudio.

Mas são as obras de Michael Gorman<sup>320</sup> que saem da curva do iconoclasmo e nos permite analisar outros aspectos da vida do bispo. O autor averiguou com precisão os manuscritos de Claudio referente aos textos das escrituras judaico-cristãs, fazendo também um levantamento do endereçamento de suas cartas e de seus conteúdos, que trouxeram a nós elementos importantes e que merecem ser ressaltados.

Como sabemos, Claudio escreveu muitos textos, alguns solicitados pela própria corte. Provavelmente, pensando na frase *verba volant scripta manent*, provérbio latino bem conhecido, “as palavras voam, os escritos permanecem”, que Luís solicitou a Claudio passar da oralidade para a escrita. Claudio alega que não foi um pedido apenas do imperador, mas também dos seus colegas de escola, provavelmente ele referia-se a Lion. Isso aconteceu quando o mesmo era professor da escola palatina. Depreux mostra que Faustin é atestado como escriba na corte de Luís, rei da Aquitânia, por um colofão, no *Expositio Genesi* de Claudio, ainda em 811<sup>321</sup>.

E, de fato, confesso que a princípio foi contra minha vontade quando, a pedido de meus irmãos da escola, a quem eu lecionava sobre as Escrituras, e a pedido do piedoso príncipe, o imperador Luís, concordei em realizar tanto este trabalho e o comentário do Pentateuco que você pede. Fui requisitado por este príncipe não apenas a falar palavras que iriam desaparecer no esquecimento, mas sim a escrevê-las com uma caneta (*calamo*) e fazer com que durassem, assim, foi escrito com uma caneta tudo o que eu disse.<sup>322</sup>

Foram através desse pensamento que Claudio escreveu muitas obras, obras essas pedidas por vários de seus amigos que provavelmente haviam sido seus alunos em algum tempo antes de sua nomeação ao bispado na cidade Turim.

Claudio, devido as suas mobilidades, teve contato com inúmeras pessoas no Império, criando uma rede de contatos ampla, provavelmente, na corte de Aquisgran,

<sup>319</sup> Texto esse que seria um álibi para Claudio, conforme abordamos, o que chegou até nós foram apenas fragmentos de seu apologético. Para Bellet, a obra completo foi atribuída erroneamente a Agobardo.

<sup>320</sup> GORMAN Michael. The Commentary on Genesis of Claudius of Turin and Biblical Studies under Louis the Pious. *Speculum: Journal of Medieval Studies* 72,2, 1997, p. 279-329.

<sup>321</sup> DEPREUX, Philippe. *Prosopographie de l'entourage de Louis le Pieux (781-840)*, Sigmaringen: Thorbecke, 1997, p.193.

<sup>322</sup> “*Si ante has sollicitudines hoc opus non fuisset adgressus rogantibus fratribus ut nosti vix nunc exinde aliquid valuissem agere. Et vere fator me primitus invitatus accessisse, et in hoc opus Pentatitico quem postulas, imperantibus fratribus in scola constituis, quibus viva voce scripturas tradebam, pecipiente pio principe Hluwico imperatore. Compulsus etiam a memorato principe, ut non tantum verba per oblivionem palatem traderem, sed etiam calamo diu permanentem scriberem, ut quod ore promebam calam sriptitarem*”MGH EPP4, 601. PL. 104, 842.

Claudio encontrou homens importantes do Império, como o próprio Eginardo, Alcuíno e Teodulfo, no entanto, a maioria de suas cartas, com exceção das obras que foram pedidas e dedicadas ao próprio Imperador, foram direcionadas para abades. Pensando nisso, fizemos uma tabela para mostrar de forma mais didática seus textos e seus destinatários.

Tabela das Cartas de Claudio

Nome da obra escrita por Claudio	Enviadas para	Ano
Coríntios	Teodomiro, abade de Psalmod	812
Êxodo	Teodomiro	821
Levítico	Teodomiro	823
Rute	Teodomiro	824
Reis	Teodomiro	824
Efésios/Felipenses	Luís o Piedoso	817-818
Gálatas	Dructerrano, abade	816
Filemon	Sem dedicatória	???
Brevis crônica	Luís, o Piedoso	???
Apologeticum	Corte de Luís	825
Mateus	Justo, abade de Charroux	816
Josué	???	827

Por mais que Claudio tenha argumentado sua ignorância na literatura profana, na literatura cristã o mesmo era um erudito, no prologo de Mateus faz um compilado de citações de Orígenes (185-253), Hilário (300-368), Ambrósio (340-397), Jerônimo (347-420), Rufino (345-410), João Crisóstomo (347-407), Leão, o Grande (???-461), Gregório (540-604) e Beda (673-735)<sup>323</sup>.

Claudio tinha como amigo Teodomiro e foi através deste que percebemos o carinho que Leidrado tinha por seu aluno. Quando Leidrado aposentou-se de sua cadeira, deixando-a para Agobardo, foi para Poissons, Teodomiro enviando uma carta para Claudio pede para que o mesmo respondesse com uma epístola ou fosse visitar pessoalmente seu mestre, pois o mesmo aguardava-o ansiosamente.<sup>324</sup>

<sup>323</sup> PL, 104, p. 833, “*In studio hujus operis scientia ita et tempore praecesserunt, id est Origenis, Hilarii, Ambrosii, Hieronymi, Augustini, Rufini, Joannis, Fulgentii, Leonis, Maximo, Gregorii, et Bedae*”

<sup>324</sup> PL, 104, p.623A. *Nem et venerabilis Pater Leidrath, quondam episcopus Laudensis, cum hoc audisset, gavisus est et ipse, rogavitque eum mihi multum ad scribendum, et miratus fuit, cur epistolam illi non misistis ex tanto tempore. Et promisit, quod ipse suam epistolam vobis missurus sit: valde enim desiderat visionem vestram, si fieri potuisset. Et si non visionem corpoream, vel epistolam.* “Pois o venerável Padre Leidrath, outrora bispo de Lyon, quando ouviu isso, alegrou-se e ele mesmo pediu-me para que escrevesse muitas coisas, e ficou admirado porque eu não escrevia para ele há muito tempo. Ele prometeu que vos enviaria sua carta: se for possível, ele deseja muito vossa visita. E se não for possível uma visita pessoal, uma carta”. Tradução realizada com a ajuda do professor Everton Grein.

Podemos entender nesse sentido que Claudio tinha um vínculo muito forte com seu professor, possivelmente sua indicação para estar próximo de Luís partiu desse laço. Com um bom currículo, Claudio tinha uma reputação alta, não apenas entre os bispos, como Nibridius, bispo de Narbone.<sup>325</sup>, mas entre os monges, afinal Dructerano e Justus solicitaram-no comentários bíblicos.

Embora seus escritos tenham sido requisitados e cobrados o mesmo alegava: “eu amo mais aprender do que ensinar<sup>326</sup>” e reforçou tal ideia em outra carta enviada ao próprio Teodomiro, quando é elogiado por seus escritos e por sua habilidade como professor, afirma “porque reconheço que é caridade sua, para mim é mais benéfico aprender do que ensinar”<sup>327</sup>

Quando cobrado por seus amigos devido à demora de entregar seus comentários, sempre respondeu que suas atividades como militar o comprometiam e tomavam seu tempo. Justificando a Teodomiro afirma:

Verdadeiramente, até agora, não pude realizar seu pedido, não por causa da preguiça, dormência ou negligência, mas por causa de ataques brutais contra nossa comunidade e por causa da perversidade excessiva dos homens maus. Essas duas tarefas têm sido uma tortura tanto que a minha vida se tornou enfadonha para mim. No entanto, embora minhas forças estejam falhando, eu me recuso a fugir sozinho para descansar um pouco<sup>328</sup>.

Sem dúvidas Claudio aqui reclamava dos ataques que recebiam frequentemente enquanto trabalhava protegendo seus fiéis, seja na forma espiritual ou na forma terrena. As reclamações de Claudio aparecem também em outros momentos referindo-se ao clamor divino e pedindo alento devido às batalhas que recebia “por que me rejeitas? por que ando lamentando por causa da opressão do inimigo?”<sup>329</sup>.

Claudio ficou marcado na historiografia como o exegeta do imperador, no entanto, precisar acerca do método de seu exesege ainda é uma tarefa muito difícil, fato é que seus trabalhos não eram originais ou inovadores, pois o mesmo sempre recorria a algum pai da igreja, frequentemente a Agostinho de Hipona, sendo assim, é necessário ressaltar a afirmação de Michel Gorman:

---

<sup>325</sup> PL, 104, 623A.

<sup>326</sup> PL, 104, p.618. “*Quia ego magis amo discere, quam docere*”

<sup>327</sup> PL, 104, p.635, “*quia quod confitendum est charitati tuae, plus mihi expedit discere quam docere*”

<sup>328</sup> PL 104.615D “*Quod vero jussioni tuae hactenus parere nequivi, non fuit pigritia vel torporis negligentia, sed reipublicae infestatio dirá, et malorum hominum nimia perversitas. Quae duae red me in tantum cruciante, ut mihi jam sit taedium vivere, debilitatusque pennis virtutum, non valeo ui solitudinem fugere, ubi aliquantulum requiescam, et dicam Deo*”

<sup>329</sup> PL 104, 616. “*Quare me repulisti, et quare tristes incedo, dum affligit meinimicus?*”

A maioria dos comentários de Claudius são inéditos ou impressos sob os nomes de outros (Eucherius, "Claudius de Auxerre", Atto de Vercelli). Vários não foram concluídos e apenas alguns foram estudados. Portanto, é quase impossível no momento estudar os métodos e objetivos de Cláudio como exegeta. Do projetado comentário sobre o Pentateuco, apenas os comentários sobre Gênesis e Levítico sobreviveram. Os comentários sobre Êxodo e Números se perderam, e o comentário sobre Deuteronômio nunca foi iniciado. O comentário sobre Josué<sup>330</sup> e Juízes não foi publicado...O breve comentário sobre Ruth foi impresso pela primeira vez em 1974. O comentário sobre Reis foi publicado em duas edições, o comentário sobre Gálatas, impresso pela primeira vez sob o nome de Cláudio de Auxerre em Paris em 1542, e sobre Colossenses, Tito e Hebreus, impressos pela primeira vez sob o nome de Atto de Vercelli. Os comentários sobre Romanos, 1 e 2 Coríntios, Efésios e Filipenses - certamente os mais importantes de um ponto de vista histórico e teológico - não foram editados em vários manuscritos<sup>331</sup>

Talvez pela dificuldade de acesso as outras cartas e textos de Claudius, o impulso dado por Jonas de Orleães e Dungal que a historiografia focou em seu Apologeticum e na questão da iconoclastia.

### 3.1 O problema com as imagens

É notório através de todas as obras que citam a figura de Claudius que seu destaque está no iconoclasmo, e através deste ponto que temos as últimas informações sobre sua vida, no entanto, as discussões iconoclastas não iniciaram dentro do Império Carolíngio, mas sim no Império Bizantino.

O problema da iconoclastia começou com o imperador Leão III (717-741), sírio de nascimento<sup>332</sup>, desencadeando a destruição das imagens de santos. Podemos afirmar que para o Basileus (*βασιλεύς*) iconoclasta, as imagens deveriam ser totalmente destruídas por três motivos, a saber: 1) para que os fiéis não viessem a infligir o segundo mandamento do decálogo, ou seja, proibição da idolatria; 2) para romper o poder dos monges, visto que eles estavam com grande prestígio popular devido à propagação das imagens<sup>333</sup> em seus mosteiros, 3) na tentativa de evitar a intervenção armada dos muçulmanos. Sobre esses motivos, a partir de 724, o imperador Leão III

<sup>330</sup> No entanto, atualmente temos a obra de Paschoal Boulhoul que analisou exclusivamente o comentário de Josué.

<sup>331</sup> GORMAN Michael. The Commentary on Genesis of Claudius of Turin and Biblical Studies under Louis the Pious. *Speculum: Journal of Medieval Studies* 72,2, 1997, p. 286.

<sup>332</sup> O fato de o Basileu ser sírio de origem interfere totalmente na heresia iconoclasta, visto que ele era conhecedor dos princípios islâmicos.

<sup>333</sup> Cf. LEMERLE, Paul. *História de Bizâncio*. Trad. Marilene Pinto Michael. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 77.

começou sua campanha contra as imagens ordenando suas respectivas destruições, em contrapartida, os bispos ortodoxos reagiram a favor delas e o papa Gregório II (715-731) condenou a iconoclastia de Leão III. Porém, o imperador prosseguiu na sua política iconoclasta, inclusive contra seus fabricantes, conduta essa que será seguido por seus sucessores.

Constantino V (741-775), filho de Leão III, foi o mais intransigente em seus decretos, pois, além de proibir até mesmo a imagem do próprio Cristo, instaurou uma perseguição violenta contra os que continuavam a defender o culto aos ícones, como consequência, houve numerosos mártires. Leão IV (750-780), filho de Constantino, não era um iconoclasta no sentido literal da palavra<sup>334</sup>, visto que não destruiu imagens, nem perseguiu os veneradores delas, mas aceitava as mesmas dentro das igrejas. Sua conduta não iconoclasta pode ser justificada pelo fato que sua esposa, Irene, respeitava os monges e venerava as imagens. Depois da morte do imperador, em 780, Irene tentou acabar com a iconoclastia convocando um concílio sete anos mais tarde.

O II Concílio de Niceia de 787 tinha como objetivo combater a tal heresia, condenar seus praticantes e restaurar o uso de imagens nas igrejas, afirmando que os ícones são dignos de veneração (*προσκύνησης*) e não de adoração (*λατρεία*).

A distinção dos dois termos ocorre pelo fato que, *προσκύνησης*<sup>335</sup>, está vinculado ao ato de venerar algo ou alguém, enquanto *λατρεία*<sup>336</sup> é aquele que serve, no sentido claro de um verdadeiro culto a um Deus, com sua plena e convicta adoração. Esses dois termos serão as justificativas dos debates de época, enquanto os iconodulos afirmam sobre o caráter didático e pedagógico das imagens, o merecimento da veneração (*προσκύνησης*) aos santos pelos seus feitos, a fé que deve ser imitada, os iconoclastas argumentam que a adoração (*λατρεία*), só pode ser dada a Deus, ou seja, no sentido bíblico que o indivíduo deve servir apenas um senhor<sup>337</sup>. Alguns problemas podem ocorrer na tradução de um idioma para outro, talvez o ditado tenha sentido no caso que

<sup>334</sup> O sentido literal da palavra iconoclasmo vem do grego, *εἰκών*, (eikon, imagem) + *κλασμός* (klamos, ação de quebrar). Cf. MACHADO, Arlindo. O quarto iconoclasmo e outros ensaios hereges. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001, p. 6.

<sup>335</sup> *Προσκύνησης* prosternação. MALHADAS, D.; DEZOTTI, M. C. C.; NEVES, M. H. M. (coord.). Dicionário grego-português Vol. 4. Cotia: Ateliê Editorial. 2006, p. 154.

<sup>336</sup> *Λατρεία, ας (ή)*: 1 serviço; serviço de assalariados; serviço de mercenário 2 culto de um deus; adoração 3 cuidados com o corpo ou a alma. (*Λατρείω*). MALHADAS, D.; DEZOTTI, M. C. C.; NEVES, M. H. M. (coord.). Dicionário grego-português Vol. 3. Cotia: Ateliê Editorial. 2006, p. 114.

<sup>337</sup> “Ninguém pode servir a dois senhores. Com efeito, ou odiará um e amará o outro, ou se apegará ao primeiro e desprezará o segundo...”. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002, p. 1714.

veremos, “Traduttore, Traditore”, o erro de tradução<sup>338</sup> dos conceitos levou a uma grande divergência entre oriente e ocidente.

Se o Império Romano Ocidental realizou um concílio para abordar esse ponto, o ainda Reino Franco, mas que buscava um destaque na questão do universo cristão, em contrapartida, realizou o Sínodo de Frankfurt em 794 e criou o *Libri Carolini*<sup>339</sup>, que foi um tratado pelo qual os carolíngios se colocaram contra o culto oriental de imagens, culto esse que era apoiado pelo papa Adriano I, e contra a iconoclastia. O documento foi escrito pelos letrados carolíngios, como Teodulfo de Orleães a pedido de Carlos Magno.

Possivelmente Carlos buscava distanciar-se dos portadores do Império Romano Oriental. Além de o referido tratado enumerar diversas passagens diferenciando interpretações sobre a adoração e afirmando que o único e exclusivo merecedor da *λατρεία* é Deus, existem outras argumentações para o Ocidente ir contra o culto as imagens, uma vez que para os carolíngios, que buscavam vínculos políticos, a igreja romana era superior às demais nas causas de fé, toda vez que surge uma dúvida teológica ou até mesmo administrativa, deveria ser inteiramente consultada, o que não havia acontecido.

O culto as imagens continuou em discussão, tanto no Ocidente quanto no Oriente, sendo resolvido, no último, apenas no ano de 843, com o sínodo convocado pela imperatriz Teodora ao qual ficou conhecido como o triunfo da ortodoxia. No entanto, entre o *Libri Carolini* (794) até o último episódio citado (843), os ideais iconoclastas foram novamente revigorados na cidade de Turim.

Giovanni Batista Semeria<sup>340</sup> mostrou que Turim, na questão religiosa, teve seus resquícios de idolatria derivados de sacrifícios à Diana, tanto que Máximo (380),

---

<sup>338</sup> “Uma vez concluído o sínodo, as atas foram levadas ao papa, que as fez traduzir do grego para o latim. Esta tradução das atas, conhecido por *LatinNiceanum*, foi, de acordo com Hubert Bastgen, não apenas sem sucesso, como infeliz e equivocada. Ela foi revista apenas em 873 pelo bibliotecário Anastácio, que, em uma carta ao papa João VIII, quem lhe entregou a cópia para a nova tradução, escreveu que o primeiro tradutor, que não tinha completo domínio de ambos os idiomas, teria traduzido textualmente o tratado, de forma que pouco ou quase nada se podia compreender do texto. Ainda que a primeira tradução não tenha realmente sido bem sucedida, podemos pensar que existiu uma tendência a desacreditar os documentos que se relacionavam à iconoclastia, quando do triunfo da ortodoxia...Um dos principais erros presentes na tradução do século VIII e corrigido por Anastácio no século seguinte, é a tradução de *proskyneses* e *dulia* pela mesma palavra em latim, *adoratio*”. BAJJANI, Lucy Cavallini. Estudo dos *Libri Carolini*: Uma contribuição para o estatuto da imagem na Idade Média. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, p.4. 2009, p. 45.

<sup>339</sup> *Libri Carolini sive Caroli Magni capitulare de imaginibus*, ed, H, Bastgen, MGH, Concil. II, Supplem. I, Hanover, Liepzig, 1924, Reedição por A. Freeman colaboração de P. Meyavert, *Opus Caroli Magni contra synodum (Libri Carolini)*, MGH, Concil. II, Supplem. I, Hanover, Liepzig, 1998.

<sup>340</sup> SEMERIA, Giovanni Battista. *Storia della Chiesa Metropolitana di Torino*. Torino, 1840.

argumentou contra a mitologia grega e a filosofia presente na cidade. Assim como aconteceu em outros lugares da Terra, a primeira igreja de Turim, muito pequena por sinal, foi erguida no local onde ocorreu o enterro dos mártires da cidade no tempo dos imperadores gentios, no entanto, antes do ano 400<sup>341</sup> Turim já possuía uma vasta basílica. Não sabemos bem ao certo quem foi o primeiro bispo de Turim<sup>342</sup>, mas, Máximo Magno que tinha uma particular veneração por São João Batista levará a figura do mesmo como padroeiro de cidade.

Os sucessores do bispado de Turim<sup>343</sup> irão fazer uma igreja cercada por ícones, isso justifica a afirmação de Claudio em dizer que encontrou todas as igrejas cheias de imagens sórdidas, que na concepção dele eram anátemas e contrárias ao verdadeiro ensino.

No século IX, o recém-nomeado bispo da cidade do Piemonte logo ao chegar enfrentou problemas, temos acesso a este fato após anos mais tarde. Podemos dizer que sua atitude iconoclasta, parte do campo das ideias para o campo da ação, no entanto, os principais ataques a ele não são por seus atos, mas sim pelos seus escritos. Vale relembrar que o bispo foi formado na Marca Hispânica, cercado pela heresia adocionista, do outro lado do Império, o iconoclasmo oriental e ao norte o paganismo nórdico, ou seja, o Império Carolíngio foi um império cercado pelas heresias.

Quando Claudio assumiu a igreja de Turim, segundo ele mesmo, encontro-a carregada de superstições que se refugiavam nas imagens. Todas as basílicas estavam repletas de estatuas, o que o próprio Claudio narra em seu Apologético:

Cheguei à cidade de Turim, na Itália, enviado por Luís, aquele piedoso príncipe e filho da santa Igreja Católica do Senhor. Eu encontrei todas as igrejas cheias de imagens sórdidas, que são anatematizadas e

---

<sup>341</sup>Constantino já havia decretado a paz à religião cristã. Cf LACTÂNCIO. Sobre la muerte de los perseguidores. Madrid: Editorial Gredos, 2000; MARROU, H.-I. L'Église de l'Antiquité (303-604). Paris: Éditions du Seuil, 1985; VEYNE, P. Quando o nosso mundo se tornou cristão: (312-394). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010; CESAREIA, Eusébio. Vida de Constantino. Madrid. Editorial Gredos, 1994.

<sup>342</sup>Semeria (1840), mostra que existem divergências em relação a quem seria o primeiro bispo, alguns argumentam em houve um São Victor que viveu no século IV, mais precisamente no ano de 310, outros afirmam que isso não tem sustentabilidade, e afirmam que foi São Máximo que deu início ao bispado turinense.

<sup>343</sup>Ruffo (c.560 – 570), seguiu o mesmo caminho de Máximos, tanto que quando uma certa mulher trouxe da cidade de Samaria algumas relíquias de São João Batista em Moriana, o bispo Ruffo de Turim foi venerá-las. Ursicino (572); depois de quase dois séculos, Semeria (1840), apresenta um bispo chamado Rustico (678); Reguimiro (780); Andrea (c. 799), até chegar ao iconoclasmo de Claudio (816 – c. 827), a data de nomeação ao bispado, assim com a morte de Claudio não é afirmada de forma unânime, “815, secondo il Meiranesio; nell' 821, secondo Cave; nell' 823, secondo Bergier; nell' 825, secondo altri. Prendendo il punto mediodiquesticalcoli, può fìssarsi il promozione di Claudio nell' 820” (SIMERIA, 1840, p. 54).

contrárias ao ensino verdadeiro. Uma vez que todos os adoravam, empreendi sozinho a tarefa de destruí-los<sup>344</sup>.

É difícil precisar se a corte ficou sabendo dessa ação no ano em que aconteceu. O próprio Cláudio só narrou esse episódio no ano de 824, quando ficou sabendo que seu amigo, Teodomiro a qual tinha enviado inúmeras cartas, e tecidos muitos elogios, denunciou-o ao Palácio de Aquisgran por seu Comentário aos Coríntios, alegando que possuía conteúdos heréticos.

Teodomiro representa o tipo de amizade que ninguém gostaria de ter perto, mesmo tramando contra o bispo de Turim continuou solicitando o tratado sobre Levítico, possivelmente para tentar obter mais provas sobre o pensamento de Claudio a respeito das imagens.

No entanto, antes de completar o tratado, Claudio ficou sabendo da denúncia através de outra carta recebida da corte imperial<sup>345</sup>. Porém, a ação tomada por Teodomiro foi ineficaz e a obra não foi condenada, pelo contrário, Claudio afirma que foi amplamente acolhida e copiada. Ainda para tentar inocentar-se, ele produziu um *apologeticum*, obra essa possuiu conteúdo meramente teológico respondendo a todos os questionamentos de Teodomiro.

Os prelados da corte de Luís enviaram para Dungal e Jonas responderem os conteúdos presentes no *Apologeticum* de Claudio, atualmente temos acesso à obra apenas por fragmentos. Por fim, quando informado ao Papa sobre o iconoclasmo carolíngio, foi realizada em Paris uma reunião, meramente consultativa<sup>346</sup>, no ano de 825. Claudio foi convidado para assistir a mesma, no entanto o mesmo não se fez presente, inclusive, de forma irônica chamou-a reunião de Sínodo dos Asnos.<sup>347</sup>

Apesar de para muitos a reunião não tenha resultado em nada positivo, no mesmo ano da reunião, ano de 825, com a *Capitulare Olonense*, a tradição Carolíngia reafirma sua ênfase no espírito do crente cristão, afirmando que poderia aprender-se com as imagens como da cruz, relíquias e peregrinações, elementos esses criticados

---

<sup>344</sup> “*Et veni Italiam civitatem Taurinis, inveni omnes basilicas contra ordinem veritatis sordibus anathematum (et) imaginibus plenas.*” CLAUDIUS TAURINENSIS. *Apologeticum atquerescriptum Claudii Episcopi adversus Theutmirum Abbatem*. In: MIGNE, J. P. *Patrologiae Latinae*, Vol. 104 Paris: 1863, p.876.

<sup>345</sup> Cf. PL 104, p. 811.

<sup>346</sup> Tal assembleia não deve ser tratada como Concílio, pois não reuniu todo o *corpus cristianos*

<sup>347</sup> PL, 105, p. 529. “*Propter istam autem insanissimam perversitatem renuit ad conventum occurrere episcoporum, vocans ilorum synodum congrationem asinorum*”.

severamente por Claudio. Entre os extremos da iconodulia e do fervoroso iconoclasmo, novamente se afirmava o caráter pedagógico das imagens.

Dungal respondeu Claudio quando o último já morrera, conforme ele mesmo afirma<sup>348</sup>, provavelmente em 829. Jonas foi mais detalhista em sua obra e demorou ainda mais, afinal foram três livros acerca do assunto que fora publicado quize anos depois, cerca de 840.

Dungal fez uma série de acusações:

Os judeus elogiam-o acima de todos os outros neste reino e constantemente o citam. Como ele não difere de sua religião em nenhum ponto, eles o chamam de o mais sábio dos cristãos, que como ignorantes e nécios zombam e insultam, mas deveriam ser exortados e se tornados seus alunos. Ele, por sua vez os exalta, e especialmente seus vizinhos Saracenos, com elogios excessivos.<sup>349</sup>

Dungal acrescentou que Cláudio até apagou os nomes dos santos da ladainha e de outros ofícios da igreja e repudiou a comemoração dos aniversários dos santos como "uma observância vã e um costume inútil"<sup>350</sup>

Jonas iniciou abordando suas origens, alegando que hispânia havia feito homens eruditos e eloquentes, mas lamentou que a mesma também tivesse gerado pessoas com doutrinas perversas e que macularam a simplicidade da fé católica. Jonas, foi ainda mais além, associou Cláudio às heresias adocionistas e arianas,<sup>351</sup> acusou-o de erros gramaticais<sup>352</sup>, plágio, desonestidade<sup>353</sup>; e com uma alta erudição respondeu-lhe ponto por ponto, citando as Escrituras, os pais e poetas cristãos e pagãos. Tanto detalhamento pode ser justificado pelo fato de Claudio ter zombado de sua prolixidade<sup>354</sup>

Podemos afirmar que os relatos de Claudio foram citados pouquíssimas vezes em outros textos, encontramos apenas em Rabano Mauro<sup>355</sup> e Agobardo de Lion<sup>356</sup>,

<sup>348</sup> PL, 105, p. 465.

<sup>349</sup> PL, 105, p.528. "*Quem ob hoc Judaei prae caeteris in hac regione collaudant, omnibusque proferunt; et quia in nullo ab eorum traditione et religione dissonat, sapientissimum eum Christianorum vocant, quos veluti imperitos et inscios ab eo discere et suos fleri discipulos deridendo et insultando exhortantur; ipso nihilominus vieissim eos, et maxime suos affines Saracenos, nimiis hyperbolicisque efferent praeconiis*"

<sup>350</sup> PL, 105, p. 528D, "*In litanis enim et in caeteris Ecclisiae officis nullum sanctorum vult memorare, aut nominare, vel eorum anniversaria celebrare festa, sed velut vanam observationem et inutilem consuetudinem despiciens, omnia praetermittit*"

<sup>351</sup> PL 106, p.307-308, arianismo e adocionismo.

<sup>352</sup> PL 106, p.309C e PL 106, p.316C-317A; defeitos gramaticais.

<sup>353</sup> PL 106, p.363D. desonestidade

<sup>354</sup> PL, 106, p. 312C. "de tal prolixidade que ultrapassou em tamanho o saltério de Davi com mais cinquenta salmos acrescentados".

<sup>355</sup> PL 104. 835C

<sup>356</sup> PL 104. 835D

possivelmente Jonas e Dungal queriam obter uma *damnatio memoriae*, inclusive pelo fato de fragmentar sua apologeticum em trechos pequenos. Tal ponto ainda pode ser sustentado com Walafrido Strabo<sup>357</sup> que o nomeou como *damnatus*<sup>358</sup>, no entanto, a obra do monge foi escrita em 840-842, e os escritos que ele o menciona, provavelmente dos acusadores de Claudio, foram terminados após esses anos, ou seja, em vida Claudio não recebeu nenhuma sentença.

Mesmo com todas essas repercussões no mundo carolíngio acerca de Claudio, podemos concluir que o mesmo continuou até o fim de sua vida na cadeira de Turim, afinal ele tinha mais do que um papel de administrativo, mesmo representando uma contraposição de alguns bispos e de uma considerável parte da população, possuía o apoio de Luís *O Piedoso* e de Lotário I<sup>359</sup>.

Suas posições foram atacadas, mas mesmo o leitor casual podia ver nos prefácios de seus comentários que ele trabalhou a pedido do imperador Luís, o Piedoso. E pensando em suas tentativas de condenação por heresia, percebemos que Claudio nunca foi condenado ou acusado por traição ao imperador, sua fidelidade sustentou sua cadeira episcopal.

---

<sup>357</sup> “*Quam etiam Claudius quidam Taurinensis episcopus, sed in veritatis itinere nomenis sui similitudine nutabundus, inter ceteras venitatum suarum ineptias cupiens renovare, antequam diversorum contra eum scribentium iaculis perfodetur, suo iudicio damnatus interiit*”. Walafridi Strabonis. *Libellus de exordiis et incrementis quarundam in observationibus ecclesiasticis rerum*, in: MGH, Capit, regum Francorum, II, ed. A. Boretius-V. Krause, 1897, 483.

<sup>358</sup> Condenado, banido, sentenciado.

<sup>359</sup> Cf. HERRIN, Judith. *The Formation of Christendom*. Princeton. University Press, 1987, p. 471.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O historiador não deve tomar um determinado partido em sua análise, a Idade Média não foi um lugar de trevas e nebulosidade, onde a ignorância, o assassinato e a brutalidade dominavam as ações e os pensamentos, no entanto, também não foi o período de ouro, onde os castelos, os cavaleiros e os códigos de honra eram totalmente respeitados. Foi uma época como qualquer outra, com suas leis e suas brechas, com seus seguimentos e punições, construções e destruições, avanços e retrocessos, esse último depende do olhar.

Nesse sentido, Carlos Magno sem dúvidas foi um grande rei, mas não podemos olha-lo ao ponto de um endeusamento, o governo de Luís, por sua vez, também não foi o Império perfeito, no entanto, não foi apenas por sua atuação que ocasionou a desestruturação política. Neste trabalho buscamos demonstrar como o Império, já nos últimos anos do governo de Carlos Magno, estava numa divisão iminente.

Para tanto, acreditamos ser necessária a análise das fontes do período, a leitura crítica de uma historiografia recente, mas sem esquecer-se dos textos antigos, sejam eles clássicos ou não. O período de Luís deve ser analisado em duas divisões, os anos iniciais (814-830) onde Luís organizou o Império de forma interna, possivelmente pensando em continuar uma expansão externa, e a segunda (830-840), que não foi foco do nosso texto, mas que devido ao descontentamento de grupos da elite política, aristocrática e religiosa, que buscou respaldo e vantagens em seus filhos e parentes, promoveu uma série de revoltas, ocasionando uma estagnação política e expansional carolíngia.

Diversos fatores foram elencados sobre os problemas das comparações entre pai e filho. Acreditamos que esses elementos eram perceptíveis para o sucessor de Carlos Magno. Com as expedições militares praticamente inertes, as caçadas foram uma garantia de Luís demonstrar suas habilidades como guerreiro, além dum contato mais estreito com os membros de sua elite aristocrática e membros de extratos mais baixos, como falcoeiros e caçadores.

O imperador buscava um apoio tanto nas elites aristocráticas como também nas religiosas. Para tanto, a eleição episcopal livre era um forma dos membros da igreja acreditarem que teriam certa liberdade, no entanto, a influência imperial era exercida da mesma força. Inúmeros bispos foram nomeados através de indicação de Luís.

As revoltas elecandas no Império decorreram dum problema que Carlos Magno não precisou se preocupar, a passagem do seu título. Luís foi seu único filho sobrevivente, logo, não haveria outra pessoa para receber a coroa imperial. Luís, devido ao desabamento de uma galeria de madeira da catedral do palácio de Aachen começou a planejar sua sucessão, três meses depois, ele emitiu uma *Ordinatio Imperii*, um decreto imperial que estabelecia como procederia a sua sucessão, colocando o primogênito acima dos seus irmãos com o título de imperador, divergindo do costume franco de repartição do território, ou seja, o título imperial trouxe confrontos internos, gerando inicialmente a revolta de seu sobrinho, revolta essa pouco explorada pela historiografia, e mais tarde de seus filhos mais jovens.

Luís, com a ajuda de seus intelectuais e de suas elites, tentou de várias formas controlar um colapso já nesses primeiros anos de seu governo, percebendo estas ameaças de usurpações, elevou, não apenas para seu *entourage*, mas para as regiões mais longínquas da corte, pessoas fiéis ao seu governo homens esse que contribuiriam para a manutenção do poder real.

Esses indivíduos provinham das regiões circunvizinhas dos francos, processo esse que iniciou com Carlos Magno e continuou com seu filho. Algumas batalhas favoreceram para que migração acontecesse e assim a cultura franca fosse aprimorada. Os *hispani* são exemplos destes casos, homens de origem não aristocrática foram alocados para regiões de marcas com uma legislação específica e homens de origem aristocrática constituíram um grupo seletivo na corte do imperador e aos poucos foram enviados para várias localidades, assumindo abadias, bispados e condados.

Claudio como um *hispani* foi exemplo do conceito de mobilidade, afinal foi forçado a assumir um cargo, mudou de lugar e também de extrato social, mas deixamos claro que sua nomeação foi resultado de sua fidelidade, apesar de atribuir consigo as habilidades que um bispo de fronteira deveria ter: o conhecimento religioso e o conhecimento militar. Embora denunciado por seus escritos e entendido como herege por sua teologia, sua fidelidade aos carolíngios nunca foi questionada.

O fato de finalizarmos a dissertação com o iconoclasmo de Claudio é importante, afinal, foi através desse episódio que temos acesso a todo seu *corpus* documental e as discussões historiográficas acerca de sua pessoa, afinal, nem sua teologia não representa algo novo, nem o fato dele ser um bispo militar, porém Claudio

demonstra-nos elementos importantes para entendermos as nomeações no mundo carolíngio, desde as regiões mais próximas até as fronteiras do Império.

Percebendo os mapas que representam o Império Carolíngio, seja do período de Carlos Magno, ou posterior, a cidade de Turim não foi demarcada, podemos encontra-la figurativamente devido sua proximidade com Marsella. Mesmo analisando as fontes de época não vemos abordagens colocando a cidade como destaque ou demonstrando uma preocupação por parte dos governantes naquela localidade geográfica. No entanto, sabemos que posteriormente, em 888, a cidade aparecerá de forma relevante nos documentos e já no século X iniciará um processo de reconquista da cidade das mãos dos sarracenos. Concluimos assim, que com a nomeação de Claudio a cidade esteve segura, principalmente devido a sua proximidade com o Imperador, assim o mesmo notificava os ataques e as dificuldades que enfrentava cotidianamente.

Em vida, Claudio exerceu a função dum bispo de fronteira que o governante carolíngio queria, sendo um aliado fiel à coroa. Em morte, deixou suas obras, mesmo com a possível *damnatio memoriae* de Dulgal e Jonas sobre ele, conseguimos, de certa forma, reconstituir sua história e seu impacto no mundo carolíngio.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Fontes:

AGOBARDUS LUGDUNENSIS. **Flebilis epistola de divisione imperii Francorum inter filios imperatoris**. In: MIGNE, J. P. *Patrologiae Latinae*, Vol. 104. Paris: 1864.

AGOBARDI LUGDUNENSIS. *Epistolae*, t. III. **Epistolae karolini aevi**, pub. Por E. Dümmler, Hannover, 1892-1939.

AGOSTINHO DE HIPONA. **A Cidade de Deus**: (contra os pagãos), parte II. Trad. Oscar Paes Leme. Petrópolis, RJ: Vozes; SP, 2017.

ANNALES LAURISSENSIS MINORES. ed. Georg Heinrich PERTZ. *Scriptores (in Folio) (SS) 1: [Annales et chronica aevi Carolini]*, Hannover, 1726 .

ANNALES METTENSES PRIORES, pub. Por B. von Simson. *Serie dos Escritores, Rer. Germ.* Hannover, 1895.

ANNALES REGNI FRANCORUM ET ANNALES Q. D. EINHARDI. *Hannoverae Impensis Bibliopolii Hahniani*, 1895.

ANNALES SANCTI AMANDI, ed. Georg Heinrich Pertz, MGH SS 1, Hannover, 1826.

ANNALES XANTESES ET ANNALES VEDASTINI, pub. Por B. von Simson, dos *Escritores. Rer. Germ.* Hannover, 1909.

ASTRONOMUS, **Vita Hludovici Pii**, em MGH, *serie dos Escritores*, t. II, Hannover, 1829.

CAPITULA MISSORUM SPECIALIA. A. (ed.). MGH *Leges*, Capit. 1. Hannover, 1883,

CAPITULARIA REGNUM FRANCORUM, pub. Por A. Boretius e V. Krause. MGH, Hannover, 1908.

CAROLUS. **De causa Ebbonis**. Charles le Chauve, Ad Nicolaum I papam de causa Ebbonis, éd. M. BOUQUET, *Recueil des historiens des Gaules et de la France*, tome 7, 2e éd. Paris 1870, p. 556-559

CÍCERO: **Rhetorica Ad Herennium**. Trad. Harry Caplan. Harvard University Press; Illustrated ed., 1954.

CHRONICA ADEFONSI III ROTENSII. In: Gil Fernandez, J.; Moralejo, J. L; Ruiz de la Peña, J.I. *Crônicas Asturianas*. Oviedo: Ediciones Universidad de Oviedo, 1985.

CHRONICON MOSSIACENSE. ed. Georg Heinrich PERTZ. *Scriptores (in Folio) (SS) 1: [Annales et chronica aevi Carolini]*, Hannover, 1726.

**CHRONICA MOZARABICA.** In: Lopez Pereira, J. E. Crônica Mozarabe de 754. Textos Medievales 58. Zaragoza: Anubar Ediciones, 1980.

**CHRONICON NOVALICIENSE.** ed. Georg Heinrich PERTZ. Scriptores (in Folio) (SS) 1: [Annales et chronica aevi Carolini], Hannover, 1846.

CLAUDIUS TAURINENSIS. *Apologeticum atquerescriptum Claudii Episcopi adversus Theutmirum Abbatem.* In: MIGNE, J. P. Patrologiae Latinae, Vol. 104 Paris: 1863.

CLAUDE DE TURIN. (Sources Chrétiennes, n.533). **Deux commentaires sur le Livre de Ruth.** Paris: Éditions Du Cerf, 2009.

CLAUDIUS TAURINENSIS. **Tractatus in epistola ad Ephesios et le Tractatus in epistola ad Philippenses** éditées par C. Ricci dans la série Corpus Christianorum. Continuatio Mediaevalis v.263. Turnhout: Brepols Publishers, 2014.

DUNGALUS RECLUSUS. *Responsa Contra Perversas Claudii Tauronensis Episcopi Sententias.* Patrologia Latina. Vol. 105. Paris, 1864, col. 465 – 530 A.

EINHARD, *Vita Karoli Magni.* Ed. G. Waitz, 6 Ed. MGH SRG, Hanover, 1991,

ERMOLDUS NIGELLUS, **Carmina**, ed. Ernst L. Dümmler, .MGH Poetae latini aevi Carolini 2, Berlin 1884

FRECVLPHI LEXOCIENSIS EPISCOPI. **Ad Judith Augustam Auctoris Praefatio.** In: MIGNE, J. P. Patrologiae Latinae, Vol. 106. Paris: 1864

FREDEGARIUS SCHOLASTICUS. **Fredegarii et aliorum chronica.** Vitae sanctorum (generis regii). Ed.: Bruno Krusch, Hanôver: MGH SS rer. Merov, 1888.

IONAS AURELIANUS. *De Cultu Imaginum.* Libri Tres. In: MIGNE, J-P. Patrologia Latina. Vol.106. Paris, 1864, col.305-388.

ISIDORO DE SEVILHA. *Sentencias.* Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1971. Edição crítica de Julio Campos e Ismael Roca. (Santos Padres Españoles, II).

**KAROLI EPISTOLA GENERALIS. BORETIUS.** A. (ed.). MGH Leges, Capit. 1. Hannover, 1883, p.92.

**LIBRI CAROLINI SIVE CAROLI MAGNI CAPITULARE DE IMAGINIBUS**, ed, H, Bastgen, MGH, Concil. II, Supplem. I, Hanover, Liepzig, 1924, Reedição por A. Freeman colaboração de P. Meyavert, *Opus Caroli Magni contra synodum (Libri Carolini)*, MGH, Concil. II, Supplem. I, Hanover, Liepzig, 1998.

LUPUS SERVATUS (Lupus of Ferrières). *Epistolae.* MGH Epist. VI, Berlin, 1925, 71. 14-16. Walahfrid, De imagine Tetrici, lines 250–55, trans. Herren, pp. 138–39.

NICOLAUS I, **Epistolae 104**, 2, MGH. IN: Epist. (Karolini Aevi, IV). Ed. A. Boretius, 1912.

NICOLAUS I, **Epistolae 38**, 2, MGH. IN: Epist. (Karolini Aevi, IV). Ed. A. Boretius, 1912.

NITARDO. **Historiarum Libri Quattuor**. Ernestus Müller. (ed.) MGH Scriptores , SS 2. Hannover,1907, p. 1-51.

PAULUS DIACUNUS. **Gesta Episcoporum Mettensium** In: MGH, Scriptores (in Folio) (SS), Ed. Gegorgius H. Pertz. Hannover, 1829.

POETAE SAXONIS. **Annalium de gestis Caroli magni imperatoris**. ed. Georg Heinrich PERTZ. Scriptores (in Folio) (SS) 1: [Annales et chronica aevi Carolini], Hannover, 1726 .

SMARAGDUS, ABBAS MONASTERII SANCTI MICHAELIS VIRDUNENSIS, **Via Regia**.

In: MIGNE, J-P. Patrologia Latina. Vol.102. Paris, 1851, col.931-970.

THEGANUS. **Vita Ludovici imperatoris**, pub. MGH. Serie dos Escritores, t.II, Hannover, 1829.

THEODULFUS AURELIANENSIS, **Carmina**, ed. Ernst Dümmler, MGH Poetae 1, Berlin: Hahnsche, 1833.

THEODULFUS AURELIANENSIS. **Carmina**. In: MIGNE, J. P.Patrologiae Latinae, Vol. 105 Paris: 1831.

ΣΥΝΕΣΙΟΣ. **Epistola 105**. Patrologia Graeca, ed. JP Migne, 66 v. Paris, 1857.

WALAFRIDI STRABONIS. **Libellus de exordiis et incrementis quarundam in observationibus ecclesiasticis rerum**, in: MGH, Capit, regum Francorum, II, ed. A. Boretius-V. Krause, 1897, 483.

#### **Demais obras:**

AIRLIE, Stuart. **Bonds of Power and Bonds of Association in the Court Circle of Louis the Pious**. In:Charlemagne's Heir: New Perspectives on the Reign of Louis the Pious (814-840). Org. Peter Godman and Roger Collins. Clarendon Press – Oxford, 1990.

BAJJANI, Lucy Cavallini. **Estudo dos Libri Carolini**: Uma contribuição para o estatuto da imagem na Idade Média. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, p.4. 2009.

BARROS, José D´Assunção. **Os Conceitos** - seus usos nas ciências humanas. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

BARROS, José D'Assunção. **Os conceitos na história?** Considerações sobre o anacronismo. *Ler História*, Lisboa, v. 71, 2017, p. 42-64.

BARROS, José D'Assunção. **Sobre o uso de Conceitos nas Ciências Humanas** – uma contribuição ao ensino de Metodologia. *Revista Educação*. v.7, n.2, 2012.

BELLET, Paulino. **El liber de imaginibus sanctorum bajo el nombre de Agobardo de Lyon obra de Claudio de Turim**. Affligem (Bélgica), Julio de 1954.

**Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

BONSHOF, Egon. **Ludwig der Fromme**. Darmstadt: Primus Verlag, 1996.

BOULHOL, P. Claude De Turin: **Un Évêque Iconoclaste Dans l'Occident Carolingien**: Étude Suivie De l'Édition Du Commentaire Sur Josué. Paris, 2002.

BRAGANÇA, Ubirajara. **Heróis Anônimos da Reforma**: de Cláudio de Turim (séc. IX) a Martinho Lutero (séc.XVI).. Rio de Janeiro. Contextualizar, 2017.

BREGMAN, Jay. **Synesius of Cyrene: Philosopher-Bishop**:University of California Press, 1982.

BROWN, Peter. **The Cult of the Saints**: Its Rise and Function in Latin Christianity. Chicago: The University of Chicago Press, 1981

BURY, John Bagnell. **The Cambridge Medieval History**: Maps III. Germany and the Western Empire. 3. Front Cover. Plantagenet Publishing, 1922.

CHOUQUER, Gérard. **La terre dans les sociétés du haut Moyen Âge**. Droit agraire, propriété, cadastre et fiscalité. Paris, Édité par l'Observatoire des formes du foncier dans le monde, Vol. III, novembre 2017.

COMBA, Emílio. **Claudio di Torino, ossia la protesta di un vescovo**. Florence, 1895.

CRUZ, Estevão. **Pandemia e o negacionismo de cada dia**. In: *Pandemia e Pandemônia: Ensaio sobre biopolítica no Brasil*. Org: CABELO, Mariangela; GHIRALDELLI, Paulo, Jr. SP; CEFA, Editorial, 2020.

CULLEN, J, Chandler. **Between court and counts**: Carolingian Catalonia and the *aprisio* grant, 778-897. *Early Medieval Europe*/Volume 11, Issue 1/p. 19-44 de J. Chavy et É. de Dampierre, Paris, 1971.

D'ABADAL Y DE VINYALS, R. **Dels Visigots als Catalans**. Vol. I. *LaHispania Visigòtica i la Catalunya Carolíngia*. Barcelona: edicions 62, 1969.

DE JONG, Mayke. **The Penitential State Authority and Atonement in the Age of Louis the Pious, 814–840**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

DEPREUX, Philippe. *Nithard et la Res Publica*: un regard critique sur le règne de Louis le Pieux. *Médiévales*, Année 1992, 22-23, p. 149-161.

DEPREUX, Philippe. **Prosopographie de l'entourage de Louis le Pieux (781-840)**, Sigmaringen: Thorbecke, 1997.

DOMÍNGUEZ DEL VAL, U. **Historia de la antigua literatura latina hispano-cristiana**. (siglo IX). Vol.6. Madrid: Fundación Universitaria Española, 2004.

DUBY, Georges. **A História Continua**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, Ed. UFRJ, 1993.

DUINDAM, Joroen, **Law and Empire: Ideas, Practices**. Holanda, BRILL.2013.

FALBEL, N. **Heresias Medievais**. Editora: Perspectiva, 1976. 1 edição – reimpressão. São Paulo. 1999. 93p.

FAVIER, Jean. **Carlos Magno**. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

FELLER, Laurent. Introduction. In: **Les élites au haut Moyen Âge : crises et renouvellements**. (Direction) de François Bougard, Laurent Feller et Régine Le Jan. Belgique, Turnhout : Brepols. 2006.

FRANCO JUNIOR, Hilário; ANDRADE FILHO, Ruy de Oliveira. **O império bizantino**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FREEDBERG, David. **The Power of Images**: Studies in the History and Theory of Response. Editora University of Chicago Press, 1991.

FICHTENAU, Heinrich. **Das karolingische Imperium**, Zürich, Fretz & Wasmuth 1949.

FICHTENAU, Heinrich. **The Carolingian Empire**: The age of Charlemagne. Trad. Peter Munz. Harper&Row, New York, 1964.

FRIGHETTO, Renan. **A Antiguidade Tardia: Roma e as monarquias romano-bárbaras numa época de transformações** (Séculos II – VIII). Curitiba: Juruá, 2012.

FRIGHETTO, Renan. **Cultura e Poder na Antiguidade Tardia Ocidental**. Curitiba: Juruá, 2000.

FRIGHETTO, Renan. **Exílio e Exclusão Política no Mundo Antigo**: De Roma ao Reino Godo de Tolosa (Séculos II a.C. – VI d.C). Jundiaí-SP. Paco Editorial, 2019.

FRIGUETTO, R.. **A guerra e os atos de infidelidade nobiliárquica no reino hispano-visigodo de Toledo, segundo a Lex Wisigothorum**, IX, 2, 8 e 9 nos reinados de Wamba e Ervígio (672-687). In: *Idade Média: abordagens interdisciplinares*. Rio de Janeiro: Itaca, 2008. v. 1. p. 16.

FUNARI, Pedro P. A. **Cultura popular na antiguidade clássica**. 2ª ed. – São Paulo: Contexto, 1996.

FUNCK, F. X. *Ludwig der Fromme : Geschichte der Auflösung des fränkischen Reichs*. Berlin, 1832.

GANSHOF, Louis. **L'étranger dans la monarchie franque**. Bruxelles. Les éditions de la Librairie encyclopédique, 1958.

GANSHOF, Louis. *The Carolingians and the Frankish Monarchy*, ed. and trans. J. Sondheimfr. Ithaca, 1971.

GARCÍA MORENO, Luis A. **Los Hispani emigrantes y exiliados ibéricos en la Francia carolingia. Realidad y mito historiográfico**. In: Movimientos migratorios, asentamientos y expansión (siglos VIII-XI). En el centenario del profesor José María Lacarra: XXXIV Semana de Estudios Medievales. Estella, 2008, p. 53-76.

GEARY, Patrick. **O mito das nações: a invenção do nacionalismo**. São Paulo: Conrad, 2005.

GILLARD, Xavier. **Hispani et Aprisionnaires dans l'Empire Carolingien (VIII - XE SIÈCLES)**. Atelier National de Reproduction de Thèses, 2008.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância**. São Paulo. Companhia das Letras, 2001.

GOLDBERG, Eric J, "Louis the Pious and the Hunt," *Speculum* 88, no. 3, 2013, 613-643.

GREIN, Everton. **Os Hispani na Corte Carolíngia (séculos VIII-IX)**. Revista Diálogos Mediterrânicos. Curitiba: UFPR, n°14 – Junho/2018.

HALPHEN, Louis. *Charlemagne et l'empire carolingien*. Paris, 1947.

HALPHEN, Louis. **Carlomagno y el Imperio Carolíngio**. (Trad. Jose Almoína). México: UTEHA, 1955.

HAUCK, Albert. *Kirchengeschichte Deutschlands*, 5th ed., Leipzig, 1935.

HEEBOLL-HOLM, Thomas K. **Between Pagan Pirates and Glorious Sea-Warriors: The Portrayal of the Viking Pirate in Danish Twelfth-Century Latin Historiography**. *Viking and Medieval Scandinavia*, 8, BREPOLS PUBLISHERS (2012), p. 141–170

HERRIN, Judith. **The Formation of Christendom**. Princeton. University Press, 1987.

HEYDEMANN, Gerda. **Nemo militans Deo implicat se saecularia negotia**: Carolingian interpretations of II Timothy II. 4. Volume 29, Issue 1. Special Issue: Themed edition: The early medieval secular. February 2021, p. 55-85.

HIMLY, Auguste. *Wala et Louis le Débonnaire*. Paris, thèse de doctorat, 1849.

ITALIANI, G. **La tradizione exegética nel commento ai Re di Claudio di Torino**, Firenze 1979.

Jonas D'Orléans. (Sources Chretiennes, n.549). **L'instructions de Laïcs**. Paris: Éditions Du Cerf, 2012.

JONG, Mayke de. **Power and Humility in Carolingian Society: The public Penance of Louis the Pious**. Early Medieval Europe, I, 1992.

JONG, Mayke de. *Sacrum palatium et ecclesia L'autorite religieuse royale sous les Carolingiens* (790-840). Annales HSS, novembre-d?cembre 2003, n.6, p. 1243-1269.

JONG, Mayke de. **The State of the Church: ecclesia and early medieval state formation**. in: W. Pohl and V. Wieser (eds.) Der frühmittelalterliche Staat: Europäische Perspektive Forschungen zur Geschichte des Mittelalters 16 (Vienna, 2009), pp. 241-255

KLEINCLAUZ Arthur. *L'empire carolingien*. Paris, Hachette, 1902.

KOSELLECK, Reinhart. **Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos**. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 134-146.

LE GOFF, Jacques. **Le Moyen Âge expliqué aux enfants**. Editions Du Seuil, Paris, 2006.

LE GOFF, Jacques. **Para um novo conceito de Idade Média: tempo, trabalho e cultura no Ocidente**. Trad. Maria Helena da Costa Dias. Lisboa: Estampa, 1980.

LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; Revel, Jacques. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LE JAN, Régine. “**Frankish Giving of Arms and Rituals of Power: Continuity and Change in the Carolingian World**,” in *Rituals of Power from Late Antiquity to the Early Middle Ages*, ed. Frans Theuws and Janet L. Nelson, *The Transformation of the Roman World* 8 (Leiden: Brill, 2000), 281–30

LE JAN, Régine. **La royauté et les élites dans l'Europe carolingienne** (du début du X siècle aux environs de 920), Lille, Centre d'Histoire de l'Europe du Nord-Quest, 1998.

LEMERLE, Paul. **História de Bizâncio**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LEMMO, Pasquale. **História dos Valdenses**. Crescer Mais, 1922.

LOT, Ferdinand. **La naissance de la France**. Paris, 1948. HALPHEN, Louis. *Charlemagne et l'empire carolingien*. Paris, 1947.

MACHADO, Arlindo. **O quarto iconoclasmo e outros ensaios hereges**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.

MAGALHÃES, Ana Paula Tavares. **A historiografia Alemã do Século XIX: Política e Poder na construção do “Mito da Nação”**. Revista *Ágora*, Vitória, n. 30, 2019, p. 192-208.

MAGUIRE, Henry. **Art and Eloquence in Byzantium**. Princeton: Princeton University Press, 1994.

MALHADAS, D.; DEZOTTI, M. C. C.; NEVES, M. H. M. (coord.). **Dicionário grego-português Vol. 4**. Cotia: Ateliê Editorial, 2006.

MALHADAS, D.; DEZOTTI, M. C. C.; NEVES, M. H. M. (coord.). **Dicionário grego-português Vol. 3**. Cotia: Ateliê Editorial, 2006.

MANACORDA, Macio Alighiero. **A educação na Alta Idade Média**. In: \_\_\_\_\_. História da educação: da antiguidade aos nossos dias. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1996. p. 111-139.

Marrou, H. I. 1963. “**Synesius of Cyrene and Alexandrian Neoplatonism**.” In Arnaldo Momigliano (ed.), *The Conflict Between Paganism and Christianity in the Fourth Century*, Oxford: Oxford University Press, 128–150.

MARROU, Henri-Irénée. **L’ Église de l’Antiquité (303-604)**. Paris: Éditions Du Seuil, 1985.

MARTINEZ, Francisco Maria Marin. **Manual de patrologia y de patristica**. Guadalajara: Burgos, 1903.

MCCRACKEN, G. E. **Early medieval theology**. The library of Christian classics. Louisville, Westminster John Knox, 1957.

MCCRACKEN, George E.; CABANISS, Allen. **Early Medieval Theology**. Filadélfia, The Westminster Press. 1957.

MCKITTERICK, Rosamond. **Charlemagne: The Formation of a European Identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

MELLO, José Roberto. **O Império de Carlos Magno**. São Paulo: Ática, 1990.

MENDONÇA, Sonia Regina de. **O Mundo Carolíngio**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MENÉNDEZ PELAYO, Marcelino. **Historia de los heterodoxos españoles**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1948.

MERINO, Marcelo. **Introdução**. In: DHUODA. *La Educación cristiana de mi hijo*. Pamplona: Editora Eunete, 1995.

MORENO, Luís A. Garcia. **Espanha 702-719: La conquista muçulmana**. Universidad D Sevilla, Secretariado de Publicaciones, 2014.

MUCENIECKS, André S. **Gregório Magno e a construção do modelo pastoral do medievo**. Via Teológica. Vol. 14, n.28, dez.2013, p. 08 – 23.

MÜHLBACHER, Englebert. *Deutsche Geschichte unter den Karolingern*. Stuttgart, 1896.

NELSON, Janet L. **The frankish kingdoms, 814-898: The West**. In: The New Cambridge Medieval History. Volume II c.700-c.900. Ed. Rosamond McKitterick. Cambridge University Press. Cambridge, 1995.

NOBLE, F. X. Thomas. **Charlemagne and Louis the Pious: lives by Einhard, Notker, Ermoldus, Thegan, and the Astronomer**. Pennsylvania. The Pennsylvania State University Press University Park, 2009.

NOBLE, Thomas F. X. **Images, iconoclasm and the carolingians**. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2009.

NUNES, R. **O dever da fidelidade no manual de Dhuoda**. In: SOUZA, J. A. C. R. (Org.). O reino e o sacerdócio: o pensamento político na Alta Idade Média. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

OLIVEIRA, W. F. A **Antiguidade Tardia**. São Paulo: Ática, 1990.

ORLANDIS, José. **La circunstancia histórica del adopcionismo español**. Scripta Theologica 26 (1994/3).

QUASTEN, Johannes. **Patrología. II: La edad de oro de la literatura patrística griega**. Biblioteca Autores Cristianos, 2004.

REUTER, Timothy, **The End of Carolingian Military Expansion**, in: Peter Godman and Roger Collins (eds.), Charlemagne's Heir: New Perspectives on the Reign of Louis the Pious (814-840) (Oxford, 1990) 391-405.

RICHÉ, Pierre. Introdução. In: **DHUODA**. Manuel pour mon fils. Paris: Sources Chrésiennes, 1975)

ROCHA PEREIRA, Maria Helena Monteiro da. **Estudos de História da Cultura Clássica II**. Cultura Romana. 3.<sup>a</sup> ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

RUST, Leandro Duarte. **A guerra como sacramento: bispos e violência antes das cruzadas (850-1050)**. Revista de história, Juiz de Fora, v. 22, n. 1, p. 207-230, 2016.

RUST, Leandro Duarte. **Bispos guerreiros: violência e fé antes das cruzadas**. Petrópolis: Vozes, 2018

SASSIER, Yves. **L'utilisation d'un concept romain aux temps carolingiens La res publica aux IXe et Xe siècles**. Médiévales, Année 1988. 15 , p. 17-29.

SCHÄPERS, Maria. **Ludwig der Fromme und die Jagd: Rechtliche, soziale und politische Aspekte**. Master's thesis, University of Bonn, 2006.

SCHMITT, Jean-Claude. **Le corps des images**. Essais sur la culture visuelle au Moyen Age. Paris: Gallimard, 2002.

SCHMITT, Jean-Claude. **O corpo das imagens**: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média. Bauru, SP. EDUSC, 2007.

SEMERIA, Giovanni Battista. **Storia della Chiesa Metropolitana di Torino**. Torino, 1840.

SIMSON, Bernhard. *Jahrbücher des fränkischen Reichs unter Ludwig dem Frommen*, 2 vols. Berlin, 1876.

SOUZA, José Antônio de Camargo (Org.). **O reino e o sacerdócio**: o pensamento político na Alta Idade Média. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

STADLER, Thiado David. **Por uma noção de história em Plínio, o Velho (séc I d,C)**. (TESE) – Curitiba, 2015.

SUETONIUS, **Life of the Caesars**. Trad. Catherine Edwards. UK, Oxford University Press, 2000.

SYMCOX, Geoffrey W; CARDOZA, Anthony L. **A History of Turin**. Accademia delle Scienze di Torino, Giulio Einaudi editore, 2006.

VEYNE, Paul. **A história conceitual**. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. História: Novos problemas. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979. p. p.64-88.

WALLACE-HADRIL, John M. **El Occidente Bárbaro 400-1000**. Trad. Bernardo Santano Moreno. Sílex ediciones, Madrid, 2014.

WEBER, MAX. **Économie et société**. I. Les catégories de la sociologie (trad. française sous la direction

WEMPLE, Suzanne Fonay. *Women in Frankish Society: Marriage and the Cloister, 500 to 900* : University of Pennsylvania Press, 1981.

WICKHAM, Chris. **O legado de Roma**: Iluminando a Idade das Trevas, 400-1000. Campinas,SP: Editora Unicamp, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2019, 706.

WOOD, Ian. **The Merovingian Kingdoms 450-751**. Longman Group United Kingdom, 1994.

ANO (ESTAÇÃO/MÊS)	Imperador	Local	Fonte
799 (???)	Carlos Magno	Próximo Aquisgran	KMLP
802 (verão)	Carlos Magno	Ardennes	ARF
802 (verão)	Carlos Magno	Floresta de Bohemian	AMP
803 (verão)	Carlos Magno	Bavaria	AMP
804 (verão/outono)	Carlos Magno	Ardennes	ARF
805 (julho)	Carlos Magno	Vosges	ARF/AMP
811 (outono)	Luís, o Piedoso	Aquitânia	VH 17
813 (outono)	Carlos Magno	Próximo de Aquisgran	VH 30
817 (abril/maio)	Luís, o Piedoso	Nijmegen	ARF/VH 28
817 (verão/outono)	Luís, o Piedoso	Vosges	ARF/VH 29
819 (verão/outono)	Luís, o Piedoso	Ardennes	ARF/VH 32
820 (outono)	Luís, o Piedoso	Próximo de Quiezy/Aachen	ARF
821 (verão/outono)	Luís, o Piedoso	Vosges	ARF/VH 34
822 (outono)	Luís, o Piedoso	Ardennes	ARF/VH 35
823 (outono)	Luís, o Piedoso	Ardennes	ARF
825 (primavera)	Luís, o Piedoso	Nijmegen	ARF/VH 39
825 (verão)	Luís, o Piedoso	Vosges	ARF/VH 39
825 (outono)	Luís, o Piedoso	Ilha próximo Ingelheim	Ermoldus 4
826 (verão)	Luís, o Piedoso/Carlos o Calvo	Salz	ARF
826 (verão/outono)	Luís, o Piedoso	Próximo Compiègne/Quierzy	VH 41
827 (verão/outono)	Luís, o Piedoso	Próximo Aquisgran	TMMP 2,3
828 (primavera)	Luís, o Piedoso	Próximo Aquisgran	TMMP 2,6
828 (primavera)	Luís, o Piedoso	Frankfurt	ARF/VH 43
829 (outono)	Luís, o Piedoso	Vosges	VH 46
831 (verão/outono)	Luís, o Piedoso	Próximo Soissons/Compiègne	VH 48
833 (verão)	Lotário I	Ardennes	VH 52
834 (primavera)	Luís, o Piedoso	Remiremont	VH 52
835 (verão)	Luís, o Piedoso	Ardennes	AB/VH 57
836 (primavera)	Luís, o Piedoso	Remiremont	AB
836 (verão/outono)	Luís, o Piedoso	Frankfurt	AB/VH 55
837 (primavera)	Luís, o Piedoso	Ardennes	VH 58
838 (setembro/outubro)	Luís, o Piedoso	Ver/Compiègne	AB/ VH 59
839 (julho)	Luís, o Piedoso	Kreuznach	AB
839 (verão)	Luís, o Piedoso	Ardennes	AB/VH 61
842 (verão)	Lotário I	Ardennes	Nithard 4,4
850 (verão)	Lotário I/Luís o Germânico	Ardennes/Osning	AX
864 (???)	Carlos o menino	Floresta de Cuise	AB, Red (870)
864 (???)	Carlomano	Próximo de Regensburg	AB
864 (???)	Luís o Germânico	Entre Bavaria e Frankfurt	AB
864 (???)	Luís II da Itália	Itália	AB
865 (Setembro)	Carlos o Calvo	Orville	AB
867 (outono)	Carlos o Calvo	Saint-Vaast/Orville	AB
868 (outono)	Carlos o Calvo	Orville	AB
869 (outono)	Carlos o Calvo	Ardennes	AB
870 (setembro)	Carlos o Calvo	Floresta de Cuise	AB
871 (???)	Carlos o Calvo	Orville (cancelada)	AB
872 (setembro)	Carlos o Calvo	Ardennes	AB
873 (novembro)	Carlos o Calvo	Orville	AB
884 (dezembro)	Carlomano	Floresta de Bezu	AF/AV/Reg
954 (setembro)	Luís IV	Próximo de Reims	Flodoard
987 (maio)	Luís V	Próximo de Senlis	Richer 4,5

Abreviações de fontes: (Tabela extraída do artigo de Eric J. Goldberg)

**AB** – Annales Bertiniani

**AMP** – Annales Mettense priores

**ARF** – Annales regni Francorum

**AV**- Annales Vedastini

**ERMOLDUS**- Ermoldus Nigellus – In honorem Hludowici imperatoris

**KMLP** – Karolus Magnus et Leo Papa

**NITHARD** – Nithard, Libri Historiarum IIII

**Reg** – Regino de Prüm, Chronicon

**Richer**- Richer, Historiarum libri IIII

**TMMP** – Einhard, Translatio et miracula sanctorum Marcellini et Petri

**FLODOARD** – Flodoard, Annales

**VH** – Astronomo, Vita Hludowici

**VK**- Einhard, Vita Karoli

**AX** – Annales Xantenses